





Class F 2521

Book .N66

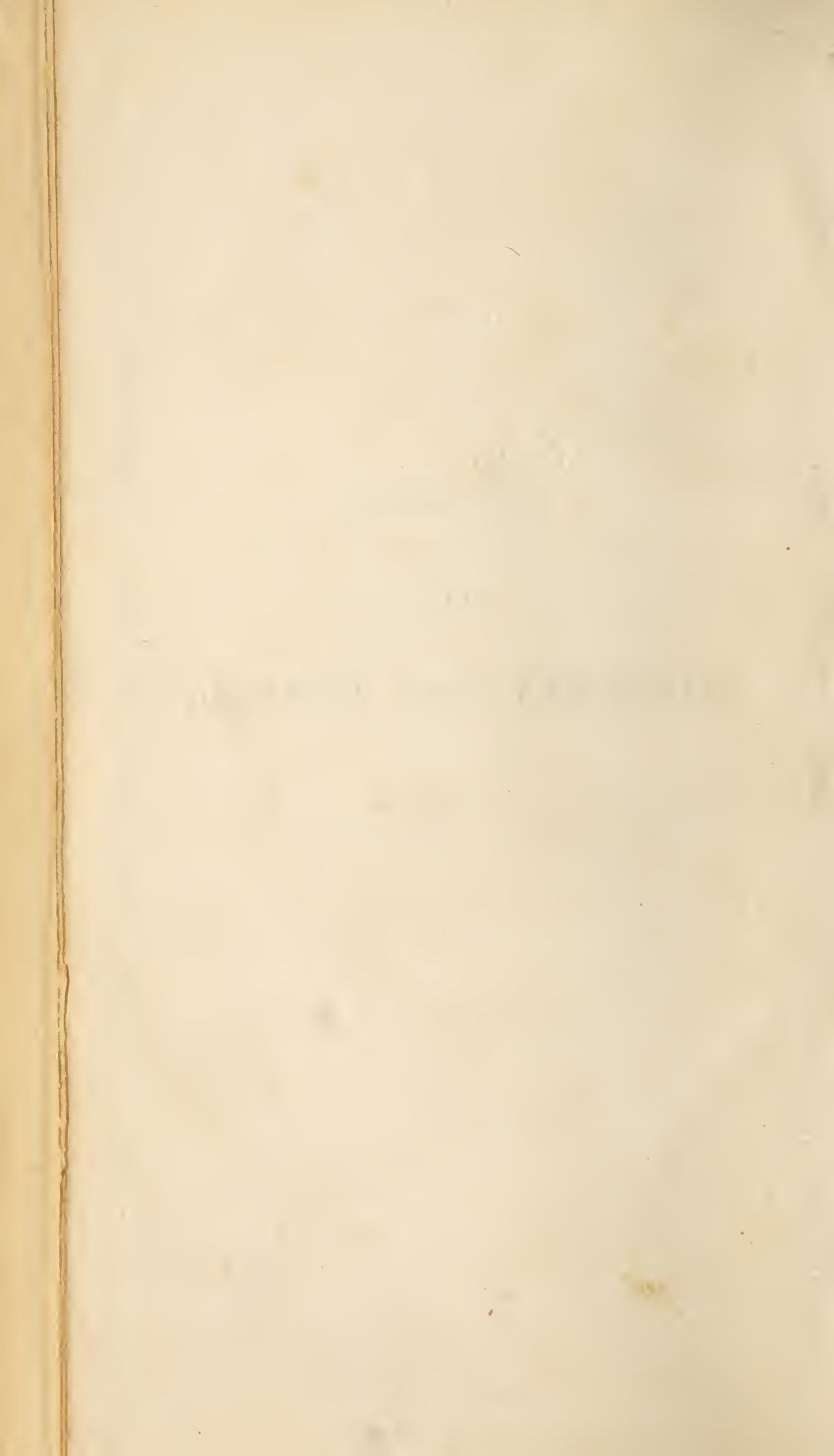




Resumo

DA

**HISTORIA DO BRASIL.**



# Resumo

DA

## HISTORIA DO BRASIL

ATÉ 1828,

*Ferdinand*

Traduzido de M. Denis, correcto e augmentado

Por

*H. L. de Niemeyer Bellegarde.*



Rio de Janeiro,

NA TYPOGRAPHIA DE GUEFFIER E C<sup>o</sup>,

RUA DA QUITANDA, 79.

1831.

F2521

.N66

255903  
18

18-22547

9.3.13 Rec. 4.º 8

A.

M. e Exc. Genr. General

Antonio Manuel da Silveira e Sampaio,

O., D. e C.,

como respeitoso tributo ao seu  
affincado interese pela Patria,

J. L. de Niemeyer Bellegarde.



## Advertencia.

O original d'esta Obra hé por vezes inexacto; nos trabalhamos para que a traducção o não fosse. Todas as passagens que aqui se acharem nas primeiras épocas, estranhas ao Resumo Francez, estão em D. de Goez, Rocha Pita, Madre de Deos, Ayres do Casal, Lery, ou Southey.

Quanto á parte contemporanea que nos diz respeito, limitamo-nos á pura e ingenua exposição dos factos, por assim o exigir o plano d'este Epitome.

---



# Resumo

DA

## HISTORIA DO BRASIL.



### PRIMEIRA ÉPOCA.

O Brasil antes da conquista.

---

He huma verdade infelizmente incontestável, que, a toda a parte onde os Europeos tem levado suas conquistas, as Nações selvagens tem rápidamente diminuido. Não são sómente as guerras, que tem exterminado os Indigenas do Novo Mundo, he preciso contar entre as causas da sua ruina, as molestias importadas por nós, e a escla-

vidão, a que elles tem por tantas vezes preferido a morte.

*Paw* disse: « Nada mais existe da antiga America, do que o céu, a terra, e a dolorosa memoria das suas espantosas desgraças. » Esta frase contém em poucas palavras a Historia de muitos milhões de homens. As grandes Nações que existião na época da conquista, se tem extinguido, e as fracas Tribus de quem se despresou a alliança sobreviverão: a civilisação destruiu as primeiras, a natureza selvagem conservou as outras para nos offererem huma evidente prova de que se não deve fazer passár immediatamente hum Povo do estado inculto aos nossos hábitos sociaes, bem como se não pode de hum salto fazer retrogradár as Nações. Nos seculos futuros se estudará talvez com mais interesse do que no prezente a Historia dos Americanos, porém o complexo de documentos contraditorios que surgirão espalhará grande obscuridade sobre

tempos aliás pouco remotos : he pois interessante recorrer actualmente ás verdadeiras origens, e conservar com escrupulosa exactidão os principaes vestigios das Hordas indigenas, com especialidade d'aquellas que tem cessado de existir.

A Nação dos *Tupís*, depois de ter vencido a dos *Tapuyas*, extendeo antigamente o seu Imperio sobre a maior parte das costas do Brasil e da Guyana; he provavel que, em sua origem, esta Nação proviesse dos Povos bellicosos do Paraguay onde huma Povoação inteira conserva o nome primitivo que se modificou segundo as Tribus.

Bem como em outro tempo se vio na Europa, o Norte enviár innumeraveis Legiões sobre os Estados do Meio Dia, o Sul de America Meridional fornecco novos habitantes as ferteis regiões que se aproximão da Equinocial. Os conquistadores depois de

terem expellido para o interior do paiz os outros habitantes, se devidirão em Tribus: a dos *Tupinambás* hera a mais celebre.

Encontrão-se , com pouca differença os mesmos usos e costumes na maior parte das Tribus: todas manifestão huma propensão decidida para a vida errante , e o desejo de perfeita independencia : por toda a parte se achão provas irrefragaveis de que o estado selvagem em que vivião estes Povos reunia vantagens que a civilisação só pode offerecer no fim de muitos seculos.

Apesar de não serem agricolas , os Tupís se davão á cultura de certos vegetaes de reconhecida utilidade: a mandioca e as batatas crescião em abundancia nas visinhanças de suas habitações; he porem certo que as colheitas não pertencião exclusivamente a ninguem. O producto da caça e da pesca hera a base do nutrimento de todas as fami-

lias. He provavel que a maior ou menor abundancia de caça em hum lugar determinasse a duração da residencia; com tudo acontecia que a morte de alguns, ou o capricho dos *Feiticeiros*, operava esta mudança; então transportavão a muitas legoas o pequeno numero de cabanas que compunha a Aldêa.

Estas habitações se construião rapidamente, porque em toda a parte se encontram taquáras e coqueiros, para formarem as parêdes e os tectos. Muitas familias se reúnio na mesma cabana, porém isto não significa communitade absoluta de bens; cada hum tinha o seu arco, sua rêde, suas flechas, seu alfange de páo, e seus diversos ornamentos de pennas quasi sempre resultado da industria das mulheres.

Nos lugares onde se podia temer a invasão inimiga, as Aldêas herão fortificadas

por meio de pallissadas. Vê-se na antiga viagem de *Hans-Stade*, que estas defesas, nem sempre os punhão ao abrigo da furor dos inimigos, que incendiavão as habitações lançando sobre ellas flechas guarneçadas de algodão inflamado. Não se sabe com tudo, se foi á vista das armas de fogo que os Cabocolos deverão esta idéa, ou se ao engenho inventivo de destruição, tão natural ao homem. As proximidades das fortificações herão defendidas por meio de fojos.

Eis o que temos a dizer, respeito aos meios de subsistencia, e recursos defensivos d'estes Povos: passemos agora a tratar da Religião e forma de Governo adoptados por elles.

Os Indigenas do Brasil reconhecião a existencia de hum bom, e de hum mão principio: Deos se lhes manifestava pelo estrondo do trovão, e não herão isemptos do temor do *Anhanga*, ou espirito maligno.

He de toda a incerteza que fizessem sacrificios á Divindade, porém sabe-se que julgavam aplacár o Genio malfazejo, collocando sobre os túmulos de seus maiores muitos alimentos, e bebidas fermentadas. Segundo huma antiga tradição, existião em algumas Aldêas, Templos onde se adorava o *Maracá*. Este instrumento sagrado, ainda hoje em uso, se compunha de huma coloquintida cheia de seixinhos ou grãos seccos, e armada de hum cabo de páo, com o qual a agitavão os Feiticeiros, especie de sacerdotes conhecidos pelo nome de *Págés*, cujas funcções não varião em toda a costa d'esta porção da America, e que se encontrão sempre com o Maracá, emblêma de seus poderes. Antes de receberem as distincções do poder sacerdotál, passavão pelas mais terriveis provas: durante muitos annos selhes impunha tão rigorosa abstinencia, que muitas vezes a morte os privava de gosarem do fim dos seus trabalhos. A Historia

nos conserva parte dos usos exteriores d'estas iniciações ; porém mais interessante seria conhecer as convenções particulares dos Págés , que tinham por fim illudir os Selvagens seus compatriotas ; este segredo foi tão bem guardado , como os dos Povos mais civilizados da antiguidade ; só se pode assegurar que em toda a parte onde os Págés estabelecão o Maracá , lhe vinhão trazer numerosas offrendas. Estes homens herão quem nas épocas mais criticas infundião nos guerreiros o esforço , e a constancia : n'estas occasiões excluião as mulheres da cabana onde se ajuntava o conselho , executavão algumas danças lentas e misteriosas , e recebião successivamente o fumo do *petuma*.

Hera tal a influencia dos sacerdotes selvagens , que os infelizes que incorrião na sua indignação , julgavão não poder subtrahir-se á morte , e allucinados pelas terri-

veis sentenças dos Págés, se abandonavão á desesperação, e appressavão em realizar taes imprecações. Por isto se pode fazer perfeita idéa do ascendente que tinham estes entes poderosos sobre o estado social dos Indigenas Brasileiros. O Povo se persuadia que assim como elles tinham o poder de dár a morte só com palavras, tambem da mesm'arte podião restituir á vida : por isso os chamavão para cuidarem dos enfermos mais perigosos; e ainda que os meios que empregavão os Págés para os curativos, tivessem mais ou menos relação com as frívolas práticas da mágica, elles não herão totalmente estranhos ao conhecimento das propriedades de algumas plantas, sendo com tudo as curas que effectuavão, attribuidas mais ao poder sobrenatural de que os suppunhão dotados, do que a este conhecimento.

Os Págés não tinham grande influencia

no governo, o qual hera extremamente simples, e se encontra identico em todas as Tribus. Cada Aldêa tinha hum Chefe civil cuja authoridade se limitava á de aconselhár; este foi em todos os tempos o direito da velhice, por isso estes Chefes herão de idade avançada, representando hum pai de familia no meio de seus filhos: *Lery* lhes dá este titulo.

Com effeito, em Aldêas pouco povoadas, como as dos Americanos, todos devião achar-se mais ou menos ligados de parentesco.

Havia entre os Tupís o uso dos grandes conselhos, onde se fumava, como entre os Americanos do Norte, o cachimbo da paz; ali se discutião os negocios importantes e de interesse geral.

Para ser admittido no corpo dos guerreiros, hera preciso submetter-se a provas rigo-

rosas, ainda que menos do que as dos Pagés. Os combatentes nomeavão o Chefe que os conduzia á peleja; a experiencia das guerras precedentes os guiava na escolha. A auctoridade do General cessava com a guerra.

O valor não hera só sufficiente para commandar estas falanges, muitas vezes se tornava indispensavel usar de talentos militares, fructos da reflexão e experiencia.

As guerras não se fazião sempre como entre as Nações modernas, onde a victoria pertence por excellencia á estrategia: empregavão-se todos os meios de surprender o inimigo, mas davão-se batalhas campaes repetidamente, cujos choques herão terriveis. Se os assaltantes herão repellidos no ataque de alguma Aldêa fortificada, praticavão hum sitio regular, isto he, formavão a certa distancia, com ramos flexiveis, hum elevado parapeito, d'onde podessem lançar

as flechas sobre o inimigo , e interceptar-lhe a passagem dos viveres ; porem , como geralmente lhes faltava a elles mesmos as munições necessarias , todas as operações se terminavão de prompto , acontecendo que o sitiante , achando - se cercado em suas proprias obras , deixava grande numero dos seus em poder do inimigo. O Oceano hera mui frequentemente o theatro das proêsas dos Tupinambás, e aqui se exigia ainda mais habilidade da parte do General. Numerosas pirogas construidas de hum só tronco , formavão as forças navaes d'esta Nação.

Não devemos deixar em silencio hum uso commum á maior parte dos Povos da America , e tão notavel como o do sacrificio dos prisioneiros , e dos repugnantes festins em que estes miseraveis servião de pasto a seus rivaes ; porem se os Povos anthropophagos horrorisão os Europeos, quanto mais horror não deve excitar-lhes a lembrança

dos enormes crimes a que esta barbaridade servio de excusa.

Estes homens, que tão crueis nos pintão, davão, he verdade, a morte a alguns prisioneiros : pratica a que se julgavão authorisados, porque seus maiores haviam recebido iguaes tormentos do inimigo em semelhantes occasiões ; a estupidez lhes não deixava vêr o horror da vingança, mas esta vingança hera prompta, não tinham inventado, como os que se jactão de serem civilisados, prisões subterraneas, masmorras negras e empestadas, onde se respira o horror do captiveiro e o desejo da morte. Entre os Tupis, o prisioneiro destinado ao sacrificio gosava até aos ultimos instantes, dos praseres da vida, só esta lhe era exigida, e não querião que ella o abandonasse entre pungentes sofrimentos. Os vencedores lhe escolhião nos prisioneiros huma esposa entre as donzellas mais distinctas em belleza. Esta escravidão que

devia terminar de huma maneira tão tragica durava ordinariamente mezes, e se prolongava algumas occasões a annos inteiros. Como o sacrificador gosava de particular consideração, muitos guerreiros reservavão esta honra para seus filhos, e esperavão que elles chegassem a estado de se encarregar da execução.

Depois d'este acto, o sacrificador mudava de nome, e praticava na perna huma profunda incisão; singular ferrête de huma nobresa de nova especie, mórmente não se tendo o algôs exposto a apoderar-se do prisioneiro no combate.

Bem que em quasi toda a America se observe pouca differença nas ceremonias, quando a Nação se reúne para immolar huma victimha, os usos dos Cabocolos em geral herão menos crueis que os de muitos outros Povos, que insultavão e mutilavão os prisioneiros

antes de lhes dár a morte, o que estes só fazião aos Págés inimigos.

O estabelecimento dos Portuguezes no Brasil produzio grande mudança na sorte dos que cabião nas mãos do inimigo; os Selvagens preferião vendel-os como escravos, á odiosa satisfação de saciár n'elles a raiva contra outra Tribu: d'isto mesmo, porém, resultou nova desgraça, consecuencia inevitavel do deshumano tráfico da escravatura: as guerras se multiplicarão, tornando-se mais destructivas.

As transmigrações d'estes Povos, suas deradeiras guerras, e em fim sua quasi total aniquilação, eis o que importa mostrár em summario, tratando de algumas Tribus importantes de que não temos ainda fallado.

Os Tapuyas, expulsos por toda a parte do territorio que anteriormente occupavão, pro-

curarão hum asilo no interior do paiz; os matos virgens não poderão ainda subtrahil-os ás perseguições dos Selvagens conquistadores, e, só oppondo o mais decidido valor aos furores do terrivel inimigo, escaparão em parte ao captiveiro, ou á morte. Este Povo, que em outro tempo tinha formado grande numero de Nações poderosas, se achou disperso, e por consequencia fraco.

Ainda que os Tapuyas tivessem alguma semelhança com os Tupís, se accreditámos hum antigo manuscripto, differião d'elles na linguagem, e em muitos costumes; passa por certo que não sacrificavão os prisioneiros, o que os usos das Tribus existentes parecem desmentir.

Pouco depois da derrota dos Tapuyas, as Hordas que se tinham reunido contra elles, se dividirão, e tornarão inimigas capitaes. A Historia menciona os nomes das principaes

Nações Tupís, ao passo que indica algumas de suas guerras, muitas vezes funestas aos Europeos. Os *Tupinambás*, *Tupinacs*, e os *Tupiniquins*, herão as tres principaes; podem-se depois admittir os *Tamoyos*, *Cahetés*, *Amapiras*, etc. Muitas Nações estabelecidas nas visinhanças d'estas, não parecião pertencer á raça dos Tupís, nem á dos Tapuyas, talvez fossem restos dos mais antigos habitantes, ou que proviessem de outros do interior, d'onde tivessem sido expulsas. Hum sábio Alemão observou muitas d'estas Tribus no Perú, e assegura que algumas adoravão o sol; entre estes se devem contár os temiveis *Ubirajards*, que vivião no centro da Provincia da Bahia, e que não entendião a linguagem de nenhum dos seus visinhos.

As tradições incertas das Tribus conquistadas pelos Portuguezes, são fraco soccorro para a Historia; com tudo ellas nos tem guiado, e nos servirão ainda na exposição das

guerras que sustentarão os Indigenas. He já difficil estabelecer de huma maneira incontestavel o lugar do dominio de cada Povo por occasião da descoberta, e quasi impossivel fazel-o para épocas anteriores. Nos procuraremos com tudo, dizer o que há de mais certo a este respeito, começando pelo Sul.

Os *Carijós*, que se julga terem pertencido á grande Nação dos *Guaranys* do Paraguay, forão sem custo conquistados, e, como mais dispostos a adoptár a vida agricola, muito uteis aos Colonos de S. Vicente. Os Povos selvagens dos arredores os despresavão como cobardes. Elles não tardarão em alliar-se com os conquistadores; nos sertões do Brasil se encontrão ainda muitos mestiços que d'elles descendem, ainda que a familia primitiva esteja extincta.

Os Tamoyos herão senhores de toda a costa comprehendida entre o Cabo de S. Thomé,

e Angra dos Reys , e ainda que os mais habeis na arte de fortificar, forão primeiramente expellidos para o interior pelos *Goaytacases*; mas voltando logo as margens do Oceano , os Portuguezes os destruirão completamente. Seus primeiros inimigos não tiveram melhor sorte; vencidos em diferentes combates, forão obrigados a dispersar-se, e na extramidade da Provincia do Rio de Janeiro, existem ainda fracos restos de suas Tribus, com o nome de *Coroados*, os quaes vivem em plena paz com os Brasileiros, bem que conservando huma parte dos antigos usos. Os *Goaytacases* são talvez os unicos Cabocolos que deixassem monumentos capazes de excitar a curiosidade dos Antiquarios; elles enterravão seus guerreiros em grandes vasos de argilla, e em diferentes occasiões, se tem descoberto muitas d'estas sepulturas.

Não fallaremos dos *Goayanases*, que forão aniquilados, ou que se unirão a outros,

porque a Nação não hera assaz consideravel para poder resistir as forças dos Europeos, e dos Selvagens com quem tinham guerra.

Não pode deixar de surprender que hum Povo como o Tupinambá não deixasse vestigio algum na Provincia do Rio de Janeiro, o que prova que na emigração geral, as Tribus se reunirão. Nos indicaremos as causas d'esta unanimidade, tão notavel entre hum Povo numeroso, fallando dos Indigenas de S. Salvador.

Os Tupiniquins, e os Tupinaes, formavão antigamente huma só Nação : por isso, habitando ambos huma parte da costa entre Rio de Janeiro e Bahia, e tendo diversos interesses, jamais se vio a guerra entre elles. Foram os Tupiniquins que acolherão o Almirante *Cabral*, e parece que mal recompensados forão de sua hospitalidade; porque algum tempo depois do estabelecimento dos primei-

ros Portuguezes , abandonarão a costa , e se refugiarão nos matos que cobrem este delicioso territorio.

Todos os recursos offerecidos pela natureza são mesquinhos para hum Povo selvagem , cuja industria não cresce na razão das necessidades ; he provavel que os Tupiniquins tirassem grande partido da pesca , extremamente abundante n'estas paragens , e que este fosse o motivo que os indusio a vir habitar á beira-mar ; porem , talvez não fugindo aos bosques , tivessem evitado participar da sorte cruel dos Portuguezes ; a feroz Nação dos *Aymores* desceo do interior , e destruiu sem distincção Europeos , e Americanos. Falla-se com razão dos serviços que os Tupiniquins prestarão aos Portuguezes ; elles se submeterão á civilisação , e se distinguirão pela doçura de seus costumes ; a sua existencia actual he miseravel. Os Tupinaes formarão provavelmente nova alliança com esta Nação.

Depois que os Indigenas Brasileiros se não podem glorificar do titulo sagrado d'indpendentes , juntarão suas desgraças , e , em pouco , a palavra Americano bastará para designar muitas raças , que em outro tempo forão inimigos irreconciliaveis.

Os Aymores , que adquerirão tão funesta celebridade , só apparecerão na costa , muito tempo depois do descobrimento. Pensa-se geralmente que este Povo descendia de huma Tribu de Tapuyas , que destacada nas solidões do interior , tinha perdido as mesmas grosseiras artes de seus ascendentes. Os proprios Selvagens os olhãõ como a irracionaes , por ignorarem a maneira de construir huma cabana , e não saberem adornar-se com as ricas plumas cujo uso se encontrava em todas as outras Tribus. Elles tinhão ainda outro character mais distincto , que consistia no invencivel temor da agoa , o que os impedia de perseguir o inimigo , quando este trans-

punha hum rio , ou hum lago. Esta circumstancia nos parece attestar que os Aymorés provinhão das Hordas habitantes das áridas planices de Pernambuco, Ceará, e Piauby; pois que hum Povo bárbaro que habita as margens dos rios, não deve ignorár muito tempo a arte de nadár. Os Aymorés fazião mais uso da carne humana do que os anthropóphagos de que temos fallado, e a conservavão como qualquer outro nutrimento, sem a isso juntarem idéa alguma de vingança. Elles assolaão Porto Seguro, e Ilheos, a ponto de obrigarem todas as fazendas a cessár seus trabalhos, pela absoluta falta de escravos; avalia-se em 300 Colonos, e 3,000 Indigenas e Negros, o numero dos mortos. Os Aymorés forão depois batidos e dispersos; dos restos d'esta raça procedem os *Botocudos*, que percorrem as margens dos rios Doce, e Belmonte, alguns em paz com os Brasileiros.

Os *Papanases*, se estabelecerão antigamente

entre Porto Seguro e Espirito Santo ; mas, os Tupiniquins, e os Goaytacases, lhe fizeram tão cruel guerra, que os forçarão a ganhár o interior, onde vivem, talvez com differente nome.

Vamos tratár em fim da porção da costa habitada pelo Povo de que os Portuguezes terião obtido as maiores vantagens, se a escravidão não tivesse sido muitas vezes o prémio de suas virtudes hospitaleiras. Os Tupinambás, geralmente temidos, se elevavão por seus costumes e coragem, acima de todas as Nações contemporaneas. A Bahia pertencia exclusivamente a estes Indigenas, cujas differentes Tribus viverão largo tempo em perfeita harmonia, até que hum accidente, pouco importante em apparencia, mudou a face das cousas. O rapto de huma mulher acendeo a guerra entre duas Aldéas: a familia offendida ganhou a Ilha de Itaparica, muitas outras se lhe reunirão; os contrarios esta-

belecerão-se nas praias oppostas do continente, e a bahia foi o theatro de huma guerra continua e sanguinolenta. O tempo não pôde adoçar a colera dos dois partidos: entre os Selvagens a vingança he huma necessidade que toda a Nação sente igualmente; o odio augmentou a ponto de não respeitarem nem os tumulos dos contrarios: os mortos forão desenterrados, e receberão mil ultrages; depois de se terem entregues a tão indigno procedimento, os guerreiros mudarão de nome: suas grosseiras supersições lhes fazião suppôr que d'est' arte escapavão ao furor dos mânes irritados. Os Tupinambás tomarão parte nas guerras dos Portuguezes, tendo antes feito vãos esforços para se opporem á aggressão europea. Nos os veremos figurár na Historia até certa época, mas para desaparecerem repentinamente; da mesma maneira que se reunirão para invadirem hum terreno fértil, assim cessou sua rivalidade quando foi preciso abando-

nal-o. O Norte lhes offerecia vastos desertos desconhecidos aos Europeos, diregirão-se para elles: o paiz regado pelo Amasonas os abrigou; os nomes de algumas ilhas, e de muitos tributarios d'este rio, lembrão ainda a emigração ; talvez se conservem algumas Tribus de Tupinambás nos bosques do Pará , mas he certo que se não encontrão nos lugares habitados por elles na occasião da conquista. Pertendem alguns escriptores, que depois de deixarem o paiz onde os querião escravisár, se tornarão a dividir, e huma parte se estabeleceo no Perú.

D'alem do rio de S. Francisco estavam os Amapiras, que tambem descendião da Nação dos Tupís, mas que d'elles se separarão em tempo das grandes guerras com os Tapuyas; este Povo tinha tomado o nome de hum de seus Chefes, e vivia em guerra com outro mais selvagem, e de differente origem.

Os Ubirajarás que, como dissemos, habitavam o interior, se conservarão muito tempo sem conhecerem os Europeos, porém logo que apparecerão nas costas forão inteiramente destruidos.

A Provincia de Pernambuco, onde agora existem poucos Indigenas, hera antigamente povoada pelos terriveis Cahetés, que possuião todo o territorio comprehendido entre os rios S. Francisco e Parahyba, e que sustentavão huma guerra constante com os Tupinambás, por meio de jangadas. Doze guerreiros podião transportar-se em cada huma d'estas simples embarcações, e numerosas Esquadras levavão a devastação e a morte às Tribus inimigas postadas algumas vezes a cincoenta legoas. Este humor bellicoso foi funesto aos Cahetés; os Tupinambás se juntarão aos Tupinaes e Tapuyas para os destruir, o que conseguirão : só os que ganharam a serra de Aqueriba poderão escapár á

morte ou á escravidão : cousas quasi identicas entre taes contendores. Os Cahetés tinham reputação de muito crueis, o que confirmão differentes factos referidos pelos escriptores antigos.

Os *Pitagoares*, que confinavão com os Cahetés, não herão menos temiveis; amigos fieis dos Francezes, os acompanharão em muitas expedições. Ainda que estes Cabocolos tivessem os principaes estabelecimentos entre Rio Grande do Norte e Parahyba, parece que dominavão até alem do Maranhão.

Huma multidão de outras Nações menos consideraveis habitava a costa, mas para tratar de sua Historia, seria necessario limitar-nos a huma nomenclatura extravagante: muitas herão Tribus fugitivas dos Povos de que nos temos occupado, que procurarão refugio nas regiões menos povoadas do Norte. Indicár o que resta d'estas raças, seria sem

duvida hum trabalho curioso, porém que nos faria exceder o quadro d'esta obra; contentar-nos-hemos pois, fallando do estado presente do Brasil, com designár summariamente as principaes Nações que habitão ainda este vasto territorio.

---



## SEGUNDA ÉPOCA.

O Brasil conquistado pelos Portuguezes.

---

A viagem de *D. Vasco da Gama* ás Indias Orientaes tinha excitado nos Portuguezes o desejo violento de continuár tão importantes e gloriosas empresas : a Nação inteira ambicionava novas expedições. El Rey *D. Manuel*, não menos interessado em fixár o seu dominio

na A'sia, enviou huma Esquadra a Callecute; este Monarcha estava longe de esperár o que a fortuna lhe preparava; o accaso, então como outras vezes, guiou os passos de intrépidos navegantes; estes, sentindo a necessidade de evitár as calmarias da costa d'Africa, fizeram-se muito ao largo, os ventos forçarão o rumo da Esquadra, e a costa da America

1500 Meridional se patenteou aos Lusitanos.

22 de Ab.

Nos não sabemos se tal descobrimento, inteiramente filho de circumstancias independentes de raciocinio, pode fornecer grande honra aos Portuguezes; mas he certo que elle so podia caber a quem ousado sulcava o Oceano em tão longiquas paragens. O conhecimento pois da existencia da costa do Brasil se deve a *Pedro Alvares Cabral*, Commandante da Esquadra.

O Hespanhol *Vicente Yanes Pinzon*, so visitou os locaes visinhos á foz do Amasonas :

esta expedição foi sem effeito, em quanto *Cabral* tornou a sua util á Patria.

Segundo o costume, começou por dár hum nome ao paiz, antes de saber o que elle tinha entre os primitivos habitantes. Foi na oitava de Pascoa que o Almirante encarou as costas brasileiras, por isso a primeira montanha avistada se chamou *Monte Pascoal*, e o resto *Terra da Vera Cruz*. O desembarque effeituou-se no lugar depois chamado Porto Seguro.

A conducta dos Portuguezes foi assaz prudente para com os habitantes, os quaes de sua parte lhes mostrarão inteira confiança: pois que desarmados se introduzião no meio d'elles, e não temerão admittil-os, ainda que em pequeno numero, em suas Aldêas.

Os Selvagens desejavão possuir todos os objectos que lhes herão estranhos, e depois

de os obterem, não testemunhavam o menor prazer, julgando que não havia nenhum agradecimento a dar por hum objecto para elles inutil. He preciso ter chegado a alto grau de perfeição no estado social, para ser sensivel a huma boa intenção que não tem effeito.

Os Tupiniquins não tardarão em conhecer as vantagens que os Portuguezes tiravam do ferro, e se juntarão em torno de alguns dos viajantes que talhavam a machado hum grosso madeiro para a construcção de huma cruz que se devia erigir na praia onde primeiro tinham desembarcado; talvez hum grosseiro instrumento lhes deo mais alta idéa da sciencia europeia, do que as numerosas embarcações, das quaes não podião conceber a admiravel construcção. Os Cabocolos ajudarão a plantar esta cruz, que indicava ás Nações selvagens, que o paiz tinha cessado de pertencer-lhes, e que hum dominadôr na Europa

decidiria de sua sorte futura. Durante as ceremonias religiosas que tiverão lugar logo na occasião da posse, se comportarão exactamente como os Europeos, imitarão seus gestos e devoção, o que fez pensár que abraçarão facilmente o christianismo; mas o futuro mostrou quanto devia ser custosa esta conversão, que marchou sempre a pár da violencia, porque outros interesses, mais do que os de Religião, influirão sobre este objecto.

Bem que *Cabral*, no começo avaliasse em pouco a utilidade que Portugal poderia tirár d'este descobrimento, julgou a proposito de allí deixar dois moços resolutos condemnados a degredo na A'sia, afim de aprenderem o idioma dos Indigenas, e servirem de intérpretes a outras expedições. Hesitou-se em aprisionâr alguns Cabocolos, e envial-os á Europa, mas, cousa admiravel, olhou-se esta medida como injusta; e a opposição de *Cabral* a tal violencia deve contar-se no

numero das brilhantes acções que d'elle se citão.

Partidos da Vera-Cruz, a embarcação que conduzia as provisões da Esquadra, descarregou para outras, e tomou o rumo da Europa, a levár tão lisongeira nova ao poderoso Monarcha Portuguez. *Gaspar de Lemos*, Comandante d'esta embarcação, reconheceo parte da costa, e, não imitando a moderação de seu Chefe, apoderou-se de dois Indigenas, e os conduzio a Côrte.

Reflectindo no effeito que deverião produzir em hum Povo ardente e sabiamente governado, as noticias successivas de grandiosas conquistas e maravilhosos descobrimentos, que affluião em Lisboa n'esta época da gloria portugueza, se conhecerá a razão do espantoso engrandessimento de suas numerosas Colonias.

1501      *Cabral*, de volta da India, encontrou Ni-

*colau Coelho* á testa de huma expedição navál, mandada por El Rey D. Manuel directamente a Vera-Cruz.

Hum Author de boa nota afirma que *Americo Vesputio* partio tambem no mesmo anno para este paiz, que perdeu alguns dos seus ás mãos dos anthropóphagos, e que em outra viagem, em 1502, fundou o primeiro estabelecimento na Bahia de Todos os Santos. Quanto os remotos tempos da Historia da Europa devem ser obscuros, quando huma época tão proxima de nos, offerece ja conjecturas sobre factos importantes! Todavia, o descobrimento da Bahia se deve attribuir a *Christovão Jacques*, o qual explorou toda a costa até ao estreito de Magalhães, plantando padrões nacionaes em todos os portos que visitou. Este Capitão, tendo a infelicidade de perder algumas caravellas, estabeleceu com as equipagens d'ellas huma pequena Colonia

em Vera-Cruz, a qual n'esta occasião tomou o nome de Porto Seguro.

O pao de tintura exportado d'esta Povoação excitou o interesse dos negociantes Portuguezes, e o vasto terreno onde se colhia a *Ibirapitanga* se tournou hum mananciál de riquezas; os mercadores davão a esta droga o nome de *pao brasil*, por causa da intensidade e brilhantismo de sua côr, que se assemelha á da brasa : e d'aquí a denominação de todo o paiz.

Além das Esquadras destinadas á A'sia,  
 1502 que tocavão no Brasil, muitas expedições se  
 1503 organisarão expressamente para este bello  
 paiz, porém não formavão estabelecimentos  
 duraveis; de maneira que a goarnição de hum  
 1515 navio naufragado perto de Porto Seguro, teve que buscár asilo entre os Selvagens, porque a este tempo já se achava aniquilada a

Povoação portugueza. As primeiras construcções herão, como as dos Indigenas, pouco resistentes.

Entre as expedições que tiverão lugar por esta época, cumpre distinguir a de *João Dias Solis*, habil Piloto Castelhana, que reconheceo grande parte da costa, e entrou na bahia de *Nitherohy*; o celebre *Fernando de Magalhães*, o imitou pouco depois: as que se seguirão forão infructuosas, á excepção da de *Diogo Garcia* 1526

Divisão do Brasil em Capitánias. — Povoação do Espírito-Santo, de Pernambuco e da Bahia.

Se El Rey D. Manuel hera incançavel no augmento do Imperio Portuguez, seu filho, El Rey D. João III procurou sabiamente tirár das novas Colonias as possiveis vantagens. O Brasil não tardou em manifestár, por sua admiravel fertilidade, quanto podia ser util á Metropoli, e esta emprehendeo

dar-lhe huma forma de governo que tendesse á sua prosperidade. Deve-se attribuir á época a pouca prudencia que houve na escolha da primeira administração d'este paiz.

- 1531 O territorio foi repartido em nove Capitánias hereditarias; este especie de governo feudal não hera nada proprio para catequizár os Indigenas, dotados de hum animo diametralmente opposto a taes instituições.

Conferio-se aos Donatarios o direito de conquistarem grandes porções de terreno, e formarem estabelecimentos a seu capricho.

- A primeira Povoação de alguma importancia, foi fundada por *Martim Affonso de Souza*, que já se havia distinguido nas Indias Orientaes; o character pacifico das Carijós o determinou a adoptar o territorio de S. Vicente; este Donatario examinou a excellente bahia de Nitherohy, e não percebendo as vantagens da posição, contentou-se com dar-lhe

o nome exótico de Rio de Janeiro. Elle tentou estabelecer-se pelos 14°, os Selvagens se lhe opposerão; e *João Ramalho*, que tinha naufragado n'este lugár, protegendo-o para com huma Tribu mais poderosa, concorreo para o augmento de S. Vicente, e lhe deo facilidade de estabelecer ao longo da costa, muitos Europeos vindos com elle. *M. A. de Souza*, introduzio no Brasil a cultura da canna d'assucar, e as muares : serviços estes bastantes para merecer eterno reconhecimento.

A *Pedro Lopes de Souza*, irmão do primeiro Donatario, coube a Capitania de Santo Amaro, perto de S. Vicente; os Pitagoares lhe disputarão a posse do terreno, mas finalmente vencidos em huma batalha decisiva, se estabeleceo a pequena Colonia. *Lopes de Souza*, tentando reconhecer a costa ao Sul de seus dominios, pereceo em hum naufragio, na foz do rio da Prata. 1534

1534 *Pedro de Goes*, veio tomár a posse da Capitania da Parahyba, mas abandonou-a pouco depois.

*Vasco Fernandez Coutinho*, nomeado Donatario da Capitania do Espirito Santo, estabeleceu-se nas proximidades do desembarque de *Cabral*, onde encontrou hum dos dois desterrados, que este ali havia deixado, e que muito lhe servio para adquirir a alliança dos Tupiniquins, que conseguiu juntár em Aldeas subordinadas.

A Capitania dos Ilheos foi dada a *Jorge de Figueiredo Correa*, o qual enviou *Francisco Valdez*, Cavalheiro Castelhana, tomár a posse.

1534 Porto Seguro foi conferido a *Pedro do Campo Toyrinho*, que ali se estabeleceu.

A Capitania de Pernambuco teve por Do-

natario, *Duarte Coelho Pereira*, que já havia prestado relevantes serviços no Brasil, o qual veio povoal-a, trasendo muitas familias, e fundou a Cidade de Olinda; tendo primeiro, 1535 auxiliado pelo célebre *Tapeirá*, Chefe na Tribu dos Tabayarés, expellido valerosamente os bravos Cahetés commandados por Francezes. A Colonia progredio rapidamente pela boa administração de *Coelho Pereira*, o qual soube aproveitár do préstimo de muitas familias, que a Inquisição de Lisboa mandou procurar no Novo Mundo o asilo que a Europa lhes negava; muitos Judeos emigrados por perseguições religiosas, vierão buscár segurança igualmente em Pernambuco.

Ao célebre Historiador *João de Barros*, coube a Capitania do Maranhão; mas *Ayres da Cunha*, que em seu lugár veio tomár a posse, naufragando na entrada da barra, *João de* 1535 *Barros* cedeo do donativo a favor de *Luiz de Mello*, o qual tendo igual sorte nos perigo-

1536 sos baixios do Maranhão, o territorio ficou despovoado, nos dominios da Corôa.

A ultima Capitania povoada foi a da Bahia de Todos os Santos, que se conservava entregue aos Tupinambás.

Hum Europeo vivia ja no meio d'estes Selvagens, antes que o Governo Portuguez tivesse disposto do terreno que elles occupavão.

1512 *Diogo Alves Correa*, lançado por hum tormenta sobre as costas do Brasil, se tinha ligado á familia de hum Chefe, e gosava entre toda a Tribu, que o chamava o *Caramurú*, da consideração que lhe devia adquirir a superioridade de sua intelligencia sobre a de hum Povo bárbaro.

*Francisco Pereira Coutinho*, a quem El Rey tinha concedido o territorio entre a Ponta do Padrão e o Rio de S. Francisco, começou o seu Governo declarando hum guerra crua aos Tupinambás, e apoiando todos os excessos

da desenfreada soldadesca que o tinha acompanhado; os Selvagens supportarão estas violencias, até que o Governador apoderando-se de *Alves Correa*, a famosa *Paraguassú*, esposa do naufragado, communicando a toda a Tribu o fogo da vingança, que a animava, obrigou o Donatario a procurár asilo na Capitania dos Ilheos.

Parte dos Tupinambás, já costumada ao uso das superfluidades importadas da Europa, no tempo de *Pereira Coutinho*, mandou-lhe propor a paz; e este, aceitando-a imprudentemente, voltava á Bahia, quando huma violenta tempestade o lançou contra a Ilha 1543 de Itaparica: todos os que, evitando a morte no Oceano, ganharão terra, forão devorados pelos Indigenas: só *Alves Correa* escapou, e foi restituído aos seus.

Depois d'este trágico successo, a Capitania foi incorporada aos dominios d'El Rey.

O Governo de Portugal , inteirado da utilidade do novo Estado do Brasil , resolveo tomár medidas que fizessem reverter em fâvôr da Corôa , os rendimentos que até alí so disfructavão os Donatarios , e , conhecendo as vantagens da posição da Bahia de Todos os Santos , fixou este ponto para Capitál de todo o Brasil. Cinco embarcações , 600 voluntarios , 1500 condemnados , e algumas familias decididas a huma emigração provavelmente vantajosa , constituirão a nova expedição , cujo commando foi confiado a *Thomé de Souza* , revestido do título de Governador Geral do Brasil , e authorisado a 1549 extender sua jurisdicção a todas as Capitánias.

Os privilegios dos Donatarios forão então consideravelmente restringidos.

*Thomé de Souza* , achou ainda na Bahia , *Alves Carrea* , que vivia no meio dos Selva-

gens , e que concorreo para que estes se lhe alliassem.

Os primeiros fundamentos da Cidade de S. Salvador forão lançados no local hoje occupado pelo bairro da Ajuda , sem embargo da razoavel opposição dos muitos que votavão por outra escôlha.

A actividade dos novos Colonos surprende quando se considerão os edificios construidos por este tempo, ella se deve attribuir á sabia e prudente conducta do Governador.

Os Tupinambás, que se tinham associado aos Portuguezes para a edificação da Cidade onde devião habitár seus crueis perseguidores, forão de novo maltratados, porque hum dos seus assassinou hum Portuguez, bem que o 1550 criminoso fosse entregue ao Governo. D'então em diante, a desconfiança augmentou de

hum e outra parte, e hum ódio reciproco succedeo ao commercio mais tranquillo. Alguns Jesuitas, que então chegarão ao Brasil, vierão augmentár este rancôr, tentando o proselytismo dos Selvagens; e, levados de hum zelo inconsiderado, ousando roubar-lhes hum prisioneiro ja ferido do golpe moriál, e destinado a hum de seus usuaes e bárbaros festins; os Cabocolos enfurecidos marcharão em força contra a Cidade, porém a firmeza dos Portuguezes, e o aspecto das armas de fogo, os amedrontarão, e fizerão retirár. Estes factos, unidos á indolencia dos Indigenas, e á conducta de seus conquistadores, motivarão a repugnancia que aquelles sempre tiverão á civilisação.

N'esta época, muitos Europeos, desdenhando a cultura das terras, penetrarão pelo interior, esperando verificár conjecturas á cerca da riqueza minéral do paiz. Terio sido

melhor que taes pesquisas fossem, por então, infructuosas.

*Thomé de Souza*, pedio retirar-se á Còrte, entregou o Governo a *Duarte da Costa*, para isso nomeado, e partio deixando a mais saudosa memoria. 1552

O novo Governador, que tinha entrado no Brasil, acompanhado por dezaseis Jesuitas, entre os quaes se notava o célebre *José Ancheta*, e que descobrio em seus companheiros de viagem esta ambição de authoridade que sempre os tem caracterisado, projectou logo tomár as convenientes medidas de reacção. Os Missionarios, desesperados da protecção do Governo, se retirarão para a extremidade Sul do Estado, procurando occultarem-se á vigilancia de *D. da Costa*; as planices de Piratininga lhes parecerão proprias para huma Povoação, que foi depois habitada pelos dominadores do Paraguay.

Tentativas dos Francezes para se estabelecerem no Brasil. —

Povoação de S. Paulo.

Bem que as Colonias da America Meridional pertencessem por direito indisputavel, parte á Hespanha, e parte a Portugal, as outras Potencias d'Europa não podião observar sem hum sentimento de inveja, o dominio exclusivo d'estas duas.

*Nicolau de Villegagnon*, homem habil e atrevido, organisou em França huma expedição sob os auspicios do famoso Almirante *Gaspar de Coligni*, no intuito de vir estabelecer-se na bella bahia de Nitherohy, e d'aqui fazer propagár no Novo Mundo os preceitos da Religião Reformada, da qual se dizia affincado partidario. Chegado ao Rio de Janeiro, 1555 ro, construiu dentro da bahia, em huma pequena ilha, o Forte de Coligni, hoje conhecido pelo nome de seu fundadôr; mas pouco

tempo depois, mudando repentinamente de 1557  
crença, perseguiu milhares de companheiros,  
que seus falsos juramentos lhe tinham gran-  
geado.

*Mendo de Sá*, successor de *D. da Costa*,  
por ordem da Còrte veio repellir os intrusos  
concentrados no Forte de Coligni, e, apezár  
de valerosa defesa, conseguiu fazel-os aban-  
donár a posição, e passár ao continente, onde 1560  
se fortificarão; porem como não ficasse força  
para prohibir o estabelecimento, os France-  
zes se reunirão mais vantajosamente ainda  
do que a principio.

*Villegagnon*, chamado á Europa, occultou  
os furiosos remorsos de sua negra perfidia,  
no interior de hum palacio, onde acabou in-  
famado com o odioso epitheto de Caim da  
America.

Os Padres *Manuel da Nobrega*, e *José*

*Ancheta*, se tinham transportado a S. Vicente antes da acção contra os Francezes, afim de ali prepararem hum refugio á Frota Portuguesa. O Governador Geral quiz examinár a mais antiga Capitania do Brasil, e deo á vela para aquelle porto. O character ardente e firme dos Vicentistas, sua resolução nobre e altiva, a par de muita robustês e agilidade, indusi-rão *M. de Sá* a aproveitár de tão felizes disposições, e dár á Colonia a importancia de que ella hera capaz; porem, chamado ás visinhanças de S. Salvador, onde os Aymorés arremecendo-se segunda vez sobre as habitações portuguezas commetterão os mais crueis excessos, foi obrigado a abandonár S. Vicente, encarregando os dois Missionarios do augmento da Colonia.

Estes começarão por transferir o Collegio, da Povoação de S. André para Piratininga, chamando-lhe Collegio de S. Paulo; e d'aqui o nome que esta Capitania, dentro de outros

limites, teve em 1710, quando *Antonio d'Albuquerque Coelho* a veio governar. Huma estrada se abriu até ao porto; e esta Povoação se tornou em pouco huma das mais florentes do Estado; ganhando assim os bravos Vicentistas o necessario elasterio para hum dia levarem o nome portuguez ás mais longiquas regiões do interior.

Todavia, os Tamoyos perturbavão a cada passo o progresso da Povoação, e animados por continuas victorias, armão finalmente trezentas pirogas para atacarem os Vicentistas, 1563 quando *Nobrega* e *Ancheta*, possuidos do mais heróico valor, penetrão até ao campo inimigo, e obtem huma capitulação que salva a recente Colonia da completa e inevitavel ruina.

Passados estes acontecimentos, hum novo flagelo accommetteo os Indigenas, as bexigas 1564 se declararão entre estes Povos. O abandono dos doentes, a errada convicção de huma

morte infalivel, e outras razões phisicas, fizeram com que esta molestia causasse maior devastação do que todas as guerras europeas.

Expulsão dos Francezes. — Povoação do Rio de Janeiro.

— Divisão do Brasil em dois Governos separados.

O Governo de Lisboa informado do próspero augmento da Colonia Franceza estabelecida no Rio de Janeiro, e por tanto tempo abandonada da Côrte, deixou em fim sua inexplicavel negligencia, e resolveo fazer desalojar os Protestantes de tão preciosa paragem. Para este effeito foi escolhido *Estacio de Sá*, a quem se deo o commando de huma expedição que partio de Portugal, foi passár pela Bahia para receber reforço de gente e armamento, e veio desembarcár no Rio de Janeiro, 1565 junto ao monte Pão d'assucar. Os Francezes os receberão como prevenidos, e repellirão em diversos ataques, durante quasi dois annos; mas os Portuguezes recorrendo ao Governador

Geral *M. de Sá*, este armou huma Frota de-  
 baixo do commando de *Christovão de Barros*,  
 veio em pessoa ao auxilio de seu sobrinho *E.*  
*de Sá*, e em dois dias tomou, ajudado pelo 1567  
 habil *Nobrega*, todas as posições do inimigo,  
 e o obrigou a debandár, e seus alliados Ta-  
 moyos. Os Protestantes embarcarão em quatro  
 navios, e se diregirão sobre Pernambuco,  
 d'onde obrigados a ganhár o largo pelo Gover-  
 nador da Capitania, forão constrangidos a  
 voltár á Europa.

*E. de Sá*, expirou poucos dias depois do  
 ultimo combate, de gloriosas feridas que n'el-  
 le recebeo.

*Salvador Correa de Sá*, nomeado Gover-  
 nador do Rio de Janeiro, estabeleceo aquí  
 muitas familias que *M. de Sá* tinha trans-  
 portado das Povoações entre Bahia e esta  
 Capitania, na Armada de *C. de Barros*,  
 e o Governador Geral deo principio á fun-

dação da Cidade de S. Sebastião, no lugar onde hoje está o bairro da Misericórdia.

Os Francezes, pertinases no projecto de se fixarem na America Portugueza, apparecerão ainda na bahia do Rio de Janeiro, 1569 com quatro navios de guerra, mas o Governador, ajudado por *Martim Affonso*, Indigena convertido, os batêo, e obrigou á fuga.

O Brasil começava a prosperar: os Jesuitas vião melhor que ninguem as vantagens que elle offerencia, e não se poupando a inventos e fadigas, conseguirão ganhár a affeição de muitas Tribus Guarany's. Por sua insinuação, 69 Religiosos se embarcarão em Lisboa para as possessões da America; o mais consideravel armamento que Portugal enviasse a suas conquistas, se preparou com grande actividade. Os novos Missionarios vinhão em differentes navios da Frota reunir-

se aos de Piratininga; mas *Jacques Sore*, façanhoso Corsario Normando, tinha jurado, por huma fatál represalia, exterminár todos os Catholicos que cahissem em seu poder: sò hum Jesuita chegou ao destino.

O fim d'este período he assignalado por dois importantes factos: o célebre *Manuel da Nobrega* morreo com 53 annos de idade; e *Mendo de Sá* não tardou em seguil-o ao 1571 túmulo. Estes dois homiens são crédores dos elogios da Historia, não só por seu talento administrativo, e incançavel zelo pelo augmento do Brasil, como pela actividade e magno valor que desenvolverão na guerra contra os Francezes, e Indigenas; he sobre tudo para notár, que o homem da Igreja fosse o mais interessado nas conquistas.

Pela morte d'El Rey D. João III, o Brasil, 1558 como todas as Colonias Portuguezas, tinha perdido hum protector douto e zelozo. Na

minoridade d'El Rey D. Sebastião, as remessas que se enviavão regularmente à America, cessarão; e foi então feliz que a transacta administração tivesse dado assaz de vigor à Colonia, para poder prescindir por algum tempo dos soccorros da Metropoli.

Depois da morte de *M. de Sá*, a Còrte de Lisboa achou que suas vastas possessões da America não devião ser confiadas á direcção de hum só Governador, e enviou ao 1572 Brasil dois Capitães Generaes independentes: *Antonio Salema*, no Rio de Janeiro, foi encarregado das Capitánias do Sul, e sua jurisdição se comprehendia entre os rios Belmonte, e da Prata; *Luiz de Brito*, que residia em S. Salvador, governava as Capitánias do Norte.

Aqui se deve fixar a aniquilação das duas maiores Nações Indígenas ainda existentes. *Salema* desembaraçou completamente o paiz

do seu Governo, dos Tamoyos e Tupinambás, evitando assim, não só a destruição da recente Cidade do Rio de Janeiro, como qualquer invasão a que os Francezes se animassem confiados na alliança d'estas Tribus. O numero dos mortos e captivos, entre as duas Nações Cabocolas subio a 9,000. Foi então que os Tupinambás se decidiram a abandonar a costa, e intrincheirarem-se nos dezertos. Hum velho chamado *Japyassú*, respeitado de seus patricios, vendo-os desanimar na execução d'este projecto, lhes diregio hum eloquente discurso, e os fez persistir na emigração, que foi quasi total.

Em quanto estes Europeos se empregavão em devastar as Tribus residentes nas margens do Oceano, outros, não menos emprendedores, se confiarão das que habitavão o interior. As descobertas das minas nas Colonias Hespanholas, produsirão nos Portuguezes

hum ardente desejo de procurarem metaes preciosos no Brasil; e, sem terem indício algum do lugar d'estes thesouros, mostrarão mais constancia e atrevimento do que os exploradores do Perú.

*Sebastião Fernandes Toyrinho*, habitante 1573 de Porto Seguro, subio o rio Doce, reconheceo parte do territorio, hoje de Minas Geraes, e atravessou até ao Jiquitinhonha, pelo qual voltou á beira mar, trasendo brilhantes resultados de sua incursão, e assegurando a existencia de ricas e copiosas minas n'aquellas paragens. Muitos outros seguirão o seu exemplo, com mais ou menos fortuna, porém nenhum estabelecimento se formou ainda no interior.

*Salema* empregou o tempo do seu Governo em proteger a agricultura, que muito progredio.

O Brasil volta ao regimen de hum só Governador. — Pq-  
voação da Parahyba.

A medida de dividír o Brasil em dois Governos, pareceo imprudente a May-Patria, e a inteira administração do Estado foi confiada a *Diogo Lourenço da Veiga*; o qual 1576 começou a seu Governo por mandar *João Tavares*, com algumas familias estabelecer-se na Capitania de Parahyba, ou Itamaracá, abandonada pela fraquesa de seu primeiro Donatario. *Tavares*, depois de reiteradas indagações, fundou hum pequeno Presidio na Ilha da Cambôa, que depois foi mudado por seu successor *Fructuozo Barboza*, para o lugar de Cabedêllo.

Eis-nos chegados á maior crise politica de Portugal e suas Colonias. El Rey D. Sebastião passa á Africa, e perde com a vida 1578

na batalha de Alcacer, a coroa, riquezas,  
e gloria da Nação.

1579 O Cardeal D. Henrique sobe ao throno,  
e morre 16 mezes depois.

---

## TERCEIRA ÉPOCA.

### O Brasil no dominio Hespanhol.

---

Portugal, que no espaço de dois séculos vio brotár de seu seio hum sem numero de heroes; este circunscripto paiz, espanto da Europa, e terrôr dos Povos transatlanticos, vai finalmente succumbír ás baixas, mas poderesas manobras da intriga; as espadaõ dos Alexandres Portuguezes baqueão perante a cabala de hum punhado de invejosos estrangeiros secundados por indignos Lusita-

nós; e o Reino cahe do cúmulo da gloria mais espléndida, na tutela do Governo Hespanhol.

O Brasil, ligado á sorte de Metropoli, 1580 ficou igualmente submettido, mas soube depois provár que, sem o socorro da Europa, se podia defender, e mesmo prosperár.

*Sebastião Barreto*, então Governador Geral, aproveitando a negligencia de *Filippe II*, conservou a paz com os Inglezes, cujo commercio, ainda que pouco consideravel, lhe hera util.

N'estes tempos, alguns Francezes auxiliados 1583 pelos Pitagoares, atacarão a Capitania da Parahyba; mas o Governador Geral lhes enviou *Diogo Valdez*, que os fez abandonár a empresa.

Minas de Prata. — Povoação de Seregypte. — Os Inglezes  
acommettem o Brasil. — Povoação do Rio Grande do  
Norte. — Incursões no interior. — Povoação do Ceará.

Por esta época, *Roberio Dias*, descendente,  
do célebre *D. Alves Correa*, que possuia  
prodigiosa quantidade de prata, resultado  
de suas viagens ao interior, se transportou 1585  
à Côte de Philippe, onde se comprometteo  
a mostiár a fonte d'estas riquezas, assegu-  
rando ser ella mais abundante n'este metál,  
do que a Biscaya em ferro; porém, sendo-lhe  
negado o titulo de Marquez, que em recom-  
pensa requeria, ainda hoje se desconhece  
este thesouro, bem que em muitas partes  
do Brasil se tenham encontrado pequenas  
minas de prata.

A primeira providencia que a Côte d'His-  
panha deo a respeito do Brasil, foi huma  
ordem a *Christóvão de Barros*, para hir  
repellir os Indigenas que infestavão as Po- 1590

voações de Itapicurú e Rio Real, e fazer transportár para ali algumas familias da Bahia, onde hera Governador Interino; dando assim começo á cultura d'aquellas terras, até então entregues aos Cabocolos, e aos Piratas Francezes que abordavão em busca de páo brasil. Os habitantes principiarão a Villa de S. Christovão, perto da foz do rio Cotindiba.

Aquí devemos fallár das empresas de alguns aventureiros Inglezes contra o Brasil.

*Thomas Cavendish*, sahio de Inglaterra, com pretexto de visitár o estreito de Magalhães; mas chegando ás aguas da Capitania de  
 1591 S. Vicente, com huma expedição em 5 embarcações bem equipadas, destacou o Immediato, *Carlos Cooke*, commandando o melhor de sua gente, a atacár a Villa de Santos. Este desembarca, e surprende muitos habitantes dentro do Templo, ali reunidos para

o Officio Divino; cerca a Igreja, e propõe-lhes comprarem a liberdade; porém logo, entregando-se e os seus á intemperança, os Portuguezes, aproveitando as trevas e o somno dos Piratas, fogem para o interior com todas as riquezas. Quando *Cavendish* subio o rio, não encontrou mesmo provisões para a sua Frota; e, lançando o fogo á Povoação de S. Vicente, deo a vela para o cabo d'Horne. Hum violento temporál o forçou a retrogradár separado do resto da Esquadra. De novo perto de Santos, desembarcou 25 homens na Praia da Barra; e d'estes só dois escaparo á morte, e forão conducidos, com as cabeças de seus companheiros, em triumpho até á Villa.

Desanimado o Commandante Inglez com a corajosa defesa dos Paulistas, seguiu para o Espirito Santo. O Governador d'esta Capitania tinha-se prevenido, e quando *Roberto Morgan* abordou com duas grandes chalupas

bem tripoladas , e guarnecidas , lhe fez hum fogo tão activo e bem dirigido , que raros voltarão á Frota , ficando as praias juncadas de mortos , e a cadeia cheia de prisioneiros.

*Cavendish* se dicidio finalmente a buscar a Europa , e morreo na viagem , devorado por hum raivosos desespero.

Tão desastroso resultado não foi bastante para impedir que os Inglezes tentassem novas hostilidades contra o Brasil.

Huma companhia de Londres armou segunda expedição , e o Cavalheiro *Jayme de Lancaster* , sem embargo de muito devedor á hospitalidade portugueza , tomou o commando da Frota , composta de trez navios , e se diregió sobre Pernambuco. Passando pela Ilha de Maio , reunio as suas forças ás de *João Venner* , e veio surgir defronte

da Cidade de Olinda. O Governador Portu- 1593  
 guez fortificou-se no Recife ; mas *Lancaster*  
 em pessoa á testa da flôr de sua equipagem,  
 assalta e toma o Forte ; os defensores  
 abandonão o terreno, e o Pirata sa-  
 queia a Cidade, e carrega as suas embarca-  
 ções de ricos despojos. Todavia, os habi-  
 tantes voltando as praias, inquietão o ini-  
 migo com hum continuado tiroteiro, ten-  
 tãõ em vãõ queimár a Esquadra, e querem  
 obstár á sahida de *Lancaster*, por meio de  
 huma bateria bem colocada; este manda o  
 Segundo Commandante, *João Borker*, atacal-  
 a, o qual perece e alguns Francezes que se lhe  
 tinhão associado; entretanto, a Esquadra foge  
 do alcance da artilheria, e vai ancorár em  
 Phalmuth.

A morte de Filippe II livrou a Hespa-  
 nha de hum Soberano fero e oneroso, privou  
 a Inquisição do seu mais sanguinario pr-  
 tector, mas nada influio sobre as Colonias

Portuguezas. Philippe III, filho d'este Mo-  
 1598 narcha, herdou o Reino de Portugal e seus  
 Dominios.

*D. Francisco de Souza*, então Governador  
 Geral, informado de que os Pitagoares conti-  
 nuavão a destruir as plantações visinhas do Pa-  
 rahyba, deo d'isto conta á Côrte; e, com pré-  
 via authorisação, fez armár em Pernambuco  
 hum Frotta, diregio-se á foz do rio Grande,  
 e construiu alí hum Forte, nomeando-lhe  
 para Commandante, *Jeronimo d'Albuquerque*  
*Coelho*; o qual teve que sustentár muitos e  
 frequentes ataques dos Selvagens, até que,  
 conciliando-se com *Sorobabé*, Chefe na prin-  
 cipal Tribu, pôde lançar os primeiros fun-  
 1599 damentos da Cidade do Natál.

*D. Pedro Botelho*, que lhe succedera no  
 Governo, não achando na Côrte de Madrid,  
 sempre solícita em definhár as possessões de  
 tão temiveis, posto que submettidos visinhos,

o apoio requerido por seus projectos de novas conquistas sobre os Indigenas, limitou-se a 1603 animár a exploração dos sertões.

*Gabriel Soares*, com 24 companheiros, visita todo o terreno banhado pelo rio S. Francisco, vai até ás fronteiras do Perú, e volta no fim de tão árdua tarefa, sem a menor vantagem.

*Pedro Coelho de Souza*, não foi mais feliz em huma primeira digressão pelo rio Parahyba e seus tributarios; porém, obtendo do Governador Geral, auxilio a nova expedição, partio com 80 homens, dirigindo-se á serra de Ibiapaba. Alguns Tapuyas aqui refugiados, e condusidos pelo Francez *Adolfo Bombille*, lhe disputarão o accesso; mas elle os cerca, e escravisa todos os Selvagens apanhados com as armas na mão. O producto d'esta viagem não correspondeo aos seus muitos gastos e fadigas.

Terceira irrupção dos Aymorés veio ainda inquietar os habitantes da costa entre Bahia e Rio de Janeiro; mas o Governador Geral os obrigou a desterrarem-se para os matos virgens; e o Jesuita *Domingos Rodrigues* os fez depois reunir em pequenas Aldeas.

Huma perfidia, porém, foi exercida para com os Pitagoares. Depois d'estes terem concorrido para livrar os Portuguezes dos insultos das Hordas bravias dos Aymorés, tiveram em recompensa serem reduzidos á escravidão por seus alliados. Filippe III providenciou contra esta barbaridade; mas os Colonos, confiados na distancia, e na fraqueza de hum poder que odiavão, pouco minorarão os males dos míseros Pitagoares.

*D. Diogo de Menezes*, que succedeo a  
1608 *D. Pedro Botelho*, quiz explorar as margens do Amasonas; porém, não conseguindo soc-

corro d'Hespanha, limitou-se a mandár algumas familias estabelecerem hum pequeno Presidio na embocadura do rio Ceará, por lhe parecer este lugár fertil e sadio. O progresso da Povoação foi em extremo morôso, não só pelo desalento em que então se achava todo o Estado, como pela escassez de portos n'esta parte da costa. *Martim Soares Moreno*, foi o seu primeiro Governador. 1609 1610

Nova expedição franceza. — Povoação do Maranhão e do Pará.

Em 1594, o Francez *Jacques Rifault*, havia aportado no Maranhão, começado huma pequena Colonia, e voltado á Europa, deixando *Carlos de Vaux*, em seu lugár; pequenos reforços tinham depois vindo animár a tenue Povoação; até que o abandono em que se conservava esta preciosa parte do territorio Brasileiro, indusio os Francezes a

fundarem ali hum permanente estabelecimento.

*Augusto de la Ravardière*, depois de se ter assegurado de favoravel acolhimento da parte dos Tupinambás, partio de França, com *Emilio Rasilly*, e *Carlos de Harley*, á testa  
 1612 de hum forte expedição, e veio occupar aquella ilha, tão util pela fertilidade do solo, como por sua posição, naturalmente defendida.

O Governador de Pernambuco, *Gaspar de Souza*, sabendo do ingresso dos Francezes, mandou *Jeronimo de Albuquerque Coelho*, com ordem de os repellir; porém os poucos meios que foi possivel dar-lhe para atacár a fortaleza inimiga, poderão apenas, por serem empregados com coragem e habilidade, obter hum capitulação pouco vantajosa, e que os intrusos principiavão a violár, quando *Alexandre de Moura*, enviado com grande

reforço, sugeriu os Francezes a evacuarem o Presidio, e regressarem á Europa, na mesma Esquadra de *La Ravardière*.

1615

A *Albuquerque Coelho*, nomeado Capitão Mor do Maranhão, se devem grandos serviços tendentes ao engrandecimento d'esta Povoação, que foi augmentada com 240 cazaes de Açoritas, e progredio tão repentinamente, que 11 annos depois foi separada do resto do Brasil, com o titulo de Estado do Maranhão, e administrada por *Francisco Coelho de Carvalho*, com responsabilidade á Côrte.

Depois de restaurada aquella ilha, *Albuquerque Coelho*, desejando formár hum estabelecimento perto da foz do Amasonas, fez partir o intrépido *Francisco Caldeira*, commandando 200 homens, na pesquisa de azada posição, o qual achando-a na margem oriental do Tocantins, sobre a bahia de Gua-

jará, deo logo principio á Cidade de Belem,  
1616 por hum Forte de madeira, d'onde muitas  
vezes foi obrigado a repellir os Tupinamba-  
ranás e Maués, que por largo tempo fizeram  
hum guerra crua e destructiva aos Portu-  
gueses, e a quem só podião resistir a cons-  
tancia e valor de *Caldeira*.

Alguns navios holandezes transportarão  
hum pequena expedição, que veio abordár  
ao Sul do Amasonas; mas os Colonos a ex-  
pellirão, apoderando-se de toda a artilheria  
da Frota.

Factos mais interessantes agora reclamão  
1621 attenção; Filippe IV sobe ao throno d'Hes-  
panha; e o Brasil vai ser desolado por hum  
guerra mais longa e ruinosa do que todas as  
que até então tinha sustentado.

Os Holandezes atacão o Brasil. — Conducta dos Colonos  
para com os Indigenas.

A Holanda, herdeira da gloria Portugueza, estendia o seu dominio pelas costas da Asia, quando intentou estabelecer-se no Novo Mundo. O projecto da conquista do Brasil, proposto ao Conselho Geral, encontrou alguns detractores, a quem parecia imprudente vir arriscár em novas e longiquas terras, os homens e o cabedál que a Republica podia empregár nas suas Colonias; todavia, a tregoa concedida á Hespanha hia expirár, e a fraquesa d'este Estado promettendo a facilidade da empresa, concedeo-se a huma companhia, denominada, das Indias Occiden- 1623  
taes, armár huma Esquadra de 60 velas contra o Brasil.

Tres officiaes habeis diregião a expedição;  
*Jacob Villekens, e Pedro Haynes* comman-

davão a primeira Divisão; *Hans Vandort* conduzia a segunda, e as Tropas de terra. Os tempos contrarios separarão as duas Fro-  
tas; porem bastou que a de *Villekens* apa-  
recesse na bahia de Todos os Santos, para  
1624 que tudo se lhe rendesse.

Tal hera o apuro a que a Côrte d'Hespa-  
nha tinha levado a Colonia, que o Governador  
Geral *Diogo de Mendonça*, não tinha  
mais de 80 homens de Tropa regular para a  
defensa da Capitál. Os Milicianos, que elle  
juntou precipitadamente, o abandonarão  
logo que o inimigo abordou. A resistencia  
se tornou então inutil. O Governador, po-  
rem, homem corajoso e firme, entrinchei-  
rando-se em seu palacio, não consentio em  
depôr as armas, sem a condição de que se  
lhe conservaria a liberdade; bem que, con-  
tra o direito, e todas as leis da honra, fôsse  
condusido como prisioneiro para bordo do  
Navio Almirante.

*Vandort*, chegou a S. Salvador quando a Cidade estava já em podêr dos Holandezes, e tomou o commando das Tropas. *Willekens* voltou á Europa; e *Haynes*, foi levár a guerra á Capitania do Espirito Santo.

Os habitantes da Bahia, obrigadôs no primeiro impulso a ganharem o interior do paiz, resolvem expulsár os invasores, escolhendo para seu Chefe o Bispo *D. Marcos Teixeira*; este os anima com discursos cheios de fogo e eloquencia, e cahe denodadamente sobre o inimigo, fazendo terrivel matança. O General *Vandort* perde a vida n'este conflicto, e o temor se apodera dos seus. O nobre Prelado succumbe gloriosamente ás fadigas; mas *Francisco Nunes Marinho*, seu digno successor, conservava os Holandezes em continua ameaça, quando *D. Fradique de Toledo*, commandando huma consideravel força composta de voluntarios Portuguezes, surge de frente da Cidade de S. Salvador. O inimigo

defende-se com esforço e habilidade; mas no fim de 30 dias he constrangido a capitulár; e jurando não mais tomár armas contra a Hespanha e seus Dominios, evacua o territorio.

De balde o Almirante *Balduino Henrik* vem com grande reforço soccorrer seus compatriotas; o Chefe Hespanhol o obriga a regressár, e elle, procurando os mares do Norte, he victima de hum contágio declarado a bordo, e mortál para a maior parte da guarnição.

*Toledo*, tendo restituído a paz aos habitantes da Bahia, voltava a Cadix, quando huma furiosa tempestade destruiu a Esquadra: só 3 pequenos navios chegarão ás costas da Hespanha.

O Almirante *Haynes*, batido na Capitania do Espirito Santo, hia no rumo da Holanda, quando tomou os galiões que do México leva-

vão annualmente á Metrópoli o producto da Colonia: captura a mais rica que se tenha feito sobre os mares.

A sorte dos Indigenas, tão temiveis na guerra quanto inuteis na paz, empeiorava cada dia; os Colonos tinham adoptado como meio de represalia contra os ataques frequentes d'estes Povos, escravisarem quantos cahião em seu poder; as riquezas dos proprietarios herão avaliadas pelo numero d'estes desgraçados, bem vezes tratados com injustiça e crueldade por seus possuidores. Na povoação do Pará, particularmente, se exercião barbaridades, desde o começo do estabelecimento de *Francisco Caldeira*, contra os Tupinambás, que não cessavão de accometer as primeiras habitações. A Hespanha interveio a favor dos Selvagens, com algumas leis philanthrópicas obtidas pelo Jesuita *Antonio Vieira*, que para este effeito se transportou a Madrid; e hum Breve do Santo Pa-

dre excommungava todo o que captivasse qualquer Americano; mas nos vamos referir hum facto posterior a estas providencias, e que prova quão pouco ellas influirão.

*Bento Maciel*, Capitão igualmente bravo e tiranno, tinha governado desde 1624 até 24, a Colonia do Gram Pará, sempre guerreando com vantagem contra os Tupinambás, a quem hia procurar no meio dos bosques. *Manuel de Souza d'Eça*, que lhe succedeo no Governo, foi atacado por 24 Tribus reunidas d'esta Nação; e no momento em que hia succumbir com todos os habitantes, *Maciel* offerece-se para bater o inimigo, e acabár por huma vez com este flagelo; e á testa de hum numero consideravel de Tapuyas, implacaveis rivaes d'aquelles Selvagens, obriga os atacantes a recuár até aos matos, e ali lhes faz hum cerco tão bem dirigido, que os 24 Chefes são aprisionados. Elle os entrega á barbaridade dos Tapuyas,

que os dilacerão e devorão em huma hora,  
e volta a Belem com mais de 300 Indigenas 1627  
escravos.

Segunda invasão, e estabelecimento dos Holandezes.

Chegamos a hum dos períodos que mais  
interesse inspirão na Historia do Brasil.

Hum Povo pequeno e sem recursos, mas  
cheio do mais nobre patriotismo, vai com-  
bater a prol de sua independencia, contra  
ávidos agressores, com tão assignalada va-  
lencia, que as mesmas Tribus por elle op-  
primidas não hesitão em calár antiga  
inimidade, e concorrerem para fazer trium-  
phár a mas illustre das causas.

Se os Brasileiros, descendentes d'estes he-  
roes, se virem ainda submergidos em alguma  
de semelhantes crises, que exigem, além de  
hum decidido valor, a mais firme perseve-

rança, attentem n'esta época da sua Historia : n'ella acharão feitos tão gloriosos como os mais gloriosos da antiguidade; aquí veráõ a victoria reunír todas as raças que compõem a Nação, para as coroár com o mesmo louro.

Os Holandezes, longe de desanimarem com a derrota que tinhão experimentado na Bahia, tentarão hum maior ataque sobre a opulenta Capitania de Pernambuco, na esperança de assim recuperarem as perdas da guerra precedente.

Apezár das precauções tomadas pela Companhia das Indias Occidentaes, para que se ignorasse o verdadeiro alvo da expedição, a Hespanha foi d'elle instruida pela activa vigilancia do Governo dos Paizes-Baixos, e enviou 1629 *Mathias d'Albuquerque*, ao soccorro do ponto ameaçado; porém, as poucas forças postas á sua disposição, não permettião bem agou-  
rár do resultado; com effeito, não obstante

seus esforços, mal a Armada holandeza havia ancorado no porto, quando o General *Henrique Loncq* occupava Olinda.

Os soldados mercenarios, em quem o amor da gloria está substituido pela esperança da pilhagem, satisfasem raramente á politica de seus amos; os da Republica Holandeza commetterão os mais odiosos excessos, e assim atearão nos habitantes, curvados ao poder do numero, o fogo da vingança, de prompto secundado pela mais abalisada coragem.

*M. d'Albuquerque*, dando ao inimigo huma primeira prova de seu character, lançou o fogo aos armazens que continhão as riquezas de Olinda; levou as chamas até á Esquadra, que poderia servir ao vencedor, e foi reunir-se com os seus longe da Cidade.

Tudo pois parecia submettido aos invasores;

no Forte de S. Jorge, porém, commandado por *João Fernandes Vieira*, tremolava ainda a bandeira portugueza. Este moço impávido, e por ventura hum heroe d'aquelle século, á frente de 37 guerreiros animados com seu nobre exemplo, defende o posto durante 6 dias inteiros, contra os esforços de 4000 homens disciplinados e munidos de numerosa artilheria; mas finalmente, vendo-se quasi sepultado com seus bravos nas ruinas do pequeno baluarte, propõe capitulação; e se o inimigo o quer constranger por ella a deixár o serviço da Patria, responde que vai deixal-o com a vida, e continua o fogo mais activo sobre os sitiantes, que

1630 então admirados lhe dão inteira liberdade.

*M. d'Albuquerque*, animado com a pasmosa defesa de *Vieira*, volta as visinhanças da Cidade, com hum punhado de habitantes extenuados de miseria, retoma o Forte de

Nazareth, guarnece Porto Calvo, e entrincheira-se entre o Recife e Olinda, d'onde inquieta o inimigo com repetidos ataques.

O Indigena *Filippe Camarão*, dirigindo hum corpo de seus patricios, impede a aproximação dos Holandezes, por meio de continuadas escaramuças, em huma das quaes aprisiona o General *Loncq*, e passa á espada a sua forte guarda; aquelle consegue evadir-se por hum feliz occaso.

Todavia, o Chefe Portuguez vendo-se com menos de 600 homens de Tropas regulares carecidos das munições mais indispensaveis, resolveo limitar-se á defensiva, e escrever á Côrte, pintando hum exacto quadro da extremidade a que se via redusido. Em resposta a esta reclamação, a Hespanha lhe enviou hum pequeno reforço, que foi cortado no primeiro ataque.

Talvez que o Brasil fosse então por huma vez abandonado, se a Côrte de Madrid não recebesse informação de que a Holanda mandava huma Armada consideravel contra o Brasil, e que o Chefe, *Adrião Patrid*, tinha ordem de hir depois em cata dos galiões do México. O temor de ver segunda vez passár ás mãos do inimigo, tão grandes riquezas, obrigou o *Conde de Olivares* a mandar *D. Antonio Oquendo*, com algumas Tropas disciplinadas, ás duas mais importantes Capitánias do Brasil. As es-

1631 quadras se encontrarão em Pernambuco, onde a victoria, disputada com igual valor, pertenceo finalmente aos Hespanhoes; e *Patrid*, preferindo a morte a render-se, antes de se lançár nas ondas, envolvido na bandeira nacional, pronunciou estas palavras, que o immortalisarão : *o Oceano he o único tûmulo digno de hum Almirante Batavo.*

*O*quando desembarcou a expedição, com posta de 700 homens, Portuguezes, Hespanhoes, e Italianos, commandados pelo *Conde de Bagnolo*, d'esta última Nação.

O General *Jorge de Vardemburg*, Chefe dos Holandezes, julgando o reforço mais consideravel, entrega Olinda ás chamas, e tenta em vão fazer-se forte no Pontal de Nazareth, e na Povoação da Parahyba, onde perde muita gente. No meio d'estes desares, o *Pardo Domingos Fernandez Calabar*, deixando os Portuguezes, passa ao inimigo, e a victoria com elle. Ao ardil d'este transfuga deveo *Vardemburg* a tomada da Ilha d'Itamaracá, onde 20 homens commandados por *Pedro de Albuquerque*, defendem o Forte, e morrem todos gloriosamente; seu digno Chefe, coberto 1632 de feridas, torna á vida em poder do inimigo, que pasma de tanta bravura.

Por este tempo, chegarão a Pernambuco

1633 mais 3,000 Holandezes entregues ao General *Lourenço Reimbach*, revestido de amplos poderes. *Vardenburg* pediu demissão, e se retirou ás Provincias Unidas. *M. d'Albuquerque*, com menos de 1,200 homens de Infantaria, convida o inimigo a huma acção, e sahe victorioso. O General *Reimbach* recebe huma ferida mortál, e he substituido por *Sigismundo de Escup*.

Com tudo, os Portuguezes não tinham ganhado tão desigual batalha, sem grande desfalcamento, e *Sigismundo*, aproveitando as circumstancias, foi, ajudado pelo traidor *Calabar*, occupár a Cidade do Natál, da qual fez o theatro da mais horrorosa carniceria; e d'aqui passou ao Pontal de Nazareth, cujos defensores lhe não terião cedido, a não ser *Calabar*, que por hum admiravel estratagemá, fez servir a Marinha holandezá á tomada da Villa, desmiascreando a Esquadra, e fazendo-a passár por hum canál tão estreito

e baixo, que até então as mais ligeiras barcas não tinham ousado ahí aventurar-se. Pouco tempo depois, Porto Calvo resistio em vão ao assedio de 50,000 homens reunidos.

O pavilhão invasor estava pois arvorado 1634 em Pernambuco, Rio Grande do Norte, e Parahyba; tudo annunciava que em breve o inimigo hia dictar a lei aos poucos Portuguezes que restavão.

*M. d'Albuquerque*, tendo esgotado todos os recursos que lhe offerecia seu valor, e talentos militares, nada mais lhe ficava do que fugir á tirannica oppressão dos vencedores. *J. Fernandes Vieira*, que sempre combatera a seu lado, proclama aos Colonos, e estes se unem a seus Chefes, tomando a nobre resolução de com elles emigrarem para o interior de Pernambuco.

Velhos, mulheres, e crianças, todos abandonão o ninho pátrio, e vão penetrár pelos sertões, a travez de mil calamidades. Nos desertos do Brasil resoarão entõ os clamores dos Europeos perseguidos por Europeos, e se alguns Selvagens, sabindo do seio dos bosques, vierão contemplár esta scena de desolação, acharão talvez que o Céu os vingava com demasiada crueldade.

Estes desgraçados passavão perto do Porto Calvo, quando *Sebastião de Souto*, que estava em poder dos Holandezes, se offereceo para reconhecer os fugitivos; e voltando á Villa, assegurou que *M. d'Albuquerque* não tinha mais de 200 homens, que todos hião carregados de avultadas riquezas, faccis de tomár com pequena força. *Sigismundo* faz immediatamente partir 300 soldados com ordem de seguirem os passos de *Souto*; mas este, chegando á frente dos Portuguezes, passa para elles, e se arremessa de súbito

sobre os Holandezes, que sorprendidos fogem precipitadamente; *M. d'Albuquerque* os segue com igual velocidade, hindo entrár de envolta com o inimigo dentro da Praça, cuja guarnição céde a este ataque inesperado, e abandona a Villa. *Ca'abar* ficou prisioneiro, e pagou com a vida, n'este mesmo lugar onde 1635 nascera, a sua infame traição.

As cousas se achavão assim, quando chegou hum pequeno reforço que a Hespanha mandava a Pernambuco; porém *M. d'Albuquerque* foi então rendido por hum General Hespanhol, e o heroico defensor do Brasil voltou á Europa, onde seus serviços ficarão sem a menor recompensa.

*D. Luiz de Roxa y Borgia*, quiz seguir hum systema de guerra em tudo opposto ao do seu antecessor, e pereceo no primeiro combate, em que todo o Exercito teria igualmente succumbido se *Filippe Camarão*, e

*Francisco Rebelo*, não tivessem, por meio de acertadas manobras, sabido proteger humma perigosa retirada,

Pela morte de *Borgia*, o commando re-  
cahio no *Conde de Bagnolo*.

Os Holandezes, mais activos do que nunca, repetição sem cessár novos ataques sobre Porto Calvo; por outra parte, *F. Camarão*, e o Preto *Henrique Dias*, fazião habeis e continuas sortidas, ás quaes o inimigo não podia reagir sem empregár muita gente. N'estas  
1637 circumstancias, appareceo hum numeroso troço de Tropas holandezas, que vinhão debaixo do commando do Principe *Mauricio de Nassau*, Primo do Stadhouder, concluir a conquista.

O novo General começou por juntár todas as forças disponiveis, e assaltár o único refugio dos Portuguezes. Os defensores resistião com hum denodo admiravel; muitas mulhe-

res tomarão as armas para repellirem os encarniçados invasores; *H. Dias* mostrou que o heroismo pertence a todas as raças; porém foi força ceder ao número, e evacuar a Villa.

Segunda vez vão trilhár ásperos sertões os malfadados Colonos de Pernambuco, buscando agora asilo na Capitania da Bahia.

As particularidades d'esta viagem, formão hum dos mais dolorosos quadros que possão offerecer os annaes das Nações. Quatro centas pessoas expirarão nos desertos, victimas da crueldade dos Pitagoares, ou atormentados pelos horrores da fome, antes que os emigrados chegassem a S. Salvador.

O Governador Geral *Pedro da Silva*, não recebeo sem repugnancia as Tropas commandadas por *Bagnolo*; mas cedo conheceo que

este socorro inesperado o subtrahia a elle mesmo a igual sorte.

O *Principe Mauricio*, animado pela victoria, embarca 7,800 soldados em 40 navios, e vai atacár S. Salvador, em quanto outra Divisão assalta a Povoação de Seregype, e a incendia depois de horroroso saque.

Logo que a Armada inimiga appareceo na Bahia, o Governador, apezár de viva opposição, deo o commando em chefe das Tropas ao *Conde de Bagnolo*, o qual desenvolvendo então, pela primeira vez, todo o valor e  
 1637 actividade de que hera capaz, salvou a Capital de huma invasão que parecia inevitavel, pondo *Maurício* na necessidade de regressár ao Recife com perda de grande parte do seu Exercito.

Depois d'este destroço, o Chefe Holandez

voltou suas vistas para o progressô interno da Colonia, e principiou a gosár tranquillo da nova conquista. Hum sábio regulamento tendente a reprimir a indisciplina da Tropa e a intolerancia religiosa foi posto em execução; a administração de finanças recebeo salutaes melhoramentos, e o paiz voltou em breve espaço á antiga prosperidade.

Viagem pelo Amasonas. — O Brasil hé governado por  
Viceréys.

A vastidão do Estado do Brasil, e a difficuldade de communicações, conservavão como ilhados os differentes estabelecimentos. Em quanto nas Capitánias situadas a meia costa, se passavão os factos que acabamos de narrár, Rio de Janeiro e S. Vicente jasião em perfeita bonança, e os habitantes do Norte se occupavão em guerreár contra huma multidão de Tribus indigenas, que invadião as novas Povoações.

O temôr de cahír nas mãos d'estas Hor-  
das bárbaras, tinha prohibido a *Jdcome*  
*Raymundo de Noronha*, que havia usurpado  
o Governo do Pará, de reconhecer o mages-  
toso rio Amasonas, até que finalmente hum  
occaso o animou á empresa.

Dois Jesuitas Hespanhões, *Domingos de*  
*Briebe*, e *André de Toledo*, se tinham in-  
troduzido entre os Selvagens do Perú, no  
intuito de os converterem á fé catholica;  
mas, perseguidos por alguns Chefes escan-  
dalisados dos Christãos, tiverão, para esca-  
pár á morte, que se embarcaram em huma  
piroga, e abandonando-se á corrente de  
hum rio desconhecido, apparecerão, no  
fim de longa e calamitosa viagem, perto da  
Cidade de Belem, pela foz do Amasonas.

Exultante e Governador *Noronha* com a  
narração dos Missionários, e deseioso de  
dár principio á empresa que gisava desde

tanto tempo, propôs a *Pedro Teixeira*, conhecido por valente, e instruído no idioma e costumes dos Caboclos, o commando da arriscada expedição: o que sendo accedido por este, de acordo com *Bento Rodrigues de Oliveira*, partio immediatamente huma Frota de 45 canoas guarnecidas por 70 soldados, e 1,200 Indigenas, levando por guias os dois 1637 Religiosos Castelhanos.

Logo que os navegantes entrarão na embocadura do Amasonas, tiverão que lutar com as impetuosas correntes, que os lançarão, já ao Sul, já ao Norte, com tal violencia, que muitos remadores desanimarão, e alguns Indigenas, no fim de 10 dias de viagem, se revolucionarão, e regressarão a Belem, em 4 canoas. *Teixeira* mandou então que a Frota se repartisse em duas Divisões, e confiou a da vanguarda ao habil *Rodrigues de Oliveira*, com ordem de aportar onde conveniente fosse. Assim navegou a expe-

dição per longo tempo, até que chegando ao lugar onde o rio Paganino se lança no Amasonas, fizeram alto junto ás ruinas de hum pequeno Forte, alí construido pelos Hespanhoes para conservár em respeito a Tribu dos Quixos. *Rodrigues de Oliveira* mandou d'isto parte ao Commandante, e este deo pressa em se lhe reunír. Como o rio deixasse aquí de ser navegavel, seguirão por terra na mesma ordem, atravessarão as ferteis campinas habitadas pelos Indigenas que *Teixeira* chamou *Indios Cabelludos*, passarão por

638 Baeza, antiga Praça hespanhola, e entrarão em Quito, depois de hum arduo trajecto de mais de 700 legoas. A noticia dos impávidos viajantes pareceo fabulosa no Perú, até que os correios de Baeza a confirmarão. O Vicerey, o Corpo Municipál, e todas as personagens da Cidade, na maior surpresa e alvoroço vierão felicitár os ousados Portuguezes por tão importante descoberta; e o Corregedór *D. João Vellasques de Acuña*;

offereceo desde logo a sua pessoa e bens a favôr de huma grande expedição para acompanhár *Teixeira* na descida do rio.

Pela actividade do Viceroy, em pouco tempo se achou a grande Frota prompta a partir.

Para evitár a marcha por terra, *Teixeira* começou a viagem entrando por huma das origens do Napo, veio por este sahír ao Amasonas; examinou 38 dos mais consideraveis tributarios d'este rio, e 24 grandes Nações cabocolas até então ignoradas, que habitavão as suas margens; chegando á Tribu dos Cabelludos, tomou solemne posse dos Campos dos Açôres para a Corôa de Portugal, em nome de Filippe IV; e, depois de ter por cinco vezes combatido com os Selvagens, em duas das quaes teve que abandonár todas as embarcações, chegou a Belem com 11 mezes de viagem. 1639

He facil imaginár o gáudio que causou ao Governador *Noronha*, o bom resultado da empresa; pelo qual foi perdoado da usurpação.

Se então a Hespanha tivesse prestado o devido auxilio á navegação do grande rio, se gosarião hoje as gigantescas vantagens de tão util achada; porém a negligencia, mais do que a politica, fez com que as margens do abundante Amasonas se conservem ainda hoje desertas. As mesmas Nações bárbaras que aquí habitavão desaparecerão, e não tem sido possivel saber o seu destino. Talvez, mais prudentes que outros Selvagens, se retirarão ás impenetraveis brenhas do Norte; mas, cedo deixarão de haver estes asilos; e o vasto territorio amasonico, descortinando-se aos olhos de intrépidos viajantes, mostrará as deploraveis Tribus escapadas ao furôr da civilisação; aquí se encontrarão os Tupinambás repellidos do Sul, e os Omagoás, que se terão pouco a

fastado de sua antiga Patria : mais longe, os Tapuyas, victimas de todos os conquistadores, e outros de quem se ignora até os nomes; oxalá que os respeitaveis restos d'estas poderosas Nações sejam conservados, e que possamos offerecer aos séculos vindouros a prova de que a America descoberta em nossos dias não foi manchada por atrocidades, só desculpaveis á superstição e ignorancia.

Por esta época, o derradeiro Philippe condecorou o Governador do Estado do Brasil, que então hera o *Marquez de Montalvão*, com o titulo de Vicerey, que passou aos 1640 seus successores.



## QUARTA ÉPOCA.

O Brasil livre do jugo d' Hespanha.

---

A tirannia dos Filippes tinha abatido o  
ânimo lusitano, sem conseguír degradal-o;  
o ódio aos Hespanhoes, e o amor da inde-  
pendencia, não deixarão hum momento os  
peitos portuguezes, durante 60 annos que  
sua illustre Patria jaseo oppressa pelos in-

justos ferros estrangeiros. Quarenta Nobres finalmente, affrontando as colossaes forças inimigas, escudados pelo valor e patriotismo nacionál, soltão o primeiro grito de liberdade; Lisboa inteira repete: Liberdade; e, como por hum effeito electrico, em poucas horas, o *Duque de Bragança* occupa o throno, com o nome de D. João IV, e Portugal torna  
1640 a ser dos Portuguezes.

A nova da gloriosa restauração foi rece-  
1641 bida no Brasil com geral enthusiasmo; os Holandezes porém, mostrarão hum regosijo de cuja sinceridade hé permittido duvidár.

#### Insurreição em S. Vicente.

Os Hespanhoes residentes em S. Vicente, e aquí alliados a muitas familias, não souberão sem grande pesar da feliz revolução de Portugal; e confiando na ignorancia do Povo d'aquella Capitania, então mais

propenso ás armas do que ás letras, tentaram aproveitar o abandono em que se achava esta parte do Estado, e conserval-a no dominio de Castella. Para principál instrumento da revolta, lançarão vistas sobre *Amador Bucno de Ribeira*, nobre, e descendente de Hespanhoes; e tendo conseguido illudir a plebe, dizendo-lhe que, nenhuma sujeição devião a El Rey D. João IV, por ainda lha não terem jurado, forão em chusma á morada de *Bucno*, exclamando: *Viva* 1642  
*Amador Bucno*, *nosso Rey*. Este porém, dando pasmoso exemplo de obediencia, recusou a perigosa Corôa, e vendo-se perseguido pelos amutinados, sahe com huma espada nua pelas ruas da Villa, gritando: *Viva El Rey D. João IV*, *nosso senhor*, e vai refugiar-se no Convento dos Benedictinos.

Algumas pessoas notaveis chamadas ao Mosteiro arengarão ao Povo, descobrindo-lhe as cavilosas manobras dos Hespanhoes;

e com tal vehemencia e razões animarão seus discursos, que todos os rebeldes allí mesmo acclamarão El Rey D. João IV ; e fazendo logo reunir a Camara Municipál, nomearão dois Commissarios, *Luiz da Costa Cabral*, e *Balthazar de Borba Gato*, para hirem á Côrte prestár juramento de fidelidade á nova Caza Reinante, em nome da Povoação de S. Vicente.

Expulsão dos Holandezes. — O Brasil recebe titulo de Principado.

A trégua de 10 annos, que El Rey D. João IV, no princípio do seu feliz reinado firmou com a Republica Holandeza, deo lugar ao *Principe Mauricio de Nassau*, a tornár proficua a fertilidade do territorio de suas conquistas, e crescidas sommas entrarão nos cofres da Companhia. A Cidade de Olinda foi reconstruida, e augmentada com muitas obras, de que ainda se conservão preciosos restos.

Todavia, a desconfiança do Conselho da Holanda, augmentava na razão da prosperidade de *Nassau*; e, ainda que este Chefe não mostrasse jamais nutrir as idéas d'egoismo de que o accusavão, o Governo das Provincias Unidas o chamou á Europa, substituindo-o por huma Commissão Governativa, 1644 composta de *Reynaldo Hamel*, *Samuel de Bas*, e *Victor Ballestrate*.

Estes tres homens não desenvolverão a sabedoria e prudencia de seu antecessor; e á affeição que tinham sabido ganhár, medidas doces e moderadas, succedeo hum ódio mortal, filho das vexações que agora pesavão sobre os Portuguezes.

*João Fernandez Vieira*, que tanto se tinha distinguido na guerra da invasão, meditava de continuo na liberdade do Brasil; avultados cabedaes lhe offerceião recursos,

que sua nobre alma consagrava inteiramente ao bem da Patria adoptiva.

A Ilha do Maranhão, atraçoadamente conquistada pelos Holandezes já durante a paz, acabava de ser restaurada pelos Colonos d'aquella Capitania, e esta victoria hera hum novo incentivo para os conjurados de Pernambuco, que devião proceder de acordo com aquel'outros. Nada mais faltava do que a chegada de *Filippe Camarão*, e *Henrique Dias*, que vinlão reunir-se, com 1,400 Indigenas, e Pretos; tudo promettia que em breve o heroe descarregava o golpe capital, quando huma infame delação veio perturbár seus planos, constrangendo-o a levantár prematuramente o estandarte da independencia.

O Governo Holandez, tão timorato quanto tiranno, surprehendido com a imprevisita re-

volta , limitou-se a reforçar a guarnição das fortificações, e, conservando-se na defensiva, requereo á Côrte os necessarios auxilios; porém, estes tinham de ser retardados pelos obstáculos de mais de 2,000 legoas, em quanto por outra parte, o Viceroy *Antonio Telles da Silva*, enviava a Pernambuco *André Vidal de Negreiros*, commandando hum corpo de boas Tropas, as quaes entrando com o dissimulado pretexto de pacificadoras, se englobarão logo com as insurgentes.

A guerra tomou então hum character, mais do que nunca fatal aos Holandezes. *Vieira*, sempre junto ao perigo, distribue o Exercito com prudencia e habilidade, e se hé mistér destruir as plantações e edificios que servem ao inimigo, appõe-se á inteira ruina de seus compatriotas, mas incendia as suas ricas propriedades. O General *Henrique Huss*, que sahia a campo com 2,200 solda-

dos, he batido e aprisionado, e o generoso *Vieira* o restitue aos seus. O despresivel *Frederico Hoogstrate*, Commandante do Forte de Nazareth, vende este importante posto por 25,000 cruzados ; Porto Calvo succumbe ao valor de *Christovão Cavalcanti*, e *Valentim Rocio*, apodera - se da Villa do Penedo. O inimigo, concentrado em Olinda, contava 4,800 defensores, entre Holandezes e Indigenas, quando *Vieira* o accommeteo ajudado pelos de *Camarão*, e *Dias*, e com 3,200 homens obriga o General *Huss* a 1646 deixár a Cidade, e entrincheirar-se no Recife.

A Holanda, finalmente convencida da fraquesa e perigosa indecisão da Junta Governativa, e do quanto importava substituil-a por hum Chefe militár e activo, enviou pela segunda vez *Sigismundo de Escup*, como Governador da Colonia, e Commandante

das forças, o qual chegou a Pernambuco com huma consideravel Armada bem refeita de gente e armamento.

Os Portuguezes esperarão a pé firme todo o poder do inimigo diregido pelo novo e bravo Capitão, e ganharão ainda huma porfiada batalha, em que o General Belga foi ferido gravemente.

Apenas restabelecido, o Chefe inimigo junta a sua Armada, e deixando no Recife unicamente a força necessaria para a defensiva, vai com 5,000 homens surgir inopinadamente na Bahia, e tomando a Ilha de Itaparica, d'alí pede satisfação ao Viceroy, dos soccorros por elle enviados os rebeldes de Pernambuco. *Telles da Silva*, naturalmente fogoso, responde, contra a opinião gerál, mandando *Francisco Rebelo*, á testa de 2,000 Portuguezes atacár os intrusos; mas, depois de renhida batalha, este valente Com-

mandante morre com 600 dos seus, e *Sigismundo* não volta ao Recife sem ter arrazado a Povoação de Itaparica, e obtido huma ordem em nome d'El Rey, a *Vieira*, para cessár as hostilidades; porém este responde: *hirci receber do Soberano o castigo da desobediencia, quando lhe tiver restituído o mais bello apanagio da sua Corôa.*

O implacavel patriota, ganhando cada dia novo valor, não dava ao inimigo hum momento de tranquillidade; mas as vantagens que elle tinha até então obtido, de força se achavão agora equilibradas pelo augmento das Tropas holandezas entregues a mais habeis mãos.

El Rey D. João IV, sabendo que huma formidavel expedição partia da Holanda ao auxilio de *Sigismundo*, mandou, sem aberta declaração, *Francisco Barreto de Menezes*, com alguma gente, tomár o commando do

Exército pernambucano; mas como o General fosse aprisionado nas agoas da Capitania da Parahyba, só depois de nove mezes de prisão pôde evadir-se, favorecido por *Francisco de Brat*, e chegou a Pernambuco a tempo que *Vieira*, constrangido até ali á simples defensiva, projectava hum batalha terminante. A entrada do novo General lhe deu ainda occasião de patentear a extensão e nobresa de seu character, cedendo immediatamente o commando, e continuando a prestar-se com sua fazenda para a sustentação de todo o Exército. *Barreto* soube apreciar as raras qualidades de seu antecessor: harmonia a que se devem attribuir as victorias successivas alcançadas pelos Portuguezes.

*Sigismundo*, á frente de 7,000 homens Holandezes, e Cabocolos, dezaia o General *Barreto*, tomando posição nos montes Guararapes; os Portuguezes impacientes por avançarem aos adversarios, acompanhão

em numero de 2,500, o novo Chefe, que se arremeça sobre os Belgas, obtendo completa  
1647 e brilhante victoria.

Como por este occasião, *Sigismundo* recebesse segunda ferida, o commando recahio em *Astolpho Brinck*, que tomando tão sómente o tempo necessario para reorganisár, e augmentar a sua gente com mais 1,200 Holandezes, e 2,000 Cabocelos de rezerva, volta aos montes Guararapes; *Barreto* apressa-se em disputar-lhe a posição, e ao cabo de pleiteada e desigual batalha, fogem os Holandezes vergonhosamente, deixando ao Portuguez, 10 bandeiras, 6 canhões, 800 prisioneiros, e 2,200 mortos, entre os quaes se contava o General *Brinck*, e vão acossados refugiarem-se precipitadamente no Forte da  
1648 Barretta.

Tão desastrosa derrota exacerbou o ânimo nimiamente bellicoso de *Sigismundo*, forçan-

do-o a sahir a campo antes de restabelecido; e voltando todo o ódio contra o Viceroy, que protegia com mão occulta os revoltosos de Pernambuco, tratou de hir em pessoa atacar segunda vez a Capitania da Bahia. A continua reacção a que o obrigavão repetidos assaltos do General Portuguez, o demorava no Recife; mas recebendo por este tempo dois Regimentos, que de reforço lhe vinhão da Europa, foi com elles, e mais 1,200 homens de desembarque, apparecer na Capital do Brasil. Em troco das requisições que arrogantemente fez, de nova satisfação, respondeo *Telles da Silva*, que, além de nada querer providenciár sobre Pernambuco, por lhe parecer sobejamente justa a defesa da propria liberdade contra tirannos aggressores, lhe intimava que dentro de 24 horas o obrigaria a evacuár a Bahia, se de bom grado elle o não fizesse.

Nada porém corroborava a ameaça do

fero Viceroy. *Sigismundo*, tinha-se apresentado inesperadamente no porto, e os Bahianos desprevenidos, mal poderiam secundar a bravura de seu Chefe, contra 4,700 soldados aguerridos; com effeito, o Holandez desembarcando logo com a sua gente nas praias do Recôncavo, matou muitos habitantes, 1649 saqueou as Povoações, e voltou a Pernambuco, sem ter encontrado a menor resistencia.

Depois d'este acontecimento, os dois partidos, conservando-se sempre em vigilancia, diminuirão de actividade, sendo o primeiro facto digno de referir-se a morte do leal e 1650 valente *Filippe Camarão*, perda tanto mais sensivel, quanto sua conducta heroica o tornava charo aos Portuguezes, e temivel ao inimigo.

Cançada a Holanda de enviár despendiosos soccorros ao Brasil, os quaes a habilidade

dos Chefes insurgentes inutilisava; e El Rey D. João IV, temeroso de comprometter-se com as Provincias Unidas, abandonando o General *Barreto*, os dois Exercitos cahirão em huma apathia, que por largo tempo só foi interrompida por alguns pequenos ataques suscitados pelos Pernambucanos. Os Holandezes conservavão-se senhores da Villa do Recife, e do porto, em quanto os contrarios occupavão a Cidade de Olinda.

1653

Mais de 7 annos se tinham passado de guerra em Pernambuco, e a longe se prolongaria tão destruidora época, a não sobrevir huma circumstancia imprevista e poderosa.

*Pedro Jacques de Magalhães*, official de reconhecido mérito, appareceo n'esta Capitania, commandando huma Armada portugueza encarregada de comboyár os navios de commercio até á Europa; o General *Barreto* apressou-se em communicár ao Al-

mirante o estado da guerra, pedindo o seu auxilio para a expulsão dos intrusos. Este porém, receando tomár parte activa em huma luta a que apenas assentia o Governo portuguez, submetteo a questão a hum conselho de guerra a bordo da Nao Chefe, e em consequencia de decisão affirmativa, o ataque do Recife foi resolvido.

*Barreto*, desejoso de vêr terminár esta lide por aquelle que a tinha começado, entregou a direcção do ataque da Villa do Recife a *Vieira*, e foi com o resto da gente assaltár os outros pontos fortificados. O patriota aproxima-se da Praça, apezár dos esforços dos sitiados; a Esquadra principia hum fogo successivo sobre as fortificações, que *Barreto*, por outra parte acommette, e toma; redobra-se de valor e de artificio; e, em quanto *Vieira*, perto do Recife avança a travez das balas holandezas, o Engenheiro *Pedro Dumas* abre huma galeria de mina,

e hia fazer jogar o formidavel forninho, quando as Tribus indigenas, que auxiliavão os já atterrados Holandezes, instruidas da sorte que as aguardava, procurarão, atravessando o rio, escaparem aos mortíferos prodígios do engenho europeu, e *Sigismundo*, do alto das baterias propõe capitulár. Então, *Vieira* chega junto á Praça, onde reina a maior confusão, reúne-se o conselho holandez, e convencionase em que, a Villa e porto do Recife sejam entregues ao General *Barreto*, assim como todas as fortificações dependentes, as Capitánias occupadas pelos Holandezes serão evacuadas á chegada da primeira ordem; ás guarnições se concederá sahirem com as honras da guerra. O tratado realisou-se, e o Brasil ficou para sempre livre do 1654 dominio estrangeiro.

El Rey D. João IV, soube com vivo prazer que havia recobrado a posse d'esta parte de seus Estados; e, se as circunstancias de

Portugal o tinham privado de soccorrer effi-  
 cazmente os illustres patriotas, a gratidão  
 e justiça, com que de mão larga o dotara  
 a natureza, translusirão nos prémios que  
 liberalmente lhes outorgou. *João Fernandez*  
*Vieira*, recebeu recompensas proporcionadas  
 a seus nobres feitos, e El Rey confirmou o  
 glorioso titulo de *Libertador do Brasil*, que o  
 Exército unanimemente lhe conferira.

Se a invasão dos Holandezes prejudicou à  
 Portugal e sua Colonia, he igualmente in-  
 contestavel que elles, transportando ás pos-  
 sessões de ultra-mar a ordem e actividade  
 que os distinguia na Europa, concorrerão  
 para o augmento d'este paiz. Muitos vesti-  
 gios de sua indústria attestão ainda no Bra-  
 sil a verdade d'esta asserção; por muito  
 tempo as observações de *Pison*, e as de  
*Marcqgraff*, forão as únicas que podessem  
 servir de guias na Historia Natural d'estas  
 regiões.

Antes dos acontecimentos que acabamos de narrar, em 1647, tinha El Rey D. João IV illustrado o Brasil com o titulo de Principado, hereditario para os successores á Corôa, na pessoa de seu primogenito, o *Principe D. Theodozio*.

Povoação de Santa-Catharina. — Rasgo de valor. — Povoação das Alagoas. — Fundação da Colonia do Sacramento. — Minas de ouro. — Povoação de Minas Geraes.

Chegando n'este tempo a Portugal a nova de que os Castelhanos tentavaõ estabelecerem-se na importante ilha de Santa Catharina, então chamada dos Patos, e incorporada á Capitania de S. Vicente, concedeo El Rey D. João IV a *Francisco Dias Velho*, a posse da mesma ilha, e do territorio opposto no continente, o qual tendo chegado com pouca gente, dava principio ao estabelecimento, quando *Roberto Lewis*, Corsario Inglez, 1655 abordando ali, o assassinou. Por tempos

depois se conservou deserta aquella ilha , até que , em 1692 , *João Felix Antunes* , veio com 260 Açoritas dár começo á Povoação , para o que achou grande auxilio nos habitantes da Laguna , que , 135 annos antes , o Vicentista *Domingos de Brito Peixoto* havia começado a povoár.

- 1656 Pela lamentada morte d'El Rey D. João IV , a Rainha D. Luiza , sua esposa , como tutora dos Principes menores , nomeou *Francisco*  
 1657 *Barreto de Menezes* , para Vicerey do Estado do  
 1662 Brasil , e concluiu hum tratado de sólida paz com as Provincias Unidas , concedendo livre commercio aos Holandezes em todos os portos da America Portugueza.

Chegando o primogenito filho do defunto Monarcha á idade propria , mais desejoso do que capaz de governár , subio ao solio com o nome de D. Affonço VI , e enviou o *Conde*  
 1663 *d'O'bidos* , como Vicerey do Brasil : razão

única pela qual seu escuro nome aparece nas paginas brasileiras; porque, entregando logo ao *Conde de Castelnelhór*, por ventura varão de crescido mérito, a direcção dos negocios nacionaes, para d'est'arte poder inteiramente entregar-se a ilícitos exercicios, preparou a a sua prompta e desairosa queda.

Com effeito, fatigado o Reino da escandalosa conducta do Monarcha, obteve, a requisição da Junta dos Tres Estados, que o Governo cahisse nas mãos do Infante D. Pedro, 1667 o qual, accitando a Regencia, voltou suas vistas para a felicidade das Colonias: e d'aquí datão as importantes descobertas das riquezas do interior do Brasil. As Capitánias do Norte receberão consideraveis melhoramentos, e as transacções marítimas forão protegidas por huma Armada, que regularmente comboyava os navios do commercio até Lisboa. O distincto Almirante *João Correa*

*da Silva*, Chefe de huma d'estas Armadas, pereceo com mais de 400 Portuguezes, nau-  
1669 fragado perto da entrada da Bahia.

Entre os repetidos assaltos dos Cabocolos, que n'estes tempos experimentou a Capital do Brasil, cumpre distinguir o da Povoação de Cayrú.

Estando os habitantes da Villa reunidos na Igreja Matriz, por occasião de grande festividade, 800 Indigenas armados de flechas vierão cercar o Templo, e começavão horrorosa matança, quando o Capitão *Manuel Barboza de Mesquita*, encarregado da guarda d'aquelle Ponto, cahio denodadamente sobre os bárbaros, com 7 soldados, unicos que ousarão seguil-o, e cortando a hum e outro lado, abriu larga estrada no meio dos inimigos, succumbindo finalmente trespassado por cinco mortaes feridas, depois de salvár

as vidas dos habitantes cuja segurança lhe estava confiada: tal hera ainda o ánimo portuguez. 1672

Nas sábias providências que o Brasil deveo ao Regente D. Pedro, hé mistér contár a expressa ordem ao Vicerrey *Affonço Furtado de Mendonça*, para mandár povoár o territorio dos Alagoas, e fortificár o porto de Maceió contra o ingresso dos Indigenas, e dos Estrangeiros contrabandistas de pao brasil, que a cada passo acommettião e saqueavão as raras cabanas estabelecidas á beira-már. Esta Povoação se conservou subordinada á Capitania de Pernambuco até ao anno de 1817, em que foi d'ella desmembrada, tendo por primeiro Governador, *Sebastião Francisco de Melo Póvoas*. 1674

Por morte do Vicerrey, hum triumvirato ficou encarregado do Governo, até á chegada de *Roque de Castro Barreto*. 1675 1678

Em quanto os habitantes de toda a costa entre o Pará e Rio de Janeiro, gosavão da prosperidade que lhes procurava o desvelado Regente, os Vicentistas, quasi independentes, longe de participarem da sorte de seus compatriotas, se occupavão em pelejar contra os Hespanhoes do Paraguay e Buenos Ayres, os quaes, estendendo seus dominios até ás visinhanças do Uruguay, fazião assim recuár os limites de Brasil.

*D. Manuel Lobo*, nomeado Governador do Rio de Janeiro, veio, por ordem do Infante D. Pedro, no intuito de obstár a continuação d'estes estabelecimentos, fundár a Co-  
1680 lonia do Sacramento.

Construida a Praça, *D. José Garro*, Governador de Buenos Ayres, sorprendendo e  
1681 passando á espada a guarnição, se apossou d'ella. Por convenção das duas Corôas, foi depois a Colonia restituida a Portugal, e

reedificada por *Duarte Teixeira Chaves*. Em 1683 1703, *D. Alonso Valdez*, pondo-lhe pertinaz e rigoroso sitio, obrigou o Governador *Sebastião da Veiga Cabral* a evacuar a fortificação, que voltando ao dominio portuguez em 1713, pelo tratado de Utrecht, em 1735 *D. Miguel de Salcedo* a atacou, e apezár de reduzir a guarnição á mais calamitosa extremidade, foi a final repellido pelo valeroso *Antonio Pedro de Vasconcellos*.

Tranquillisados os Vicentistas com a barreira opposta pela Colonia do Sacramento ás empresas dos seus limitrophos do Sul, poderião occuparem-se na cultura do vasto territorio em que vivião independentes; mas seu espirito inquieto necessitava exercicios mais árduos.

Ja, como dissemos, em 1573 *Sebastião Fernandez Toyrinho*, havia dado exemplo na pesquisa de terras auríferas; e se esta

expedição , e outras que se lhe seguirão , não  
 tinham alcançado vantajosos resultados , sup-  
 punha-se , por outra parte , que as montanhas  
 visinhas do Perú encerravam valiosos the-  
 souros, e isto deo causa a que muitos Sertan-  
 1685 nejos se reunissem em *Bandeiras*, e se intro-  
 dusissem pelo interior, em differentes direc-  
 1689 ções.

Imaginem-se estes exploradores , percor-  
 rendo paizes sobre os quaes não tinham outros  
 indícios mais do que as informações vagas ,  
 e muitas vezes falsas , dos Indigenas ; vivendo  
 annos inteiros no centro de medonhas matas ,  
 do producto da caça , ou recorrendo a peni-  
 veis culturas , para poderem subsistir no de-  
 sertos , e se fará exacta idéa do character  
 d'estes homens emprendedores , a quem a  
 ambição tornava mais perseverantes.

Depois de muitas incursões infructuosas ,  
*Antonio Rodriguez* , natural de *Thaubaté* ,

acompanhado por 50 homens, atravessou os sertões de Cuyaté, e foi apparecer na Capitania do Espirito Santo, onde apresentou 3 oitavas de ouro.

1693

Por morte de *Rodrigues, Bartholomeo Bueno*, e *Miguel d'Almeida*, continuarão a empresa; *Manuel Garcia*, e *Salvador Fernandez*, se lhes reunirão no seguinte anno; na serra de Itaberava, e acharão maior cópia do procurado metál. Por outra lado, *Fernando Dias Paes*, penetrava nos sertões do Serro Frio, e descobria parte das preciosidades que elles occultavão. Os Vicentistas, animados pela esperança de avultadas riquezas, affluirão então em grande numero n'aquelle territorio, e ali formarão huma consideravel Povoação com o nome de Aldêa do 1697  
Ouro Preto, a qual foi em 1711 mudada para mais apropriada posição, com o titulo de Villa Rica, sempre sujeita a S. Vicente, até 1720, em que a Capitania de Minas Ge-

raes se desmembrou da de S. Paulo, tendo por primeiro Governador, *D. Lourenço d'Almeida*.

O respeito que desejâmos guardâr á ordem chronológica dos factos, nos obriga agora a interromper a Historia dos descobrimentos devidos aos Vicentistas, para relatarmos outros successos não menos interessantes.

#### Negros de Palmares.

Os Negros que procurão escapár á escravidão, bem vezes insupportavel pela tyrannica injustiça de seus senhores, formão quasi sempre pequenas associações nos matos, onde huma má ou nulla administração, concorre para os entregár ás primeiras tentativas da policia; a Povoação de Palmares, porém, offerece huma excepção d'esta negligencia geral.

Entre os annos de 1520 e 1530, se tinham formado duas d'estas reuniões com alguma regularidade na Capitania de Pernambuco, perto de Porto Calvo; os Holandezes as extinguirão em 1644.

Pouco antes da expulsão d'estes intrusos, mais de 40 negros fugitivos, fornecidos de armas de fogo, foram estabelecer-se no mesmo lugar, para onde affluirão em pouco tempo muitos outros. Pernambuco, primeiro occupado na grande luta de sua independencia, e depois desfalecido pelos resultados de tão prolongada crise, não pôde obstár o progresso da nova Povoação de Palmares, que ganhou hum rápido e assombroso crescimento.

Como os fugitivos não possuíam sufficiente numero de companheiras, as procurarão á maneira dos Romanos, cabindo brutalmente sobre as habitações visinhas, e apoderando-

se de todas as mulheres de côr : *Rocha Pitta*, diz, que o roubo das Sabinas não foi, nem mais completo, nem mais geral. Os Palmarienses imitarão ainda os antigos dominadores do mundo, saqueando as Povoações, e commettendo mil outras barbaridades.

Os Agricultores de Porto Calvo, obrigados a comprarem a alliança dos Negros, lhes ministrarão armas, munições e outras mercadorias; e a Colonia Africana tomou hum aspecto florecente e terrivel.

A agricultura, a que os Palmarienses se entregarão com huma ordem e providencia que fazem pasmár, adoptou seus costumes. Hum Chefe electivo e vitalicio escolhido d'entre os mais bravos, denominado o *Zumbé*, estava encarregado de vigiár sobre a segurança e augmento da Povoação, executando por meio de Ministros de sua nomeação, huma especie de código, hoje infelizmente

ignorado. A Religião adoptada hera o Christianismo, alterado por muitas superstições.

A população de Palmares crescia pois por admiravel maneira; as matas virgens apparecerão em breve transformadas em terrenos cultivados, e numerosos edificios occupavão os arredores da Cidade. A Capital foi fortificada por meio de enormes troncos cravados em estaca, formando huma muralha circumdante de grande altura.

Cincoenta annos tinham decórrido desde o começo do estabelecimento, quando o Governo de Pernambuco, amedrontado, resolveo aniquilal-o. *João de Lencastro*, que governava esta Capitania, de accordo com *Cactano de Melo*, então Vicerey, fez marchár 7,000 homens de Infanteria, porém os Negros os repellirão vigorosamente. Com tudo, como os atacantes conservassem em sitio a Povoação, em quanto lhes chegava a Arti-

lheria que requisitarão , e os habitantes circumvisinhos se tivessem concentrado na Capital de Palmares, a fome veio completár a ruina dos audazes Africanos, fazendo-os succumbir aos primeiros tiros do canhão. Este acontecimento deu lugar a hum d'aquelles rasgos que attestão ser o verdadeiro valor o mesmo em todas as especies do género humano. Zumbé vio os ferros que se lhe destinavão, e seus companheiros lendo nos olhos do Chefe o horror que lhe inspirava o captiveiro, souberão imital-o, e morrerão, 1697 despenhando-se do cume de hum alto rochedo. Os velhos, mulheres e doentes forão vendidos, extinguirão-se as mesmas ruinas da Cidade, e só resta hoje de Palmares, a memoria de seus célebres habitantes.

Outras expedições francezas. — Decadencia no Norte. — Povoação de Piahy , de Matto Grosso , e de Goyaz.

1703 A alliança com a Inglaterra, contra a Fran-

ça, foi para Portugal hum germen destruidor de todo o engrandecimento devido á sábia administração do *Conde da Ericeira*. Este tratado, que estipulava união offensiva e deffensiva, mas que na realidade hera hum tratado de commercio, abriu favoravel senda á invasora cobiça dos negociantes Inglezes, que, livres de todas as leis prohibitivas, inundarão Portugal dos variados productos de suas fábricas, paraly-sando a indústriá nacionál.

A França, pois, não conseguindo entabolar mais vantajosas relações, no princípio do oneroso reinado d'El Rey D. João V ; 1707 pretextando a regeição de sua alliança, pela de seus antigos rivaes, resolveo traser a guerra ao seio das Colonias portuguezas da America.

Sete náos com 1,000 homens de Tropa,

ao commando de *Carlos Duclerc*, vierão  
1710 aportár na Capitania do Rio de Janeiro.

O Governador *Francisco de Castro de Moraes*, avisado da aproximação do inimigo, mandou tudo dispôr para a reacção; porém, sabendo que *Duclerc*, tendo desembarcado no porto da Guaratiba, estava em marcha sobre a Cidade, em vez de lhe disputár o passo em hum terreno para isso tão propicio, se conservou quedo em posição, e o Chefe francez, penetrando na Cidade, passou pela frente das Tropas do Governador, sem que este se movesse, nem de suas fleiras se disparasse hum só fusil. *Duclerc*, animado com tão pusillanime resistencia, se diregio sobre o palacio do Governo, e o teria occupado, se *Gregorio de Castro de Moraes*, com quem a natureza fora tão pródiga em coragem, como avara para com o Governador seu irmão, não defendesse o

posto durante 3 horas, até cahir mortalmente ferido. A este tempo, aproximando-se finalmente as Tropas nacionaes, o inimigo se retirou, e foi loucamente postar-se no trapiche da Cidade. Então, o Governador, fazendo para ali transportar muitos barris de pólvora, *Francisco de Macedo Brito*, que n'aquelle lugar possuia, além de importantes propriedades, sua esposa, may e filhos, mais patriota que Bruto, ou Malio, se offereceo para lançar o fogo ao combustivel; mas o Francez, succumbindo a tão poderosa insidia, se apressou em depôr as armas, entregando-se e os seus como prisioneiros de guerra. Poucos dias depois, o Chefe se achou aleivosamente assassinado em sua prisão: tão vil he a covardia. 1710

Recebendo-se em França, no regresso da Esquadra de *Duclerc*, a noticia do desastroso resultado da empresa, o Almirante *Duguay-Trouin*, obtendo de Luiz XIV, 4,500 sol-

dados, e concordando com huma Companhia commercíal, que, aproveitando a ensejo, lhe forneceo o cabedal necessario, veio apparecer com 15 náos na barra do Rio de Janeiro.

O Governo de Portugal, mandou em auxilio da Colonia, 4 náos, e outras embarcações, entregues a *Gaspár da Costa d'Atayde*.

*Trouin*, apesar da resistencia das fortificações, ganha a bahia, e vai tomár a Fortaleza da Ilha das Cobras, onde alvora o pavilhão francez. D'esta posição se convence de que ordens previdentes tem disposto a Cidade para reagir ao ataque; todavia, fazendo primeiro varrer as praias pelo fogo de 4 navios, effectua o desembarque, e, pondo-se á frente do centro do seu pequeno Exército, confia a vanguarda ao *Cavalheiro de Goyon*, e a reserva a *Adolfo Courserac*, e avançando impávido, a poucos passos está senhor do Forte

de S. Bento, e de outras posições importantes.

Antes de começár o assalto, *Trouin* escreveu a *Castro de Moraes*, exigindo, os assassinos de *Duclerc*, a liberdade de todos os prisioneiros, e huma quantia capaz de o indemnisar das despesas da expedição. O Governador, procedendo por maneira que mal se compadece com sua conducta anterior, responde, que não satisfará a nenhuma das condições, e conclue protestando que saberá morrer no seu posto.

Os Francezes, reservando então o assalto para o dia seguinte, mandarão desde logo a favôr das trevas algumas chalupas bem armadas, para se apoderarem de 5 embarcações portuguezas surtas no porto : hum raio, que cahio quando se aproximavão das presas, fez descobrir os atacantes, e hum chuveiro de balas de mosquetaria se disparou contra

elles. *Trouin*, receando perder esta preciosa parte de suas Tropas, chegou o morrão a huma peça d'artilheria, e deo assim o signal convencionado para que todas as baterias rompessem o fogo sobre a Cidade. Esta detonação simultânea; o ruido dos trovões, com vezes repetidos pelos echos da bahia, e o clarrão interrompido das bocas de fogo e dos relâmpages, atterrarão os habitantes, contra quem os elementos parecião juntár sua guerra á guerra dos invasores, forçando-os a ganhár o interior do paiz, com o possivel de seus thesouros; os mesmos militares abandonarão as muralhas : a Cidade ficou deserta.

*Trouin*, prevenido da existencia de hum mina, que hia fazer voár o Forte dos Benedictinos com a guarnição franceza, se deo pressa em entrar na Cidade, e deixando-a primeiro saqueár, foi logo ao encontro de *Castro de Moraes*. Depois de hum pequeno  
1711 debate, o Portuguez capitulou, assignando

a affrontosa condição de pagar 610,000 cruzados a *Duguay-Trouin*, o que foi realizado dentro de 15 dias; e o inimigo regressou á Europa, levando, não obstante o naufragio de huma das mais preciosas embarcações, 92 por 100 sobre o custo da expedição.

Se os Portuguezes se sustentão mais 24 horas, terião recebido o possante soccorro de 3,000. homens, que descerão de Minas Geraes, commandados por *Antonio de Albuquerque Coelho*, 2,000 dos quaes herão de boa Cavallaria, e Infanteria. Assim, outro que não fosse o inerte e timorato *Castro de Moraes*, caro teria feito pagár ao invasor, seu temerario arrojo.

Até aquí, Portugal, debaixo ainda da influencia de antiga prosperidade, pôde concluir hum tratado por intervenção da Rainha Anna 1713 d'Inglaterra, pelo qual, o territorio do Brasil se estendia do Oyapock ao Prata; em pouco

porém, o Governo d'El Rey D. João V, to-  
lhendo a actividade e indústria portugueza,  
foi produsir iguaes effeitos em todas as  
Colonias. Mais de 40 annos que este Prin-  
cipe occupou o throno, offerecem huma  
longa e humilhante retrogradação para os  
séculos do brutal monaquismo, e fazem do  
seu reinado huma época de luto nos annaes  
de Portugal. O fanatismo, que até ali tinha  
ajudado o espirito bellicoso da Nação, nas  
suas gloriosas e incomprehensiveis façanhas,  
se achava agora substituido pela abominosa  
hypocrisia, só fertil en acções negras e de-  
gradantes.

O commercio do Brasil paralysava pro-  
gressivamente, á medida que as Colonias  
Holandezas, Francezas e Inglezas enviavão  
aos mercados da Europa maior cópia dos  
géneros, de que elle até então os fornecia ex-  
clusivamente. Muitos mezes se passavão, e  
hum só navio estrangeiro não apparecia nos

seus portos, em busca dos productos agrícolas, as seccas assolavão o paiz desde Pernambuco até Maranhão, tudo definhava, e jasia na apathia e na miseria, sem que 1717 o Governodespertasse de tão ruinoso lethargo. Só huma Povoação inteira não participava d'este desperecimento. Os Paulistas, que tinham observado sem alteração as épocas felizes do resto do Brasil, se conservavão agora igualmente alheios da triste vicissitude que experimentavão as Capitánias do Norte; occupados em conquistár os terrenos do interior, e em guerrecár com as Tribus d'Indigenas que se lhes oppunhão, não soffrião os males de seus compatriotas, porque não se alimentavão da mesma fonte.

A furiosa mania de conquistár, tinha levado estes célebres Colonos aos mais remotos lugares do Brasil. Em 1666, *Domingos Jorge*, penetrando pelos sertões até as cabeceiras dos rios Piauihy e Gurguéa, foi

combater com os Indigenas denominados Pimenteiras, e recolheo-se a seus lares, trasendo mais de 200 prisioneiros. *Domingos Affonso*, que o tinha acompanhado, foi o primeiro Europeo que residio n'aquellas terras, onde estabeleceo 42 fazendas de creár. Depois, o Governo do Maranhão enviou para ali algumas familias, que juntas a mais de 300 degradados vindos de Portugal, formarão a primeira Povoação de Piauhý, fundando a

1718 Villa da Mocha, que se conservou subordinada ao Maranhão, até passar a Lugar Chefe de huma nova Capitania.

Em outras direcções avançavão igualmente os Paulistas a largos passos pelo interior do paiz. *Pascoal Moreira Cabral*, subindo o rio

1719 Cuchipómirim, reconheceo que o terreno de suas margens encerrava abundancia de ouro, e logo com seus companheiros ali edificou algumas cabanas, depois augmentadas, com a chegada de huma nova *Bandeira*. No

seguinte anno, se mudou o Arrayál para o 1720  
 lugar da Forquilha, em cujas visinhanças,  
 o ouro se offerencia em tamanha cópia, que  
 no espaço de hum mez se extrahirão 400 ar-  
 robas d'este metál, excavando-se apenas a 4  
 braças de profundidade. O Governador de S.  
 Paulo, *Rodrigo Cesar de Menezes*, enviou  
 huma Commissão encarregada de receber o  
 importe do quinto, a qual, abusando da autho-  
 ridade para proteger alguns mineiros, com  
 quebra dos direitos de outros, ateou tal dis-  
 cordia entre elles, que estes insensatos, como  
 feras se dilaceravão sobre os montões do se- 1724  
 ductor e perigoso metál, encontrando a morte  
 no mesmo princípio que huma ávida cobiça  
 lhes figuravá como a origem de todas as ven-  
 turas. Dois annos depois, a Povoação foi  
 transferida para o lugar do Cuyabá, como 1723  
 filial de S. Paulo, e recebeu o titulo de Villa  
 em 1729.

A primeira Divisão que sahio de Cuyabá,

em 1730, transportando 65 arrobas de ouro, foi acommettida por huma Frota de mais de 80 canoas com 800 Payagoas, que, depois de porfiado combate, se apossarão da riqueza, matando 90 Portuguezes, com perda de 400 dos seus.

De peleja em peleja ganhavão os Paulistas novos terrenos. Em 1660, tinha *Bartholomeo Bueno*, com 12 annos de idade, acompanhado seu pay, atravessando o Districto dominado pelos Goyazes, e já então havia observado que estes Cabocolos se adornavão com folhetas de ouro. O Descobrimento das minas do Cuyabá, lhe despertou a idéa de alí voltár, e como o Governo de S. Paulo fornecesse 100 espingardas á expedição, o Sertanejó se pôs em marcha, acompanhado de numerosa comitiva. Sua curta idade quando visitara aquelles lugares, havião 59 annos, lhe tinha feito perder a memoria dos signaes que o devião guiár, de forma que, ao cabo de tres

annos de perigosa e enfadonha viagem , regressou o septuagenario a S. Paulo , deixando nas matas a maior parte dos seus , mortos de desastres ou doenças. Voltou de novo o Ser-tanejo , no seguinte anno , e , com mais feliz successo , encontrou a desejada paragem , e se estabeleceu no lugar onde hoje está o Arrayal do Ferreiro. Tanto abundava o ouro no paiz , que , não sendo escassos os mantimentos , hidos regularmente de S. Paulo , hum porco se comprava por 28 libras d'este metál. Foi d'estas minas que hum filho do nosso respeitavel *Bueno* , extrahio o ouro de que formou huma collecção dos fructos brasileiros , em grandesa natural , e que pessoalmente offertou a El Rey D. João V. Em pouco tempo , se achou a Povoação 1728 com mais de 4,000 almas , e foi então transferida para as margens do rio Vermelho , onde tomou o titulo de Villa Boa , em 1730.

Minas de diamantes. — Povoação do Rio Grande do Sul. —  
Guerras de limites. — A Capital do Brasil passa ao Rio  
de Janeiro.

Este período da Historia do Brasil se torna  
mais remarcavel ainda pelo descobrimento  
de novas e ficticias riquezas, que arruinando  
o Estado, hião pejár os cofres estrangeiros.  
*Antonio da Fonceca Lobo*, tendo penetrado  
no Serro Frio, em cata de terras auríferas,  
1729 achou o primeiro diamante, em huma mina  
que enriqueceo os futuros exploradores. Mui-  
1730 tos Sertanejos se dirigirão logo para aquella  
paragem, que a natureza, como querendo  
occultal-a aos olhos humanos, cercou de altas  
e escarpadas montanhas.

O célebre diamante da Corôa de Portugal,  
foi achado no córrego de Abaythé, em 1800,  
por tres malfeitoses condemnados a exilio.  
Hum Ecclesiastico o apresentou ao Gover-

nador de Minas; o volume prodigioso do producto, fez duvidár de que fosse diamante, até que reiteradas experiencias convencerão da identidade. Este maravilha foi enviada a Lisboa, e os degradados tiveram o perdão. Huma Companhia, que depois foi explorár as margens do Abaythé, colheo apenas com que equilibrár as despesas.

A' intrépida ambição paulistana se deve pois o descobrimento dos thesouros brasileiros. Esta época porém, da qual pareceria datár a prosperidade da Colonia, he aquella em que mais se abandonarão as artes, e particularmente a agricultura, únicas sólidas bases da felicidade das Nações, por isso nenhum monumento existe de sua ephéméra grandesa. Hoje a industriosa Europa empresta aos Estados da America Meridional, com avultados ganhos, o mesmo ouro em que ha hum século nadavão os ociosos Colonos.

Em quanto nas Capitánias do Norte, continuavão novas seccas a devastár os poucos terrenos cultivados, e que tudo ali ameaçava  
 1738 total decadencia, se alargavão os Paulistas para o Sul de seus limites, e estabelecção pequenos Arrayaes nas terras adjacentes ao golfo do Rio da Prata, já concedidas ao *Visconde d'Assêca*. D'aquí transferirão algumas fazendas de creár para as visinhanças da lagoa dos Patos; avançando sempre na direcção S. O., ao passo que os Cabocolos lhes abandonavão o terreno. A primeira Povoação com  
 1743 alguma regularidade, foi a de S. Pedro, no lugar do Estreito, a qual, *Gomes Freire d'Andrade* mudou para o local que hoje occupa. Aqui foi a Capitál do Rio Grande do Sul, até 1763, em que esta primasia se concedeo a Portalegre, que foi fundado pelo Governador *José Marcelino de Figueiredo*, e teve o titulo de Villa em 1808.

Muitos casaes de Açoritas vierão por ve-

zes reforçar a Povoação. Dois navios que transportavão 700 d'estes Colonos, naufragarão desgraçadamente em 1774, na barra do Sul do Canál de S. Catharina, sem que hum só passageiro guardasse a vida.

Pela elevação d'El Rey D. Jozé ao throno, 1750 se firmou hum tratado de limites, entre Portugal e Hespanha. Os Commissarios, que por parte de huma e outra Corôa vierão demarcár 1752 a raia, o não poderão realisár, porque, a sugestão dos Jesuitas, se lhe oppôs hum corpo de 3,000 Indigenas de Missões; á vista do que, enviarão os dois Governos contratantes, Tropas de huma e outra parte, no intuito de redusirem os bárbaros. *Gomes Freire d'Andrade*, Governador do Rio de Janeiro, marchou com 1,200 homens, e o *Conde de Valdelirios*, Governador de Buenos Ayres, com 2,300. Perto da foz do Caziquey lhes sahirão ao encontro 12,000 Tappes, mas os alliados os forçarão a retrogradár, matando-

1756 lhes 1,500 homens, e capturando-lhes todas as munições de guerra.

1762 Chegando depois á America a nova do rompimento da guerra, os Hespanhoes atacarão d'improviso a Colonia do Sacramento; o Governador *Vicente da Fonseca*, resistio com geral admiração por 25 dias consecutivos; mas obrigado a cedêr ao poder do numero, sahio pela brecha com toda a guarnição. Os inimigos continuarão a marcha, e forão occupár os Fortes de S. Miguel, S. Thereza, e S. Pedro; e d'aquí, avançando em numero de 1,600, começarão o ataque ao Forte do Rio Pardo. Hum corpo de Dragões de S. Paulo, de sós 230 homens, cahindo de surpresa sobre elles, os derrotou completamente.

1763 Sobrevindo a paz, o Governador de Buenos Ayres, *D. Pedro Cerrallos*, restituiu a Colonia do Sacramento a *Pedro de Sarmento*, para

isso nomeado ; ficando indevidamente os outros Presídios no dominio hespanhol, até 1777, que forão restaurados pelo General *João Bokemi*.

N'aquelle mesmo anno mandou El Rey D. Jozé transferir a Capitál do Estado do Brasil, da Bahia para o Rio de Janeiro, a fim de que os inquietos Povos limitrophos do Sul, achassem prompta reacção ás suas continuas e atrevidas incursões.

Melhoramentos no Brasil. — Os Hespanhoes tomão S. Catharina. — Limites definitivos. — Intento revolucionario em Minas Geraes. — Guerra com Buenos Ayres.

Eis-nos chegados pela rapidez da nossa marcha, a huma nova época de regeneração para Portugal e seus dominios.

Se he verdade que os grandes homens fazem a força e gloria de huma Nação, justo he di-

zer-se que, *Sebastião Jozé de Carvalho*, depois *Marquez de Pombal*, deve figurar no alto da lista das grandes influências individuaes, que tem fundado ou sustentado Estados. Munido de hum poder immenso, devido á absoluta confiança d'El Rey, marchou por invariavel róta, rompendo colossaes obstáculos, a seu fim, que hera a regeneração de Portugal; e, regoroso médico da moribunda Monarchia, tocando irritaveis feridas, e cicatrizando inveteradas chagas, devia excitár gritos dolorosos, e tramas de vingança; assim, nenhum homem illustre tem sido tão diversamente julgado. Todavia, a hesitação na escolha dos retratos, que, em contraste, d'elle fazem os differentes escriptores nacionaes, e estrangeiros, não pode ser longa. O *Marquez de Pombal*, foi inimigo dos Jesuitas, foi o Hércules que derribou a hydra de cem cabeças, e d'aquí nasce o tresbordo de ódio e calumnia, que intentou submergir sua memória. Os Jesuitas tem em todos os tempos, sobre-

pujado em destruir a reputação de seus adversarios; porém as sérias e duradouras controvérsias a que o character de hum grande homem d'Estado está sujeito, não permitem que o erro seja eterno a seu respeito : a posteridade o anniquila.

Mal toma as rédeas do Imperio o *Marquez de Pombal*, trata com todas as Côrtes, negocia com todos os Gabinetes, e mostra aos Soberanos d'Europa, que Portugal torna a sêr Potencia; organisa hum Exército formidavel; acrescenta a Armada; derroga leis inúteis, e promulga as necessarias; minora o poder dos grandes; restabelece a subordinação; regula a policia interna; augmenta as finanças, prohibindo a exportação do numerário; acode ás artes; vivifica o commercio; junta novos ramos á industria nacional, e estabelece hum estenço systema fabricante. Tranquillo sobre o estado politico e económico da Nação, cura do homem moral,

e o arranca aos nós da tirannia sagrada; proscreeve os *Autos da fé*, e apaga os altares sanguinarios, cerrando a tremebunda Inquisição nos estreitos limites de mera disciplina ecclesiástica.

Se a America Portugueza não pôde utilisár de todos os bens que lhe preparava e incomparavel Ministro, participou ao menos de sua benigna influencia. A armada, que desde a morte d'El Rey D. Pedro II, cessara de acompanhár annualmente os navios do commercio até aquém do Atlantico, 1768 foi de novo posta em actividade; por convenções com o Gabinete de Londres, 1770 consideravel porção de géneros brasileiros entrava regularmente nas alfândegas britannicas; mais de 20,000 Açoritas vierão augmentár o numero dos agricolas em todo o Estado; huma lei sábia e philanthrópica restituiu a liberdade a todos os Indigenas, indevidamente escravisados, e convidou muitas Tribus á catequi-

zação; razoaveis e bem administrados tributos, repararão muitas fortificações e edificios públicos, de que apenas se vião as ruinas; e finalmente, 10 escolas regulares de Bellas Letras forão creadas nas differentes Capitania. *Francisco Xavier de Carvalho*, irmão do illustre Marquez, veio, na qualidade de Vicerey, encarregado da execução d'estas salutareas medidas. 1774

A inveja, porém, e a baixa intriga, não tardarão, por morte do Monarcha, em derribár o esclarecido Protector de Portugal, e com elle o edificio da prosperidade da Nação.

A queda do *Marquez de Pombal*, no começo do reinado da Rainha D. Maria I, foi assignalada no Brasil, pela execução de hum tratado oneroso, que a sagacidade do habil Ministro tinha sabido evitár. 1777

Na tranquillidade da paz, huma Armada

hespanhola, bem provida de Tropas, ao  
 1777 commando de *D. Pedro Cevallos*, se tinha  
 apoderado da Ilha de S. Catharina, e commet-  
 tido as mais indignas barbaridades, sem que  
 fosse possível resistir-lhe, pelo estado de des-  
 falque da Capitania; e este attentado obrigou a  
 1777 fraqueza do Governo portuguez á conclusão  
 do vergonhoso tratado de S. Ildefonso, pelo  
 qual se fixarão novos limites ao Brasil, per-  
 dendo Portugal, a Colonia do Sacramento,  
 todo o territorio ao Norte do Caparannatuba;  
 e, na Africa, as ilhas de S. Gabriel, Annobom,  
 e Fernando Pó, em troco de hum mesquinho  
 terreno ao Oriente do Uruguay.

Pelo derradeiro tratado, em 1801, se mar-  
 carão definitivamente as raiaes geraes. Esta  
 linha divisoria com todos os paizes limitrophos  
 do Brasil, ainda não realisada, deve começar  
 na boca do riacho de Castilhos Grandes; segue  
 pelo Aricá ao septentrião, procurando a foz do  
 Piquiry; e d'aquí á origem d'este rio; se-

guindo depois pela serra de S. Fernando, buscando o Pacoré; e entrando no Iguassú, vai aguas d'este a baixo até á sua embocadura no Paranná; passada a correntesa das Setequedas, sobe pelo Igurahy, e vai entrár no mais visinho tributario do Paraguay; de cuja confluencia em diante, este a continua até hum ponto que dista igualmente da sua embocadura no Maranhão, e da união com o Mamoré; d'onde segue L. O. até ao Yabary; avançando ao Norte ás cabeceiras do Aciary, vai logo pelo Parallelo tomár o rio Negro, e por este até ao lago Parimé; depois, aguas do rio Branco a baixo, á serra de Tumucuraque, e d'aquí L. O. ás montanhas de Pirriús; e cortando ao Marony, vai topár com o Aruary, na forquilha de Batabuto; ganha, na mesma direcção o Oyapock; e, por elle até ao Oceano. O terreno entre o arroio de Chuby, e o rio Thahim, conserva-se neutrál.

Por muito tempo depois se conservou o Estado em perfeita quietação, até que hum facto, tão notavel por sêr o primeiro que no Brasil envolve idéas de independencia, como pela singular incúria com que se houverão os principaes que n'elle figurão, veio occupar todos os espiritos.

- 1786 Sendo *Luiz da Cunha e Menezes* Governador de Minas Geraes, teve aviso de que hum conspiração, com o fito de declarár independente aquella Capitania, sob hum Governo republicano, á imitação da America Ingleza, estava a ponto de rebentár. Tão quimérico intento não mereceo a attenção do Governador; e os revolucionarios, ganhando maior vigor, tiveram tempo de grangearem novos sócios nos differentes Povoados de Minas. Com a chegada do novo Capitão General, *Visconde de Barbacena*, por occasião de se effectuár a
- 1788 derrama da contribuição de ouro, em que a Capitania hera taxada, e de que estava de-

vedora, quiscrão os insurgentes romper na revolta; mas vindo então a considerár que a sua posição topográphica, no interior do paiz, hera menos propícia para tal projecto, destacarão ao Rio de Janeiro, *Joaquim Jozé da Silva Xavier*, denominado o *Tiradentes*, com o fim de alligiár maior partido n'este porto. *Jozé Alves Maciel*, naturál de Minas, que aquí se achava de volta da Europa, asseverou ao emissario, que as Potencias que tinhão protegido a emancipação da Colonia ingleza, não deixarião de igualmente abraçar a causa de Minas Geraes; e que evidente hera o terem hum forte Exército francez, e humma mais forte Armada hespanhola, ou holandeza em seu favor, ao primeiro grito de liberdade, que soasse no Brasil. Nada mais necessitou o inexperto *Xavier*, para transportar-se a Villa Rica, contente da missão; e, o que mais espanta, isto bastou para que os mais dos conjurados contassem com feliz successo.

Em último accordo, os rebeldes, depois de adoptarem novas leis, e nova bandeira, resolverão que, no momento em que o Governo mandasse realisár a capitação, expressamente retardada, se porião em movimento, soltando vivas á Republica, e que a Tropa de 1.<sup>a</sup> Linha, commandada pelo conspirado *Francisco de Paula Freire d' Andrade*, se lhes uniria. Huma proclamação faria conhecer ao Povo que ficava desonerado de todos os impostos; o Governador seria preso, ou assassinado em caso de resistencia; e, em derradeiro apuro, se prometteria a liberdade aos escravos. N'estas circumstancias, *Joaquim Silverio dos Reis*, instruido do trama, por 4789 a elle pertencer, denunciou seus sócios ao *Visconde de Barbacena*, o qual por ordem do Viceroy *D. Luiz de Vasconcellos*, os fez prender, sem achár a mínima opposição. *Joaquim Jozé da Sil a Xavier*, julgado Chefe da insurreição, expiou só, na forca, o delirio de todos os rebeldes. *Claudio Manuel da Costa*,

e *Joaquim da Silra Pinto do Rego Fortes*, perecerão na prisão; 10 outros, igualmente condemnados ao suplicio, esperavão a hora final, encarcerados no mesmo edificio, onde por hum notavel encontro, alguns d'elles vierão depois figurár na Assembleia Constituinte, quando lhes foi intimada huma Carta Regia da Rainha, dirigida ao Vicerrey *Conde de Rezende*, commutando-lhes a pena em exilios para diversos Presídios da Africa. Assim se mallogrou o insensato projecto de huma sociedade, que em seu seio guardava o germen da propria destruição.

A Rainha D. Maria I, atacada de moléstia mental, encarregou de governár em seu nome ao Principe do Brasil, D. João; porém, como o mal da Soberana se aggravasse no seguinte anno, ficou o Principe governando em qualidade de Regente de Portugal e seus Dominios.

1801 Chegando ao Rio Grande do Sul, a noticia da declaração de guerra pela Hespanha a Portugal, incontinentemente partirão, *Patricio Correa da Camara*, com Tropas, a occupár a fronteira do Rio Pardo, e *Manuel Marques de Souza*, a do Rio Grande. *Simão Soares*, com 150 homens foi atacár o acampamento de Chuy, e o surpreendo e saqueou. *Jozé Antunes*, que havia passado até o Hervál, foi demolir os postos avançados castelhanos do Jaguarão; e iguál sorte tiveram todas as posições até ás visinhanças do Jacuhy, sem exceptuár o forte de S. Tecla; retirando-se o inimigo ao Serro Largo, não sem perda de todas as munições e petrechos de guerra, que lhe forão capturados pelos Portuguezes no lugar do Batuvy. Os Hespanhoes postarão-se na margem meridionál do Jaguarão, e os contrarios na septentrionál, d'onde, depois de terem os ultimos, em diferentes avançadas, feito 50 prisioneiros, partirão em numero de 1,200, ao ataque

do Serro Largo. Aos primeiros tiros ficarão os Portuguezes senhores de huma obra avançada; porém a aproximação de grande reforço, que ao inimigo vinha de Montevideo, os obrigou a retirár ao abarracamento do Jaguarão, onde, já em presença de todo o Exército rival, estavam dispostos a huma decisiva acção, quando ali chegou a noticia da paz.

1802

Rompido o tratado d'Amiens, começou a 1803 guerra entre França, e Inglaterra, succedendo o systema continentál, ao impraticavel projecto de huma invasão furtiva na Gran Bretanha. Portugal, que pela mediação da Russia e Prussia, caro comprara a neutralidade, que escrupulosamente guardou até ao famigerado Decreto de Milão, recusou fechár seus portos á bandeira britânica; e Napoleão, quiz, em troca, riscar-lhe o nome da carta politica d'Europa. A ambiciosa inépcia do *Principe da Paz*, secundou os intentos do Guerreiro,

e pelo aério tratado de Fontainebleau, foi o dominio de Portugal repartido entre aquelle Ministro, e o Rey d'Etrúria. Huma Divisão ao commando do General *Junot*, marchou  
1807 logo sobre Lisboa.

---

## QUINTA ÉPOCA.

O Brasil como Séde da Monarchia portugueza.

---

No momento em que a vanguarda do Exército francez pizava a terra lusitana, o Principe Regente, cedendo ás instancias de seus Conselheiros collaboradores da politica ingleza, se dispunha a sahír do Tejo, com a Real Familia, e abandonando, Reino, forti-

ficações, arcenaes e soldados, a hum inimigo pérfido, veio buscár asilo no Estado do Brasil. Assim, chegado hera o tempo em que a vasta America, até ali refugio de obscuros desvalidos, devia offerecer nova Patria aos Principes perseguidos pela revolução.

A Real Armada de 9 náos de linha, acompanhada por hum Esquadra ingleza, e com destino ao Rio de Janeiro, tendo experimentado contratempos que a dividirão, alguns vasos, e entre estes, o que transportava o Principe Regente, arribarão á Capitania da  
1808 Bahia.

Liberdade de commercio. — Conquista de Cayenna. — Patriótica administração. — O Brasil elevado a Reino. — Campanha do Sul.

Mal hera chegado o Principe Regente, aos seus Estados da America, quando, annuindo ás representações do *Conde da Ponte*,

Governador da Bahia, soltou o último anél do grilhão col'oniál, que prendia o Povo Brasileiro á Metropoli, promulgando na Cidade de S. Salvador a immortal Carta Regia, que concedeo livre e franca entrada nos portos do Brasil, aos navios de todas as Nações em paz com a Corôa portugueza, que transportassem quaesquer mercadorias. 1808

Depois de curta residenciá na Bahia, veio o Principe Regente unir-se ao resto da Real Familia no Rio de Janeiro, onde estabeleceo a primeira Côrte monárchica do Novo Mundo.

A guerra em que laboravão a Inglaterra e Portugal, contra Napoleão, justificava qualquer empresa tentada por estas Potencias, sobre possessões francezas; assim, expedio-se ordem ao Governador do Pará, *Jozé Narcizo de Magalhães e Menezes*, para que fizesse marchár as Tropas d'aquella Capitania

contre a Guyanna Franceza, enviando-lhe em apoio 2 embarcações de guerra. *João Guilherme Yo*, commandando huma Fragata ingleza, devia cooperár para a conquista. *Manuel Marques*, Chefe da expedição, composta de 550 homens, soldados, e marinheiros, senhoreou-se em dois dias de todos os pontos fortificados do continente; e, ao auxilio de falsa promessa de liberdade aos escravos de Cayenna, obrigou o Governador *Victor Hugo* a pedir capitulação. Os Portuguezes entrarão triumphantes na Praça,

1809 onde se arvorou a bandeira nacionál, sahindo a guarnição franceza, de 600 praças, com todas as honras da guerra, sob condicção de ser transporta á França em navios portuguezes. Dest'arte avançarão os limites do Brasil á foz do Marony, até ser a Colonia restituida ao antigo dominio, pelo tratado de paz geral em 1815.

Não poucos forão os augmentos que o

Brasil recebeu com a fixação do domicilio Real em seu fertil seio. No anno de 1808 começou a brotar para este continente huma fonte de prosperidades, devida principalmente á solicitude do Ministro *D. Rodrigo de Souza Coutinho*, depois *Conde de Linhares*, benignamente acolhida por hum Principe bemfazejo. A' influencia d'este benemérito varão na governança se deve o Alvará de abolição dos obstáculos que tolhião a industria, permittindo no Brasil todo o género de manufacturas; a creação do Banco do Brasil; a instalação de hum Tribunál encarregado de vigiar pelas cousas do commercio, fabricas, agricultura, e navegação; a Escola Médico-Cirúrgica; o Archivo Militar, e huma Typographia. A milicia recebeu do conspicuo Ministro, a creação da Academia 1810 Militar, a do Arcenál do Exercito, e Fabrica 1811 de Pólvora. Aos Governadores das differentes Capitancias se proporcionarão os meios de abrir e facilitar as communicações entre os

Povoados; e n'este artigo se deve agradecer ao *Conde de Linhares*, além de outras, a estrada de 121 legoas entre o Registo de S. 1812 Maria, e o Porto do Pontál, concluida com pasmosa brevidade. A' lavoura coube o contingente de 540 casacs de Açoritas, que se espalharão pelo Rio de Janeiro, Bahia, Espirito Santo, S. Paulo, e Minas. Cento e oitenta plantadores Chinezes vierão occuparem-se na cultura do xa; e deo-se começo a 4 Jardins Botânicos, em diversas Capitâneas, concedendo-se generosos prêmios, pecuniarios, ou honorificos, aos que introduzissem no Brasil quaesquér plantas raras e forasteiras. Taes são, mui resumidamente, os principaes traços da administração d'este acrisolado amante do Brasil, que a mais alto o elevaria, 1812 se tão cedo a morte o não acommettera: gratidão tributem os Brasileiros á memoria do *Ministro Cidadão*.

Os successores do *Conde de Linhares*, não

tem infelizmente direito a igual histórica mensão; o Governo jaseo 3 annos em quasi perfeita apathia, até que o Principe Regente, tendo creado, além de muitos Tribunaes necesarios á moderna Còrte de tão estensos Dominios, 10 novas Comarcas, e 29 Villas, illustrou o Brasil com o titulo de Reino, unido 1815 aos de Portugal e Algarves.

Havendo-se, pelos annos de 1808, e 1809, ateado em Buenos Ayres o fogo da insurreição, alçando aquelles Povos o estandarte da independencia, ali começou a lavrar a horrorosa guerra de partidos, que tão longa e sanguinaria tinha de ser. As fronteiras do Brasil se achavão ameaçadas, e Montevideo, fiél á Metropoli, pedia soccorro ao Governo portu-guez; mallogrados os meios de concordia, se ordenou em 1811, ao General *D. Diogo de Souza*, que, com hum bom corpo de Tropas de S. Paulo, Rio Grande, e S. Catharina, fosse levantár o cerco d'aquella Praça, e repellir

os rebeldes para além do Prata. O General penetrou até Maldonado ; mas o inimigo apressando-se em firmár armistício com o Governo de Montevideo, voltarão sem fructo os Portuguezes, ao cabo de mil sofrimentos.

1816 Tornando ainda os insurgentes a invadirem o territorio do lado orientál do Prata, marchou a combatel-os huma luzidissima Divisão do Exército de Portugal, que, debaixo do commando do General *Carlos Frederico Lecor*, depois *Barão*, e *Visconde da Laguna*, tinha voluntariamente vindo d'aquelle Reino. Em quanto esta Divisão lutava para livrár Montevideo dos ataques praticados pelos bravios bandos do Chefe *D. Fructuoso Rivera*, o General *Joaquim Xavier Curado*, que foi *Conde de S. João das Duas Barras*, se achava no territorio do Uruguay, com as habeis Tropas do Sul do Brasil, para obstár a sublevação dos Povos de Missões, que emprendia o Chefe *D. Jozé Artigas*, trasendo suas correrias até

ao Rio Pardo. D'esta Divisão, destacou a *Jozé de Abreo*, depois *Barão do Serro Largo*, com 630 homens, o qual, depois de ter varrido a margem do Uruguay, desde Japejú até S. Borja, das partidas que a infestavão, deo batalha às forças de *Artigas* n'este último ponto, e obrigou a debandarem 1,400 insurgentes, ficando no campo muitos Portuguezes. Parte dos inimigos, que na retirada procurarão o Passo do Uruguay, forão perseguidos, e forçados a precipitarem-se no rio. Pouco depois o General *João de Deos Mena Barreto*, por ordem de *Curado*, marchou com 530 homens contra hum troço do inimigo, que veio assolar o territorio entre o Guaraim, e o Ubaraguay, e carregando com vivesa sobre elle, lhe rompeo e desbaratou a principál columna, vindo depois reunir-se ao resto da Divisão, nas fronteiras do Rio Grande.

1816

Recebendo-se depois aquí noticia de que o inimigo destacara 3,500 homens con-

dusidos pelo Chefe *D. Jozé Verdum*, ao encontro dos Portuguezes, mandou o General *Marquez de Alegrete*, a *Jozé de Abreo*, com 500 soldados acometter *Artigas*, na sua posição do Arapay, então mal guarnecida; o que aquelle Chefe executou por maneira que, matando 700 homens aos de *Artigas*, senhoreou-se do posto, perdendo aliás 120 dos seus. Chegando *Verdum* ao lugar do Catalam, onde acampavão as Tropas portuguezas, achando-as desprevenidas, cahio de improviso sobre ellas, e as teria cortado, se o General *Joaquim de Oliveira Alves*, não remediasse a tão imperdoavel negligencia, oppondo-se bizarramente com a Legião de S. Paulo, até chegár *Abreo*, que de prompto veio soccorrer a direita da columna; e tal foi a disposição e bravura das Tropas, que o inimigo experimentou a mais completa derrota: hum estandarte, muito armamento, 2 canhões, 214 prisioneiros, e 5,000 cavallos, forão os despojos da victoria.

Constando mais ao General *Curado*, que os insurgentes tinham a sua vanguarda de 300 homens em Belém, enviou 100 praças commandadas por *Bento Manuel Ribeiro*, para os surprender; a intrepidez d'este official vingou o projecto, e *Verdum* foi aprisionado e conduzido a Portalegre com muitos outros Hespanhoes.

1817

Em Missões, o General *Francisco das Chagas Santos*, se oppunha com vantagem ás numerosas e bárbaras guerrilhas inimigas, que percorrião todo aquelle territorio; em quanto o General *Manuel Marques de Souza*, distribuía com acerto 750 homens pelas fronteiras do Rio Grande, e as garantia do contágio revolucionario.

Por outra parte, o General *Lecor*, á testa da sua Divisão, avançando pelas campinas do Sul, destacou o General *Sebastião Pinto de Araujo Correa*, com alguma Tropa; e este

se apossou do Forte de S. Thereza, quasi sem resistencia; e transportando-se ao Passo do Chafalote, ali bateo os insurgentes, causando-lhes perda de 15 mortos, e mais prisioneiros. Como o inimigo voltasse a campo, em maior número, conduzido pelo Chefe *Rivera*, foi o mesmo General *Pinto* recebê-lo no lugar da India Morta, onde se travou porfiada acção, ficando a final a victoria aos Portuguezes, com perda de sós 34 guerreiros, em troco de 160 inimigos. Foi o General *Lecor*, depois acampar em Maldonado, d'onde marchou sobre Montevideo, tendo previamente combinado os seus movimentos com os da pequena Esquadra commandada pelo *Conde de Vianna*. Huma deputação do Cavildo o veio receber, entregando-lhe as chaves da

1817 Praça, onde entrou triumphante; havendo-a já a este tempo evacuado o Chefe *D. Manuel Barreros*, delegado de *Artigas*, fugindo precipitadamente com a guarnição. D'aquí mandou o General em Chefe, a *Manuel Jorge*

*Rodrigues*, com 2 Batalhões occupár a Colonia do Sacramento, revolucionada a favor dos nossos, pelo Portuguez *Vasques*; e humâ Brigada a senhorear-se do Serro Largo.

Taes forão os principaes feitos do Exército na abertura da campanha do Sul. A tomada de Montevideo, Colonia, e Maldonado, além de ser hum brilhante começo de operações, muito concorreo a princípio para o diminui-mento dos numerosos Piratas que, com bandeira de Artigas, infestavão os mares, por ficarem assim privados dos principaes portos onde se armavão, e recolhião.

Revolução em Pernambuco. — Cazamento do Principe Real. — Acclamação d'El Rey D. Joao VI. — Segundo periodo da campanha do Sul.

Em quanto as armas do Principe Regente triumphavão na parte meridional do Brasil, se forjava em Pernambuco humâ conspiração

enraizada na Europa, em que entravão pessoas influentes de todas as classes, com o fito de promover a mudança politica, que teve depois lugar. O conjurado *Jozé de Barros Lima*, por alcunha *Leão Corcado*, official de Artilheria, sendo reprehendido pelo General *Manuel Joaquim Barboza de Castro*, julgou-se trahido, e arrancando da espada o assassinou, pondo logo os soldados em decidida rebellião; acodio hum delegado do Governador, o Coronel *Alexandre Thomaz*, que igualmente expirou aos tiros dos revoltados; entre tanto, o Chefe da insurreição, *Domingos Jozé Martinz*, congrega os conspirados; amutina o Povo, e a demais Tropa, fazendo scár hum rebate geral; calca aos pés a bandeira nacionál; proclama-se independente

1817 do Principe Regente, e institue hum Governo Provisorio composto d'elle, e 5 dos mais sanhudos revolucionarios, em despeito das fracas providencias do Governador *Caetano Pinto de Miranda Montenegro*, que corre

a encerrar-se no Forte do Brum, onde foi logo posto em sitio, e obrigado a capitulár, e recolher-se á Còrte, trasendo tão infausta nova.

Em quanto os insurgentes, contando com a adhesão de outras Capitánias, vacilavão na escolha da constituição que devião adoptár, para firmarem seus mal baseados planos, o *Conde dos Arcos*, Governador da Bahia, instruido da explosão, que havia rebentado no Recife, e começava a lavrár por longe, faz marchár toda a sua Tropa sobre Pernambuco, commandada pela General *Joaquim de Melo Leite Cogominho de Lacerda*, e ao mesmo tempo huma Esquadrilha entregue a *Rufino Peres Baptista*, punha rigoroso sitio ao porto do Recife.

Do Rio de Janeiro se expede incontinentemente huma Esquadra ao commando do Chefe *Rodrigo Jozé Ferreira Lobo*, para augmentár o

bloqueio, e, pouco depois, outra, transportando humma vistosa Divisão, preparada com rapidez, e commandada pelo General *Luiz do Rego Barreto*, nomeado Governador de Pernambuco.

A este tempo se aproximavão já as Tropas da Bahia ; e *Martinz*, deixando a cadeira curial a *Domingos Theotônio Jorge*, sahio a campo para debellár os do General *Laccida*; porém , não obstante faltarem a estes as precisas munições de guerra, forão vencidos e postos em fuga os revôltados, nos campos d'Ipojuca; embrenhando-se huns, outros sendo logo presos, e remettidos para a Capitál de Pernambuco, e para a Bahia; e com estes *Martinz*, cabeça da insurreição. Instruidos os do Provisorio, do máo éxito da peleja, e succumbindo ao aperto do bloqueio, dissolverão-se, e entregarão o Governo ao Chefe *Ferreira Lobo*.

Chegando o General *Rego* á Bahia, e sabendo da dissipação da revolta, seguiu para Pernambuco, onde tomou posse do Governo. Humma Commissão Militar instalada n'esta Capitania, e outra na Bahia, julgarão os reos. *Domingos Jozé Martinz*, e 11 outros, perderão a vida; muitos soffrerão degredo, 1817 e os demais complicados forão absolvidos por hum decreto do Principe Regente. A paz se restabeleceo em Pernambuco, depois de mallogrado este immaturo plano de liberdade, cuja execução rompeu por dois assassinios dobradamente criminosos. Esta Capitania apresentou em pouco, o mais brilhante aspecto militar que se tenha visto em nenhuma das do Brasil.

Em contraste com as scenas do Norte, se celebravão na Côrte os desposórios do Principe Real D. Pedro d'Alcantara, com a Archiduqueza d'Austria D. Maria Leopoldina Jozefa Carolina; e o Principe Regente D. 1817

1818 João, subia ao primeiro sólio da America, vago pela morte da Rainha D. Maria I.

A funesta lição que o Governo acabava de receber no movimento revolucionario de Pernambuco, foi todavia mal pezada na Capitál. El Rey D. João VI, que melhor conhecia o damno, do que heza capaz de applicar-lhe as rigorosas medidas, a que se oppunha seu character plácido e bemfazente, contentou-se com mandár vir de Portugal humo porção de Tropas regulares, que se repartirão pelo Rio de Janeiro, Bahia, e Pernambuco, deixando a interna administração, na sua quasi absoluta decadencia; tudo permanecia na mornidão que costuma presagiár os grandes successos politicos.

Continuavão a vagár ousados nos campos de Montevideo, e margens do Uruguay, as guerrilhas de *D. Jozé Artigas*, mais confiadas na ligeireza de seus cavallos, e na

summa destresa com que manejavão o laço e bolas, do que na disciplina militar, e continuavão sempre os nossos a repellil-os. O General *Bernardo da Silveira Pinto*, enviou 450 homens surprender algumas partidas postadas no sitio do Figueredo, o que conseguido pela boa direcção de *Caetano Alberto de Souza Canavarro*, repassando este o arroio do Pando, veio cair sobre o flanco direito de huma grande columna inimiga, e a dispersou. 1818

O General *Francisco das Chagas Santos*, em Missões, com 700 homens ataca 600 inimigos, no lugar de S. Carlos; os Insurgentes se entrincheirão no Collegio, e pelas janellas e abertas da Igreja fazem activissimo fogo; mas o General manda cercar em roda o Povoado pela Cavallaria; e 200 infantes de S. Catharina, subindo ao alto das cazas, fizerão com successivo tiroteio succumbir os contrarios, que deixarão, além de muitos

petrechos e munições, 90 mortos, e 384 prisioneiros, perecendo 11 dos nossos, e ficando prisioneiros 34. Retirou-se o inimigo ao Povoadq da Purificação, onde, perseguido pelo General *Curado*, lhe abandonou a posição, e marchou a acampár junto ao arroio de Guabejú. Aquí, o General *Mena Barreto* o foi acometter com 1030 homens; e, aproveitando com o maior acerto todos os favoraveis accidentes do terreno, e distribuindo as suas Tropas de todas as Armas, com rara habilidade, caminhou para o inimigo, e o pôs em fuga depois de curta batalha, deixando no campo o Chefe *Aran la* 133 mortos, e 270 prisioneiros, além de outros, que accossados pelos nossos lanceiros, se precipitarão no lago. Todo o armamento, e 600 cavallos, ficarão ao General *Mena Barreto*. Esta brilhante victoria he assistida da pasmosa circumstancia, de só ter custado a vida a hum único soldado nosso.

Escandalizado o inimigo, das muitas perdas que em seus irregulares combates tinha sempre experimentado contra os nossos; abandonado da esperança, não só de assim poder ainda reganhár os principaes pontos fortificados, mas de conservár o terreno que occupava, projectou dár huma batalha em ordem com toda a sua força; para isto, reunio na margem do Uruguay as Tropas dos Chefes *Aguidr*, *Aedo*, e *Ramires*, que montavão a 800 homens, e pertendia marchár a encontrar-se com as forças de *Artigas*, a quem já se havia juntado a gente de *Rivera*. Instruido d'isto o General *Curado*, mandou *Bento Manuel Bibeiro*, com 560 homens, atacár este reforço. O inimigo dividio-se em duas columnas, ameaçando os flancos dos nossos; porém o Commandante Portuguez, cahindo sobre huma, a desbaratou, e a outra tomou a fuga. Foi notavel o valor que n'esta acção desenvolverão os officiaes, *Jozé Luiz Mena Barreto*, e *Jozé Cardoso de Souza*,

rivalisando com seu valente Capitão. Os Chefes *Aguidr*, e *Acdo*, e 330 dos seus, se renderão prisioneiros.

Muito honrosa menção aqui merecem os serviços prestados pela Esquadrilha de 5 vasos, commandada por *Jacinto Roque de Sena Pereira*, que tendo conseguido penetrar e subir o rio Uruguay, abriu communicação com as Tropas de *Curado*, cortando a da vanguarda de *Artigas*, com seus depósitos. Nesta última acção, a Esquadrilha, depois de ter offerecido transporte aos de *B. M. Ribeiro*, com admiravel rapidez, aprisionou no espaço de 5 dias, 19 embarcações inimigas.

Ao mesmo tempo, *Antero José Ferrreira de Brito*, Commandante do Posto de Castilhos, surprende as partidas de *La Torre*, e *Panxo*, e aprisiona estes Chefes.

Da Divisão do *Barão da Laguna*, foi o

General *Jorge de Avilez Zuzarte*, bater o inimigo no Passo d'Arênas, em quanto da columna de *Curado*, sahia de novo *B. M. Ribeiro* com 600 homens, a atacár o Chefe *Rivera*, que se havia transportado ao Arroio Grande, sahindo d'estas pelejas os nossos, como as mais das vezes, victoriosos; 370 inimigos succumbirão.

1819

Conseguindo *Artigas*, alguns mezes depois juntár 2,500 homens, tentou traser até ao nosso territorio a vingança de tão repetidas desfeitas; e avançando ás fronteiras, veio fazer gerál saque e destroço. O General *Abreu* se lhe oppos com 400 homens, para proteger a retirada dos fazendeiros; porém, atacado com vigor pelo inimigo, foi cortado, e contrangido a retirar-se em debandada ao Passo do Rosario, deixando 50 mortos, e 60 prisioneiros. Reunindo-se-lhe aquí o General *Bento Correa da Camara*, marcharão juntos ao encontro dos de *Artigas*, e, depois de

1819

trez acções parceaes, tendo na principal, que foi no Passo do Ibiçuy, sofrido o inimigo a perda de 60 soldados, forão fazer face a toda a força contraria, que sob a direcção do Chefe *La Torre*, acampava na margem esquerda do Taquarembó. O General *Conde da Figueira*, que a este tempo tinha vindo tomár o commando dos nossos, mandou o General *Abreu* com a sua Brigada atacar de frente o inimigo, em quanto o General *Camara*, passando hum ramo de Taquarembó, lhe ameaçava o flanco; o primeiro arrostando com tal impetuosidade que, forçando primeiro *La Torre* a perder terreno, e tomár segunda posição, defendida pelo rio, o compellio a final, não obstante a forte Artilheria adversa, por meio de hum fogo continuo, e bem condusido, a retirar-se em

1819 desordem, abandonando, além de numerosos petrechos de guerra, e muita munição, 800 mortos, incluído o Chefe *Sotello*, e 490 prisioneiros, perdendo nós sómente 36 homens.

Depois d'esta gloriosa victoria, o *Conde da Figueira*, mandando varrer o resto da campanha até ao Uruguay, estabeleceu postos avançados ao longo d'este rio, e do Arapay; os quaes, combinados com a Esquadrilha, derão huma tranquillidade, bem que transitoria, ás nossas fronteiras, que, por tempos depois, só forão ameaçadas por pequenas partidas inimigas.

Este segundo período da guerra do Sul, como o primeiro, mostra a vantagem em que os nossos quasi sempre se mantiverão, ou batendo os insurgentes, quando elles ousavão apresentarem-se, ou obrigando-os a fugirem, para não combaterem. Com tudo, os Piratas Artiguenhos, encontrando na desleal malicia ingleza, protecção e abrigo, coalhavão os mares, e nos interceptavão a navegação costeira. Mais sofriamos nós vencedores, do que os contrários vencidos.

Nova Constituição Política. — Reunião eleitoral no Rio de Janeiro. — Regresso d'El Rey D. João VI. — O Principe Real D. Pedro fica Regente do Brasil.

Se a infancia das Nações se prolonga pela falta de movimento sociál, o excesso d'este movimento as decompõe; a Historia da Monarchia portugueza dá óbvio exemplo d'esta verdade.

Portugal, sendo hum pequeno Estado, estendeo o seu dominio sobre mais vasto universo, do que aquelle que outr'ora fez appellidár os Romanos Reis do mundo; porém, estes fortificavão-se ao passo que se alargavão, pela incorporação dos Povos vencidos, o que Portugal não podia fazer, por que a menór das difficuldades seria o longo affastamento das terras conquistadas. Os Romanos forão os mais tolerantes dos conquistadores; herão polytheistas, e, por toda a parte encontrando

polytheismo , só impunhão leis civis; os Povos christãos que engrandecerão pela força das armas, não offerecerão hum pantheon aos Deoses estrangeiros : vencerão, mas não conservarão. Assim, Portugal não pôde servir-se de Povos contra outros Povos; durante mais de hum século precisou recrutár, de annos a annos em novas gerações, para sustentár as conquistas por combates successivos: eis a primeira causa de sua decadencia.

A segunda está na repetida expulsão das raças mouras, e judias, que formavão a parte essencialmente agrícola e industriosa da Nação.

A terceira se encontra no resultado da falsa prosperidade proveniente das riquezas orientaes, e das minas d'America. O ouro fugia, e o abandono phísico e morál, o horror ao trabalho, gerados pela sua possessão, ficavão incuraveis; desaparecia o ouro, e a industria,

filha da pobreza, se nascia, não vingava; de todos os lados afflução cobiçosos alliados, prenhes do producto de seus apurados trabalhos.

A quarta causa, finalmente, da decadencia portugueza, e a mais radicál, se reconhece na superstição e monaquismo. O progresso das artes manuaes hé sempre proporcionál ao das sciencias intellectuaes; e como poderião estas florescer á face da Inquisição?

O *Marquez de Pombál*, pertendeo, como vimos, reedificár o góthico monumento d'esta illustre sociedade; porém, se para isto abundava em forças, faltou-lhe o tempo; depois d'elle, a derradeira recalhida foi fatál; a máquina politica se achava já desmontada pelos choques de tantas transições súbitas de huma a outra existencia, e a Inglaterra saltou de novo sobre a moribunda Lusitania.

Se aos ponderados motivos da desgraça de

Portugal, se junta o abandono em que o deixara o Governo, reduzindo para sempre hum velho Reino da encanecida Europa, hum Reino fundador d'Estados, a desdenhado vas-salo de hum paiz remoto, se verá quanta necessidade de completa regeneração sentiria o naturál orgulho portuguez, no momento em que soou na Hespanha a voz da liberdade, e com quanta electricidade revolucionaria se devia ali communicar o nobre movimento de seus visinhos.

A guarnição militar da Cidade do Porto deo o exemplo, proclamando a convocação de hum 1820 Congresso nacionál, no qual se reconhecessem como principaes bases da reforma, a Religião dominante, e El Rey D. João VI, com sua Real Dynastia; todo o Portugal repetio logo unissone: *Constituição*; e este mágico son, transpondo o immenso Oceano, sem nada perder do seu vigôr, veio repercutir nas ma-

gestosas plagas brasileiras, apezár da renitencia do Monarcha, habilmente capeada pelo Ministro influente *Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal*.

1821 O Pará foi primeiro em erguer a voz revolucionaria, depondo o Governador *Conde de Villa Flor*, e substituindo-lhe huma Junta Provisoria. *Domingos Simões da Cunha*, hum dos que mais efficazmente tinha cooperado na revolta, foi levár congratulação ás Côrtes Constituintes, já instaladas em Lisboa.

1821 Na Bahia, *Jozé Pedro de Freitas Guimarães*, amutinando a Tropa, á frente d'ella rompeo no grito constitucionál; e como *Hermogenes Francisco de Aguilár*, se lhe opposesse com alguns soldados por parte do Governo, mandou contra elle disparár hum tiro de mitralha, e o assassinou, matando, e ferindo outros. Instalou-se huma Junta Governativa

com só obediencia ás Côrtes, cuja presidencia foi recusada pelo Governador *Conde de Palma*.

*L. do Rego Barreto*, Governador de Pernambuco, instruido do humor revolucionario de que estava possuida aquella Capitania, quiz transigir com a quasi geral opinião, e se declarou adherente a Portugal, por hu- 1821  
ma proclamação em que, não obstante seu brio militar, timorata e malignamente attribuía todos os vicios que se podessem notár no seu Governo, ao abuso de authoridades secundárias.

Chegando á Capitál a nova do rompimento na Bahia, o General *Jorge de Avilez Zuzarte*, Commandante das Tropas portuguezas aquí estacionadas, passando secretos avizos a differentes officiaes dos Corpos, foi formár a guarnição no largo do Rocio, no intuito de alí proclamár a nova Ordem Poli-

tica. O Principe D. Pedro, porém, que, por activissima vigilancia tinha alcançado prévio conhecimento das manobras do General e seus socios, solícito em garantir o Estado e El Rey seu Pay, de qualquer terrível conflicto, veio apparecer á frente das Tropas, e, tomando a iniciativa, subio á varanda exterior do Theatro de S. João, e ali leu hum decreto, pelo qual El Rey D. João VI aprovava a Constituição da Monarchia, tal como a fizessem as Côrtes em Lisboa; e 1821 logo prestando juramento, em nome d'El Rey, e em seu nome, o fez repetir por todas as personagens ali chamadas, e pela Tropa; publicando depois o novo Ministerio nomeado por El Rey. Assim se concluiu pacificamente este magestoso acto, ao son de geraes e sinceros vivas, redobrados ainda com a presença do Monarcha, algumas horas depois.

Resolvendo El Rey inopinadamente partir para a antiga Metrópoli, mandou convocar hum Congresso dos Eleitores de Parróchia,

debaixo da presidencia do Magistrado *Joaquim José de Queiroz*, para ali elegerem os Eleitores de Comarca, que devião escolher os Deputados; e ao mesmo tempo lhe mostrava o modo de governança que ficava no Brasil, concedendo a esta Junta oppôr a tudo suas observações.

Reunidos os Eleitores, e numeroso povo, quasi todo occultamente armado, no edificio da Praça do Commercio; mal acabou o Presidente a leitura do Aviso de convocação, quando rompeo o auditorio em súbito alarido, regeitando todos os meios propostos, e clamando que a Constituição hespanhola fosse logo provisoriamente adoptada. Atterrados os do Collegio, consentirão que hum Depu- tação fosse a El Rey, expor-lhe a requisição, á qual o Monarcha tímidamente assentio, declarando-o por decreto. Por outra parte, ordenava a Junta, que as Fortalezas da barra não deixassem sahir El Rey. Palavras menos de-

corosas á authoridade Real abundavão nas bocas de muitos dos circunstantes, exacerbados com a baldada intimação do Governo ao Presidente para levantár a sessão. Finalmente, a noite se tinha passado na maior confusão e delirio n'este tumultuoso Tribunál, quando d'improviso hé o edificio cercado por hum corpo de Tropas, que, começando por atirár sobre os do Povo que resistirão armados, acabou com horrivel matança nos Cidadãos que estavam no recinto. Avalia-se em 6 mortos, e 25 feridos, o número das víctimas de tão bárbara medida. Justo e gerál ressentimento causou tal violencia na Capitál.

Concluidos os preparativos da Esquadra,  
 1821 El Rey seguiu viagem para Portugal, tendo antes revogado o decreto de adopção da Constituição hespanhola; deixando no Brasil o Principe Real D. Pedro, como Regente do Reino, e n'elle seu Lugár-Tenente, com amplos poderes.

## SEXTA ÉPOCA.

### O Brasil Imperio Constitucional Independente.



Entre os espectáculos que mais enlevão na Historia das Nações, se distinguirá sempre a Independencia do Brasil. A heroica revolução d'esta a mais preciosa porção da America, conseguindo a regeneração de hum Povo ardente e nobre, curvado por 3 longos séculos

ao duro rigor coloniál, apresenta a singulár circumstancia de ter por Chefe aquelle mesmo Principe, a quem por direito indisputavel, tinha de primeiro caber a Corôa do Tríplice Imperio. Tal foi o dote, que só ao selecto Brasil concedeo a Providencia, nas austraes rigiões do Novo Mundo, para o subtraír á deploravel sorte de seus míseros visinhos.

Começou o Principe D. Pedro a Regencia do Brasil, por assignalados actos de pura constitucionalidade, promulgando salutaes decretos, e acudindo com pessoál vigilancia á pública administração.

Todavia, as Côrtes de Lisboa, na ausencia dos Deputados Brasileiros, lançavão os fundamentos de huma Constituição, que parecia offender os direitos do Reino Irmão. O enthusiasmo pela Metr'poli paralysoou de súbito; e, em breve, a creação de Juntas Governativas em todas as Provincias do Brasil,

com directa responsabilidade á Côrte, seguida da ordem a D. Pedro para hir instruir-se viajando pela Europa, acabou de exacerbar os Brasileiros, mórmente aquelles que não cahirão no verdadeiro fito do Congresso.

O Principe Regente, desobedecido nas Províncias do Norte, e reduzido aos curtos rendimentos da Capitál, resolveo cumprir a determinação das Côrtes, e regressár a Lisboa.

Em quanto tudo se dispunha para a sahida do Principe D. Pedro, pelo Sul do Brasil se manifestava decidida opposição ás ordens de Portugal. No Rio de Janeiro, *Joze Joaquim da Rocha* dava impulso a hum requerimento do Povo á Camara Municipál, a fim de que esta pedisse ao Principe para sobrestár a sua partida; e o corpo do commercio adoptava o mesmo expediente; mas, antes de levadas a effeito estas medidas, appareceo na

Capitál huma enérgica representação do Governo de S. Paulo, agenciada por *Jozé Bonifacio de Andrada e Silva*, por concessão do Presidente *João Carlos Augusto de Oeynhau-*  
*sen*, contra as disposições do Congresso; a qual, sendo precedida de dois dias, por protesto em iguál sentido, com posterior data, obtido pelo *P. Manuel Rodrigues da Costa*, e pelo emissario da Côte *Paulo Barboza da Silva*, da Municipalidade da Villa de Barbacena, em Minas Geraes, para onde havia escripto *J. B. de Andrada*, determinou o Regente a responder ao Presidente da Camara da Capitál, *Jozé Clemente Pereira*, que lhe apresentou a petição fluminense, com estas memoraveis palavras: *Como hé para o bem de todos, e felicidade geral da Nação, estou*  
 1822 *prompto: diga ao Povo que fico; e chegando*  
*à varanda do Paço, disse: Agora só tenho a*  
*recommendar-vos: União e tranquillidade.*

Sobremodo contentou a Capitál esta Real

resolução ; porém, o General *Jorge de Avilez Zuzarte*, zeloso defensor dos direitos do Congresso, quiz-se oppôr á transgressão das suas ordens, e obrigâr o Príncipe a cumpril-as; chegando a apoderar-se com a Divisão lusitana, do morro do Castelo, que domina o recinto da Cidade, sob pretexto de se defender contra atraçoados ataques da milicia do paiz; mas, á vista das promptas e violentas providencias do Regente, pedio passár ao outro lado da bahia, d'onde regressou com os seus a Portu- 1822 gal.

O Governo de Minas Geraes, que tinha sido instalado, debaixo da presidencia do Governador *D. Manuel de Portugal e Castro*, por hum partido das Côrtes, em que principalmente figuravão *Jozé Maria Pinto Peixoto*, e *Cassiano Speridião de Melo e Matos*, negava sujeição ao Rio de Janeiro; porém o Príncipe, em rápida viagem áquella Provincia,

1822 conciliou as facções, e as fez entrár na obediencia.

De volta á Capitál, accitou o Regente o Cargo e Titulo de *Defensor Perpetuo do Brasil*, que lhe foi offerecido pela Camara, a requisição do Povo e Tropa.

Na Provincia de S. Paulo se havião despertado antigos ódios de familias influentes, e huma luta começava entre diversos competidores ao commando das Tropas; a Junta do Governo participava das desavenças, deixando a reccár maiores commoções. N'estas circumstancias, o Regente, transportando-se ali, conseguiu com sua presença, e com adequadas providencias, aplacár os ânimos.

Vindo o Principe D. Pedro nos *Campos de Piranga*, com grande séquito militar, recebeo novos decretos das Côrtes, nos

quaes se dava por nulos e irritos todos os actos do Governo do Brasil, praticados a pedido dos Povos; e que declaravão criminosa a Junta de S. Paulo. Taes decisões, produzindo geral indignação, fornecerão benigno ensejo á execução dos traçados planos; as circumstancias urgião, e *D. Pedro* levantou o grito: *Independencia ou morte*, geralmente aplaudido.

1822

7 Set

Chegando ao Rio de Janeiro, foi o *Principe Libertador*, por unânime voto, no meio do mais fervoroso entusiasmo acclamado *Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil*.

1822

Reunião da Assembléa Constituinte. — Movimentos em diferentes Provincias. — Incorporação de Montevideo ao Brasil.

Já a este tempo se retiravão de Portugal os Deputados Brasileiros, e se procedia a no-

vas eleições para a Assembléa Geral Constituinte e Legislativa do Imperio, mandadas fazer por anteriores decretos do Principe Regente, promulgados pelo preponderante Ministro *Jozé Bonifacio de Andrada e Silva*. Concluidas as eleições, congregou-se a Assembléa.

Entre tanto, nas Provincias do Norte, partidos dissidentes embargavão que ali vingasse a frondosa árvore dos Campos de Piranga.

Já a Bahia havia sido o theatro de dolorosas scenas, promovidas pela rivalidade dos partidos dos Generaes *Ignacio Luiz Madeira de Melo*, e *Manuel Pedro de Freitas Guimarães*, ambos aspirantes ao commando das Armas; o primeiro, Chefe do destacamento lusitano, hera designado por El Rey para aquelle exercicio, ainda que sem legál titulo, e o outro, de populár nomeação, se havia n'elle encartado por voto da Junta Provisoria.

O Governo da Provincia tentou evitár prejudiciaes choques, instalando hum Conselho Militar para commandár as Tropas; porém a officialidade lusitana compellio o General *Madeira* a não ceder. Grandes perturbações succederão a esta resolução. Os dois partidos antagonistas romperão em encarniçados combates, que todos reverterão em calamitosas vexações para os pacíficos habitantes; ficando a final *Madeira* na posse da authoridade militar.

Baldadas todas as providencias da Còrte, para que de bom grado evacuasse o General Lusitano o territorio da Bahia, se enviou contra elle huma Divisão entregue ao General *Pedro Labatut*, auxiliada por forças marítimas ao commando do Almirante *Lord Cochrane*. *Madeira* defendeo-se com denodo em repetidos ataques. Quem conhecer os curtos recursos que offerecem os próximos arredores da Cidade da Bahia, fará justa idéa da des-

esperada situação a que se virão reduzidos os habitantes d'ella, durante muitos mezes. Sem o nobre patriotismo dos Proprietarios *Joaquim Ignacio de Siqueira Bulcão*, e *Antonio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque*, depois, respectivamente remunerados com os Títulos de *Barão de S. Francisco*, e *Visconde da Torre*, tudo teria talvez succumbido á fome e á miseria.

Finalmente, o General *Madeira*, de huma parte fortemente cerrado pelas Tropas brasileiras, e abandonado da Esquadra portugueza commandada por *João Felix Pereira de Campos*, que fugia de travár combate com o Almirante *Cochrane*; e por outra, temeroso de offender as delicadas relações que existião entre El Rey D. João VI, e seu Filho, vendo-se forçado a deixár a Bahia, firmou capitulação com *Jozé Joaquim de Lima e Silva*, em quem recahira o commando dos nossos; pois que d'elle havia sido deposto o General *La-*

*batut*, por extranha cabala suscitada no Exército pelo Chefe de Brigada *Felisberto Gomes Caldeira*. Só depois do regresso dos Portuguezes, se unio a Bahia francamente á Capital.

1823

A Provincia de Pernambuco affectava obediencia ao Rio de Janeiro; porém a dominante facção se declarava contra todas as authoridades que não fossem de escôlha sua. Depois de horriveis commoções, e de terem successivamente sido expulsos os Generas, *Luiz do Rego Barreto*, *Jozé Maria de Moura*, *Jozé Correa de Melo*, e *Joaquim Jozé de Almeida*, e bem assim a Brigada lusitana, ali destacada, appareceo *Pedro da Silva Pedrozo* eleito Commandante das Armas da Provincia. Este, porém, desconfiando do Governo, seu coevo, se insurge para o destruir, e o obriga a retirar-se á Villa do Cabo; mas forçado logo a ceder, hé preso, e remettido para a Corte.

1823

Restabelecida a paz, foi jurada a Independencia. *Bernardo Jozé da Gama*, ora *Visconde de Goyana*, havia anteriormente prestado para este effeito, notaveis serviços.

Alagoas, Parahyba, Rio Grande do Norte, e Ceará, imitarão em tudo a marcha de Pernambuco.

O bravo *João Jozé da Cunha Fidié*, a rogos e instâncias dos Piauhyenses, se propôs a sustentár ali o systema das Côrtes portuguezas. De acordo com o Governo do Maranhão, pedio soccorro ao Pará, que lhe enviou 150 homens; porém, o Povo cearense em massa, invadio o Piauhy, capitaneado por *Jozé Pereira Filgueiras*, e á força de mil ex-

1823 cessos, ali fez jurar-se a Independencia. *Fidié* retirou-se a Caxias com hum punhado de soldados, e sustentou valente e generosa defeza, até que, redusido a sós 90 defensores, fez a sua brilhante capitulação do morro da

Taboca ; e, recusando agradecido os empregos com que os Brasileiros lhe querião retribuir generosidade, por generosidade, deixou o paiz, onde com respeito se lhe escuta ainda o nome : tão bom hé ser honrado !

Proclamada a Independencia em todo o Piauhy, d'aquí se diregio convite ao Governo do Maranhão, para que adherisse á causa brasileira; e ao mesmo passo se lhe enviou hum expresso comminatorio de hostilidades, as quaes logo se manifestarão pela suppressão dos gados. O Governo Provisorio, que, por fundadas anteriores razões, temia que tão violenta intimação tivesse mais por objecto complical-o em huma Independencia puramente democratica, do que fazel-o concordár com a resolução, até então ignorada, do Imperador, não só se recusou a ella, como fez marchár para Caxias, em ponto confinante com Piauhy, huma força commandada por *Manuel de Souza Pinto de Magalhães*. Este, porém, inopinada-

mente se destacionou d'aquelle lugár, e regressou á Cidade de S. Luiz, allegando frívolos motivos. O Governo, de acordo com o Commandante das Armas *Agostinho Antonio de Faria*, ordenou então que a Tropa marchasse para a Villa d'Alcántara. Esta decisão transpirando no meio do Povo, produziu ameaçadoura irrupção; numerozo concurso, com estrondosa vozeria, clamava que aquella Tropa fosse desarmada, e remettida para Lisboa; n'este conflicto o Governo fez executár a vontade populár.

Assim se achavão as cousas quando ali chegou noticia de que a Independencia se havia proclamado na Côrte á sombra do throno Imperial; por outra lado, *Jozé Felix Péreira de Burgos*, que condusia as Tropas anti-independentes em Itapicurúmirim, de súbito se declarou pelo opposto partido; então o Governo marcou dia para o solemne juramento da Independencia. Todavia, na

madrugada d'este dia , fortes grupos de povo, instigados por homens rivaes do Governo, soltando-se em assuada, invadirão os quartéis, largarão e armarão os presos, e vierão exigir do Commandante das Armas immediata proclamação da Independencia; a Tropa os repellio; porém novo embaraço sobreveio com a chegada dos navios que recondução os soldados portuguezes da Bahia. Tudo se achava em inteira perplexidade, quando appareceu a Esquadra brasileira commandada por *Lord Cochrane*, o qual, achando nas intenções do Governo benigno acolhimento, acabou de dissolver os obstáculos, e a Independencia foi geralmente proclamada. Bem 1823 violencias então praticou o Almirante Inglez; aliás guerreiro de grande nomeada.

Do Maranhão destacou *Lord Cochrane* hum Brigue ao commando de *João Pascoé Greenfell*, para intimár ao Pará, que annuisse á proclamação da Independencia. A chegada

d'este officiál, que affectou ser emissario de huma forte Esquadra surta perto da Cidade, exaltou o partido da Independencia, o qual  
 1823 logo triumphou, sem embargo da obstinação do General *Jozé Maria de Moura* de concerto com todos os Chefes da Tropa regulár. O General, e outros militares forão presos, remettidos para Lisboa, e sofrerão a confiscação de seus bens.

Em vez de succeder alegre e benigna tranquillidade ao juramento da emancipação nacional, foi este sagrado acto seguido no Pará pelos maiores excessos. Grupos de homens máos percorrião a Cidade em todos os sentidos, e, ao son de vivas ao Imperador, commettião insultos, arrombamentos, espólios e assassinios. Trinta horas de perfeita guerra civil, obrigarão finalmente o Commandante *Greenffell* a descer á terra com sua equipagem, e prender 300 dos mais encarniçados perturbadores, e decidirão o Governo a mandár

fusilár hum individuo de cada corpo militar complicado nas desordens. Todavia, tudo fazia receár que, no estado actual do movimento popular, os criminosos não estivessem seguros na cadeia, e *Greenffell* fez recolher 258 homens ao porão de huma gallera, para onde disparou contra elles alguns tiros. A madrugada do seguinte dia veio aclarár o mais pungente espectáculo : 254 homens asphyxiados cobrião em montões as cavernas do navio! As desordens continuarão n'esta 1823 Provincia, até á chegada do Presidente *Jozé de Araujo Rozo*, que prendeo os motores apparentes d'ellas.

A Divisão Lusitana estacionada em Montevideo, havia, por hum Manifesto promovido por *Antonio Claudino Pimentel*, em 1821, resistido ao decreto que a desligava do Exército portuguez; e, subtraindo-se ao commando de seu Chefe, o *Barão da Laguna*, lhe substituiu hum Conselho Militar sob a presi-

dencia d'este General. Quando ali se soube o rompimento do vínculo que unia o Brasil a Portugal, o General *D. Alvaro da Costa de Souza Macedo*, concentrando-se na Praça com 4,000 soldados, sustentou hum sítio de 17 mezes contra o resto das forças do *Barão da Laguna*, declarado a favor da Independencia; mas, recebendo a nova de que todos os seus compatriotas destacados no Norte, particularmente os da Bahia, havião succumbido, evacuou a Praça por capitulação; e dando assim azo á execução do resolvido em 1821 pelo Cavildo, ficou Montevideo incorporado ao Brasil, com o nome de Estado Cisplatino.

Desde esta época, hum só soldado Luso não mais pizou o solo brasileiro; e a bandeira da *Primavera e do Ouro* ondulou altiva do Prata ao Amasonas. Oxalá que tal se houvera conseguido sem o sacrificio de tantas vítimas; 4,000 cidadãos uteis, tiverão que transportár para além do Oceano seus cabedaes, montantes

a mais de 80 milhões de cruzados, para escaparem ao impune punhál da população, a quem animava com tremendas recomendações hum Governo terrorista, que, pretextando huma fantástica expedição do Tejo, em nome da Patria assolou a Patria, em crescente progressão do Sul ao Norte.

Dissolução da Constituinte. — Constituição offerecida pelo Imperador. — Segunda revolução em Pernambuco. — Attentado na Bahia.

A agitação dos espiritos, crescia na Capital de dia em dia; a discordia tinha penetrado até ao sanctuario augusto da lei. As discussões á cerca da marcha do Governo se tinham tornado demasiadamente animadas; e o recinto da Camara hera occupado por povo, em parte armado; alguns Deputados, em menos parlamentar linguagem, parecião fulminár contra o Executivo terrivel anathema. O Imperador convencido de que o procedimento

d'estes poucos Representantes da Nação, que aliás gosavão de popular crédito, tendia a destruir o poderio que lhe havia conferido a unânime vontade brasileira, resolveo anniquilár a Assembléa! He assim que, na cadêa das cousas politicas, hum erro traz com sigo de rojo hum maior erro! O Imperador fez reunír a Tropa no Campo de S. Christovão, e marchando á frente d'ella, estacionou na praça d'Acclamação, d'onde enviou huma Brigada cercár o Palacio dos Deputados. Hum decreto promettendo mais liberál Constituição do que a composta pela Assembléa, dissolvía este Corpo; seis de seus Membros forão deportados para a Europa, como pensionarios do Governo, e, tempos depois, julgados innocentes.

Em Pouco se publicou a Constituição, organisada no Conselho d'Estado, e a mais liberal de quantas existem em Monarchias. Em todas as Provincias do Sul foi ella

logo jurada, por voto de grande maioria dos Cidadãos, sem prévia discussão.

Todavia, na parte septentrional do Império produziu o violento golpe mais sérias consequências. Em Pernambuco, as idéas suffocadas em 1817 tomarão com os fogosos escriptos de *Cypriano José Barata de Almeida*, homem sobremaneira ardente, e avezado a revoluções, huma expansão amedrontadora. *Manuel de Carvalho Paes de Andrade*, posto por seus comprovincianos á testa do Governo do paiz, diregio convite a todas as Provincias do Norte, declarando-se independente do Rio 1824 de Janeiro, e Chefe da *Confederação do Equador*. *Francisco Paes Barreto*, nomeado pelo Imperador, Presidente de Pernambuco, tendo feito inuteis esforços para se apossar da authoridade, retirou-se ao lugar da Barra Grande, com a diminuta força que a seu favor pôde reunir. *João Taylor* bloqueiou o porto do Recife, e protegeo por már a Tropa

fugitiva, a qual, com este auxilio pode resistir ás mui superiores forças que *Carvalho* destacou logo em seu seguimento. A Còrte quiz conciliár os partidos nomeando hum terceiro individuo para Presidente, e fazendo retirár o bloqueio; porém os insurgentes recorrerão então a medidas terminantes para acabarem com o punhado de entusiastas, que, abatidos com a retirada das forças de már, se achavão fortemente entrincheirados na Barra Grande. Quatro centos homens sem recursos, souberão resistir a toda a Tropa de *Carvalho*, dirigida por *Jozé Antonio Ferreira*. Hum pequeno bloqueio enviado pelos de Pernambuco, foi presa de duas embarcações de guerra, que no momento chegarão, ao commando do *Conde de Beaurepaire*.

*Carvalho* pertendeo, mas de balde, occupar as Alagoas, e Parahyba.

*Tristão Gonçalves de Alençár Ararype, e*

*Jozé Pereira Filgueiras*, decidirão-se a arvorar no Ceará o estandarte da Confederação; mas o Povo enfurecido teria feito sobre aquelle partido horribes estragos, a não ser enviada do Recife huma força para restabelecer a ordem.

Occupavão ainda os pertinases defensores da integridade do Imperio as margens do rio Una, quando nas Alagoas desembarcou huma expedição mandada da Côrte, ao commando do General *Francisco de Lima e Silva*; o qual, incorporando a si aquell'outra força, e levando o Engenheiro *Conrado Jacob de Niemeyer*, que havia fortificado a Barra Grande, foi entrár por surpresa no Recife, não obstante os esforços dos contrários, que soffrerão grande estrago, sem matár hum só dos atacantes. Quatro dias depois voltarão os insurgentes ao combate; e esta última e desesperada acção foi mortifera para ambas as partes. A Esquadra, conduzida por *Lord*

*Cochrane*, coadjuvou a inteira occupação do Recife.

Os da Confederação, em número de 800, abandonados de seu Chefe, procurarão refugio no interior, onde serão obrigados a entregarem-se ás Tropas que os perseguirão. Uma Commissão Militar em Pernambuco, e outra no Ceará, julgarão os réos, dos quaes, 12 perderão a vida. Restabelecida a tranquillidade em Pernambuco pelas prudentes medidas do General *Lima*, foi a Constituição geralmente jurada em todo o Norte.

Entre as victimas da revolução de 1824, que geralmente magoarão os corações, se distingue *João Guilherme Recktliff*, homem instruido e generoso, sentenciado á morte nos Tribunaes da Côrte, pelo crime de ter hido, por parte de *Carvalho*, com 2 pequenas embarcações, no intuito de contratár com os acantonados na Barra Grande.

Hé na Bahia de pública notoriedade, que, o Commandante das Armas *Felisberto Gomes Calleira*, tendo a princípio dado visão de querer annuir ao convite do Cabeça da revolução pernambucana, se mostrou nos fins de 1824 acérrimo e injusto perseguidor de todos os militares em quem translusão idéas de liberdade, e mómente dos panegyristas da Confederação do Equador; entre estes, pareceo ao General que *Jozé Antonio da Silva Castro* occupava distincto lugar; e, dando d'isto conta á Côrte, o suspendeo do commando do corpo que lhe estava confiado. Desde logo hum tumulto militar se patenteou; o Batalhão do Commandante *Silva Castro*, com insubordinada arrogância exigio a reintegração d'este official; e, como o General perseguirasse nas medidas tomadas, cresceo a revolução a ponto que, 100 homens d'este corpo se arrojarão a hir cercar o quartel do Chefe Militar da Provincia, e intimar-lhe ordem de prisão. O General cedeo, dizendo: *Vou*

*preso, com a condição de que se me não hade tocar; porém, mal a confiante victima se mostrou a peito descoberto, hum dos officiaes que conduzião o piquete deu o tremendo signal, e o General cahio trespassado por 14 balas! Quatro dos compromettidos no attentado perderão a vida; outros, temerosos, se expatriarão voluntariamente.*

1824

Reconhecimento da Independencia. — Nascimento do Principe Imperial D. Pedro. — O Imperador dá Constituição a Portugal, e abdica a Corôa d'aquelle Reino. — Morte da Imperatriz.

1825 O seguinte anno, em que por ventura começou o Brasil a gosar de bonançosa existencia, foi assignalado pelo reconhecimento da Independencia, obtido do Governo portuguez por mediação d'Inglaterra. As Potencias europeas vierão logo á porfia buscár a alliança do Brazil; assim não se tivera o nosso Governo precipitado em firmal-a por tratados cujas

consequencias promettem longa e funesta influencia na nossa vindoura prosperidade.

N'este mesmo anno teve lugar o nascimento de hum Principe, que veio suprir a falta que nos deixara a morte do primeiro Filho varão do Imperador.

Não menos célebre se torna nos annaes brasileiros o anno de 1826, em que o Fundador da nossa Monarchia, reconhecido, por morte d'El Rey D. João VI, como o IV Pedro de Portugal, preferindo o grandioso Brasil ao sólio dos Affouços, abdicou aquella Corôa em D. Maria da Glória, sua primogénita Filha nascida Portugueza; depois de ter dado aos Lusitanos adequada Constituição Politica. Embora hum fascinado Principe privasse aquella parte dos humanos, da molleza da liberdade; a hora souo, em que, pelo natural progresso das luzes, o despotismo tem de ceder seus thronos a mais brando

regimen.

He tambem digna de memorar-se a dolorosa perda que n'este anno de 1826 soffeo o Brasil com a morte de sua joven, amavel e instruida Imperatriz D. Maria Leopoldina, modelo de virtudes.

Terceiro periodo da campanha do Sul. — Matança no Rio de Janeiro. — Fim da campanha do Sul, e separação de Montevideo.

Com o regresso, que antes mencionamos, de grande parte do Exército do Sul, ficarão summamente limitadas as Tropas do *Barão da Laguna*, e mais enfraquecidas ainda com as faltas de pagamento que soffrião, apezár de todas as providencias d'este General, e das generosas prestações feitas por *D. Thomaz Garcia de Zuniga*, ora *Barão da Carrera*.

Não ignoravão os Argentinos a fraquesa em

que se achavão os nossos; e aproveitando-se do partido existente em Montevideo a favor da união com a Republica, lhe enviavão armamento, e fomentavão a revolta em toda a Banda Oriental, a fim de desligar do Imperio aquella Provincia; estas, e outras manifestas manobras, juntas a reiteradas reclamações da Cisplatina, derão lugar á declaração da guerra entre o Brasil e Buenos Ayres.

Constando a *Bento Manuel Ribeiro*, que os adversários se haviam reunido em número de 2,500 sob o Chefe *D. João Antonio Lavalleja*, e que, no lugar do Durasno, esperavão novos reforços para marcharem sobre as nossas fronteiras, se dirigio ao *Barão da Laguna*, propondo-lhe hir bater o inimigo em sua propria posição. O General *Barão de Villa Bella*, que governava a Praça de Montevideo, requereo a primasia no commando das Tropas que se destacassem;

mas o Chefe, sem dar definitiva decisão, ordenou a *Bento Gonçalves*, que, com a sua Cavallaria viesse juntar-se ao corpo que devia marchár. Neste comenos, sabendo-se que o inimigo principiava a manobrá, concedeo o General em Chefe a *B. M. Ribeiro*, que, com seus sós 1,000 homens mal armados, lhe fosse reconhecer o campo; porém, este official, ancioso por travár combate, topando com *Lavalleja* no lugár do Sarandy, rompeo encarnçada e temerária acção. O inimigo, no fim de breve pleito, carregando com vivesa sobre os flancos dos nossos, conseguiu logo envolvel-os, e passár á espada grande parte d'esta pouca gente, que aquí

1825 ficou completamente derrotada. *B. M. Ribeiro*, retirou-se em debandada ás fronteiras do Rio Grande; só *Joaquim Jozé d'Alencastre*, com 200 homens persistio na luta, entregando-se depois prisioneiro por capitulação. Foi esto o primeiro completo destroço que, no fim de 14 annos de árdua campanha,

sofremos, vítimas de huma imprudente e ambiciosa bravura.

Sobre as aguas tinham os nossos mais feliz sorte; a Esquadra brasileira ao commando de *Pedro Antonio Nunes*, disputava com vantagem á do Almirante *Guilherme Brown*, o senhorio do rio da Prata.

Não teve o inimigo muito tempo para jactar-se da victoria que sobre nos alcançara; por que, transportando-se poucos mezes depois o Chefe *Lavalleja* sobre a Colonia do Sacramento, teve que experimentár desastrosa 1826 derrota, vendo-se obrigado a ceder á pequena, mas brava guarnição, que, habilmente conduzida pelo General *Manuel Jorge Rodrigues*, pôs em debandada os numerosos atacantes. Igual sorte tiverão as Tropas que posteriormente, ao commando de *D. Manuel Oribe*, tentarão sitiár aquella Praça.

Muito cooperarão 3 pequenos vasos destacados da Esquadra de *Rodrigo Jozé Ferreira Lobo*, e entregues a *Frederico Mariatt*, para reagir ao ataque da Esquadriha inimiga, que veio ao mesmo tempo accometter a Colonia.

Resolveo inopinadamente a Côrte mandár substituir o Chefe do nosso Exército, *Visconde da Laguna*, pelo General *Marquez de Barbacena*. Este chegou ao acampamento de S. Anna, e gisando logo atacár o inimigo em campál, e regular acção, principiou por inspeccionár as Tropas; porém, durante este tempo aparecendo os de Buenos Ayres, por 3 vezes em diversos e distantes lugares, e conhecendo-se que sua verdadeira direcção hera por S. Tecla, se resolveo em conselho que, visto o mau estado do Exército, pequeno, desarmado, e sobrecarregado de doentes, e attendendo a que só no Rio Grande, e S. Francisco de Paula, teria os necessarios soc-

corros, dos quaes o hia privár o inimigo, cortando a meio a linha de communicacão, se posessem logo as Tropas em movimento; isto se effeituou, deixando o General no lugar do Serro todas as bagagens, e mais de 260 doentes, entregues a *Pedro Jozé da Costa Pacheco*. Seguiu o Exército buscando o Icamacuan, a fim de receber os reforços, ou pelo Icamacuanchico, ou pelo Passo dos Enforcados; e n'esta marcha houve tanta habilidade, e atrevimento, visto não serem os nossos mais de 4,200 homens mal armados, que quando acabarão de passár algumas carretas pelo Icamacuanchico, já o inimigo occupava Magé, e as suas avançadas tihão rompido em tiroteio na proxima collina com as avançadas do General *Sebastião Barreto Pereira Pinto*. Effeituada a passagem, forão os nossos postar-se no arroio das Palmas, onde, recebendo reforços de Cavallaria, e Infantaria, esperarão os adversarios. O Chefe Argentino *D. Carlos de Alvedr*, conhecendo

a posição occupada pelos Brasileiros, evitou de aquí romper o ataque, e, para os deslocár, entranhou-se pela Provincia até S. Gabriel; com effeito, o *Marquez de Barbacena* marchou logo em seu seguimento, e foi entrár n'aquella Villa na mesma manhã em que d'alli sahira o General *Alvedr*. Este procurou o Caciquy, e os nossos o Passo do Rozario, no intuito de, ou encontral-o, se tentasse ahí a passagem, ou interseptar-lhe a retirada para o seu territorio, se cortasse mais abaixo o rio de S. Maria. Dois dias depois avistou-se o inimigo.

O General *Barão do Serro Largo*, e *Bento Gonçalves*, á testa da vanguarda, tiveram ordem de começar o fogo. O nosso Exército tinha 5,200 homens, e o argentino parecia de até 9,000. A acção foi começada com mais ânimo do que prudencia; nenhum plano havia. Ainda a segunda Divisão não estava postada, já a primeira tinha aberto a peleja.

De parte a parte se fizeram muitas cargas de Cavallaria ; a nossa Infantaria avançou á posição dos contrarios , e ali repellio fortes ataques d'arma branca, resistindo com intrepidez ao fogo de toda a bateria rival, que hera bem condusida , em quanto a nossa estava dispersa , e com sós 5 praças a cada canhão. Todavia, o inimigo conseguindo romper, e tomar-nos todas as bagagens e munições, que, sem guarda, nem reserva, se achavão expostas, obrigou os nossos a retirar-se, sem que a isso os compellisse a força do inimigo, o qual experimentou triplicadas perdas, e não ousou perseguil-os, desde que anoiteceo. 1827

Se o Chefe Brasileiro, em vez de escutár o aviso dos militares da Provincia que, julgando do inimigo pela disciplina que d'antes tinha, o animarão a romper, tem esperado a incorporação ao Exército, dos 1,200 homens de bem próvida Cavallaria commandados

por *Bento Manuel Ribeiro*, por certo se pode contar que se teria evitado aquelle desastre, e com elle a perda de muitas vidas brasileiras, entre as quacs devemos memorár a do valente General *Barão do Serro Largo*.

Foi depois d'esta infeliz accção, que o intrépido *D. Bonifacio Isac Calderon*, com 100 homens atacou o acampamento do Serro Largo, bateo 150 Argentinos, e aprisionou o Chefe *D. Ignacio Oribe*, com todas as suas bagagens.

Huma Esquadra Brasileira, de proxima-mente 40 vasos, capitaneada pelo Almirante *Rodrigo Pinto Guedes*, aliás *Barão do Rio da Prata*, bloqueiava os portos da República, e procurava destruir a Armada inimiga de até 27 pequenas embarcações, commandadas por *Guilherme Brown*. A superioridade das nossas forças, e a conhecida perícia de seu Chefe, nos fez senhores da navegação do

Prata. Jamais pode impunemente o inimigo mostrar-se dentro do Rio ; 21 navios armados argentinos forão aquí tomados ou destruidos.

Fora d'este districto não tiverão os nossos tão felizes éxitos. Huma Esquadriha entregue a *Jacinto Roque de Sena Pereira*, que tinha hido occupár provisoriamente o Uruguay, teve de sofrer vigoroso ataque, por muito superior força, e irremediavel lhe foi render-se ; talvez por lhe faltár o apoio da ilha de Martim Garcia, que quasi se pode considerar como chave d'aquelle rio, e que a nossa negligencia tinha abandonado ao inimigo. 1827

Duas expedições que o Almirante emprendeo á Patagonia, no intuito de obrigár á divergencia os de Buenos Ayres, forão successivamente mallogradas. A primeira, entregue a *Roberto Shepeld*, que se compunha de 4 vasos, e gente de desembarque, levava

ordem de tomár huma curveta inimiga, que ali se achava, e de destruir a bateria da entrada; porém este Commandante, querendo imprudentemente penetrár até á Povoação, e sendo morto antes de lá chegár; quando os nossos voltarão, achando entre si e a praia todo o pasto incendiado, se renderão prisioneiros. A segunda expedição, de 3 navios, dirigida por *Guilherme Eyre*, perdeu 2 d'estas, á entrada da bahia de S. Braz.

Muitas foião as presas feitas pela Esquadra brasileira sobre embarcações neutraes, que violarão o bloqueio; mas facil foi á arrogancia diplomatica obrigár a fraquesa do nosso Governo a vergonhosas restituções.

Hum inesperado motím militar veio por este tempo consternár a Capital. Hum dos corpos d'Estrangeiros assalariados ao serviço do Imperio, composto de Alemães, se achava desgostoso com a infidelidade que o Governo

com elle praticava, conservando nas fileiras os individuos cujos contratados prazos havião expirado; e pelo rigor dos castigos com que os pertendião constranger ao silencio. Por occasião de huma d'estas arbitrárias punições, o Batalhão, enfurecido partio em debandada, e se diregio ao Palácio da Boa Vista, a pedir justiça ao Imperador; o qual recusando ouvil-os, os soldados voltarão ao quartel, rompendo em ameaças. No seguinte dia algumas praças do corpo d'Irlandezes vierão, com suas vociferações contra o Governo, exacerbár os escandalizados Alemães. A desordem tomou então hum character ameaçador; o armarem das munições foi forçado; e bandos de soldados ébrios, quasi todos Irlandezes, ao abrigo da noite, investião e saqueavão as cazas em differentes bairros. Os bárbaros Africanos, aproveitando o propício ensejo desemostrarem defensores do paiz banhando-se no sangue da raça branca, tiravão desapiudadamente a vida a quanto inerme solda-

do estrangeiro encontravão , pela maior parte innocentes. Os Alemães de outro corpo, aquartelado na Praia Vermelha, ouvindo os rumores do que se passava, julgarão chegado o momento da vingança , e, como conservassem antigo odio ao Major *Benedicto Tioli* , pela infiel conta que sempre dera de suas gratificações , quizerão prendel-o , e remettel-o ao Imperador; porém este acto de insubordinação, intentado em prezença dos Irlan-dezes , teve mais criminoso desfeche; os brutaes insulares lançando-se sobre elle o assassinarão. Finalmente, mais de 48 horas havião que a Cidade jasia submergida nos maiores horrores, quando tomou o Governo decisivas medidas; e requisitando por precaução o desembarque das guarnições das Esquadras ingleza, e franceza, pos em movimento a Tropa nacionál, e fazendo fogo sobre os revoltosos, os obrigou a recolherem-se ao quartel do Campo de S. Anna; até á proxima manhã, em que, acordando elles da embria-

guez que os tornara tão feroses, se entregarão submissos. Os Irlandezes forão reinviados á Europa, e os Alemães entrarão de novo na disciplina. Finalisou assim esta lastimosa scena de que foi espectadora a nossa Capitál. 1828 Em 7 Brasileiros, 150 Estrangeiros e 15 escravos, se avalia o número dos mortos. O soldado Alemão *Eduardo Steinhausen* considerado cabeça da rebelião, foi fusilado por sentença.

Sabendo depois o Ministerio que os nossos inimigos do Sul, refeitos de gente e armamento, tomavão nova energia, e que, em força respeitavel, ameaçavão de entranharem-se na Provincia de S. Pedro, e considerando ao mesmo tempo o desfalecimento em que se achavão os nossos, pela aturada falta de suprimentos, e por alguma perda de subordinação, talvez occasionada pela desarmonia entre os principaes Chefes, á qual não hera extranho o General *Gustavo Henrique Brown*,

aliás official notavel por sua habilidade e rara valentia, resolveo aceitar a paz com Buenos Ayres, não obstante estar o nosso Exército, já de novo sob o General *Visconde da Laguna*, de posse das melhores posições. Commissarios da Republica vierão firmár na Capital do Imperio hum tratado preliminar, pelo qual, 1828 Montevideo ficou desligado do Brasil. Tal foi o pasmoso remate a mais de 17 annos de continuos sacrificios !

Hum corpo de 1,500 homens que, ao commando do General *Francisco Jozé de Souza Soares d'Andréa*, foi, segundo o tratado, occupár a Praça, e que a devia evacuar a 2 de 1829 Abril, só o fez 22 dias depois; porém na melhor intelligencia com o Governo do novo Estado.

---

**CONCLUSÃO.**

Aqui o fim de nossa tarefa; feliz se nossos jovens compatriotas acharem n'este livro auxilio a seus primarios estudos, único incentivo que a tal publicação nos animou. A pennas mais habéis, que não á nossa de ruim estylo e de peiór criterio, pertence a arrazoadá narrativa da completa Historia Brasileira; praza ao céo que hum venturoso porvir lhes ministre dourada materia; praza ao céo que o saber e patriotismo dos Poderes a quem cabe o grave encargo de promover o bem da Patria, consigão extirpár fataes rivalidades. Sirvão os extranhos paizes de exemplo ao nosso; embora se objecte com differença s de localidade; o génio das Nações depende mais das leis que as regem, do que da atmos-

phera que as cobre; o Grego da natureza hé hoje o mesmo que o dos séculos de ouro, mas os vícios do Governo tem privado Athenas de novos *Percles* e novos *Phydias*.

N. B. Nem em huma só palavra do nosso autógrapho tocamos, depois do memoravel dia 7 de abril de 1831; julgamos ter escripto a VERDADE; e a verdade hé huma, e eternamente immutavel.

FIM.

## Erratas principaes.

| Pag. | Linhas. | Erros.         | Emendas.             |
|------|---------|----------------|----------------------|
| 11,  | 18,     | de             | da                   |
| 50,  | 6,      | inimigos.      | inimigas.            |
| 99,  | 4,      | 50.000         | 5,000                |
| 110, | 9,      | abondante      | abundante            |
| 131, | 15,     | os             | aos                  |
| 127, | 1,      | inutilisavão   | inutilisava          |
| 162, | 15,     | de S. Paulo    | do paiz              |
| 185, | 1,      | destacou a     | destacou             |
| 189, | 5,      | <i>Vasques</i> | <i>Vasco Antunes</i> |
| 252, | 17,     | do Conde       | de Theodoro          |
| 258, | 17,     | <i>Carrera</i> | <i>Calera</i>        |



# INDEX.

---

## PRIMEIRA ÉPOCA.

O BRASIL ANTES DA CONQUISTA. Pag. 9

## SEGUNDA ÉPOCA.

O BRASIL CONQUISTADO PELOS PORTUGUEZES. 59

|  |    |
|--|----|
| Divisão do Brasil em Capitánias. . . . .                             | 47 |
| Povoação do Espirito Santo. . . . .                                  | 50 |
| Povoação de Pernambuco. . . . .                                      | 50 |
| Povoação da Bahia. . . . .   | 52 |
| Tentativas dos Francezes para se estabelecerem no<br>Brasil. . . . . | 53 |
| Povoação de S. Paulo. . . . .  | 59 |
| Expulsão dos Francezes. . . . .                                      | 62 |
| Povoação do Rio de Janeiro. . . . .                                  | 65 |
| Divisão do Brasil em dois Governos separados. . . .                  | 66 |
| O Brasil volta ao regimen de hum só Governador. .                    | 69 |
| Povoação da Parahyba. . . . .  | 69 |

## TERCEIRA ÉPOCA.

|  |     |
|--|-----|
| O BRASIL NO DOMINIO HESPAÑHOL. . . . .                     | 71  |
| Minas de prata. . . . .                                    | 75  |
| Povoação de Seregypte. . . . .                             | 75  |
| Os Ingleses accommettem o Brasil. . . . .                  | 74  |
| Povoação do Rio Grande do Norte. . . . .                   | 78  |
| Incursões no interior. . . . .                             | 78  |
| Povoação de Ceará. . . . .                                 | 80  |
| Nova expedição franceza. . . . .                           | 81  |
| Povoação do Maranhão. . . . .                              | 82  |
| Povoação do Pará. . . . .                                  | 85  |
| Os Holandezes atacão o Brasil. . . . .                     | 85  |
| Conducta dos Colonos para com os Indigenas. . . . .        | 89  |
| Segunda invasão, e estabelecimento dos Holandezes. . . . . | 91  |
| Viagem pelo Amasonas. . . . .                              | 105 |
| O Brasil he governado por Vicereys . . . . .               | 111 |

## QUARTA ÉPOCA.

|   |     |
|---|-----|
| O BRASIL LIVRE DO JUGO D'HESPAÑHA. . . . .    | 113 |
| Insurreição em S. Vicente. . . . .            | 114 |
| Expulsão dos Holandezes. . . . .              | 116 |
| O Brasil recebe título de Principado. . . . . | 131 |
| Povoação de S. Catharina. . . . .             | 151 |
| Rasgo de valor. . . . .                       | 154 |
| Povoação das Alagoas. . . . .                 | 155 |
| Fundação da Colonia do Sacramento. . . . .    | 156 |
| Minas de ouro. . . . .                        | 157 |

|  |     |
|--|-----|
| Povoação de Minas Geraes. . . . .                    | 139 |
| Negros de Palmares. . . . .                          | 140 |
| Outras expedições francezas. , . . . .               | 144 |
| Decadencia no Norte. . . . .                         | 151 |
| Povoação de Piahy. . . . .                           | 153 |
| Povoação de Matto Grosso. . . . .                    | 154 |
| Povoação de Goyaz. . . . .                           | 156 |
| Minas de diamantes. . . . .                          | 158 |
| Povoação do Rio Grande do Sul. . . . .               | 160 |
| Guerras de limites. . . . .                          | 161 |
| A Capitál do Brasil passa ao Rio de Janeiro. . . . . | 163 |
| Melhoramentos no Brasil. , . . . .                   | 163 |
| Os Hespanhoes tomão S. Catharina. . . . .            | 167 |
| Limites definitivos. . . . .                         | 168 |
| Intento revolucionario em Minas Geraes. . . . .      | 170 |
| Guerra com Buenos Ayres. . . . .                     | 174 |

#### QUINTA ÉPOCA.

#### O BRASIL COMO SÉDE DA MONARCHIA PORTUGUEZA. 177

|  |     |
|--|-----|
| Liberdade de Commercio. . . . .                    | 178 |
| Conquista de Cayenna. . . . .                      | 179 |
| Patriotica administração. . . . .                  | 180 |
| O Brasil elevado a Reino. . . . . , . . . .        | 182 |
| Campanha do Sul. . . . .                           | 183 |
| Revolução em Pernambuco. . . . .                   | 189 |
| Cazamento do Principe Réal. . . . .                | 193 |
| Acclamação d'El Rey D. João VI. . . . .            | 193 |
| Segundo periodo da Campanha do Sul. . . . .        | 194 |
| Nova Constituição politica. . . . .                | 202 |
| Reunião eleitoral no Rio de Janeiro. . . . . , . . | 208 |

|  |     |
|--|-----|
| Regresso d'El Rey D. João VI. . . . .                | 216 |
| O Principe Réal D. Pedro fica Regente do Brasil. . . | 210 |

## SEXTA ÉPOCA.

## O BRASIL IMPERIO CONSTITUCIONAL INDEPEN-

|  |     |
|--|-----|
| DENTE. . . . , . . . . .   | 211 |
| Reunião da Assembléa Constituinte. . . . .   | 217 |
| Movimentos em diferentes Provincias. . . . .   | 218 |
| Incorporação de Montevideo ao Brasil. . . . .  | 227 |
| Dissolução da Constituinte. . . . .  | 229 |
| Constituição offerecida pelo Imperador. . . . .  | 230 |
| Segunda revolução em Pernambuco. . . . .   | 231 |
| Attentado na Bahia. . . . . , . . . . .  | 235 |
| Reconhecimento da Independencia. . . . .   | 236 |
| Nascimento do Principe Imperial D. Pedro. . . .  | 237 |
| O Imperador dá Constituição a Portugal, e abdica<br>a Corôa d'aquelle Reino. . . . , . . . . . | 237 |
| Morte da Imperatriz. . . . .   | 238 |
| Terceiro período da campanha do Sul. . . . .   | 238 |
| Matança no Rio de Janeiro. . . . .   | 248 |
| Fim da campanha do Sul, e separação de Monte-<br>video. . . . .                                | 251 |

FIM DO INDEX.

# LISTA

Dos Srs. Subscriptores d'esta Obra.



|                               |   |
|-------------------------------|---|
| A. Correa Picanço de Faria.   | 1 |
| A. Pinto Duarte.              | 1 |
| A. P. Limpo de Abreo.         | 1 |
| A. Xavier de Carvalho.        | 1 |
| A. Jozé de Lessa.             | 1 |
| A. Jozé da Veiga.             | 1 |
| A. Jozé do Amaral.            | 1 |
| A. Pereira Rebouças.          | 1 |
| A. Fernandez da Silveira.     | 1 |
| A. Joaquim de Moura.          | 1 |
| A. Pinto Chichorro de Gama.   | 1 |
| A. Maria de Moura             | 1 |
| A. F. P. Holanda Cavalcanti.  | 1 |
| A. de Souza e Oliveira.       | 1 |
| A. de Castro Alves.           | 1 |
| A. J. Rangel de Vasconcellos. | 2 |
| A. Jozé Rodrigues.            | 1 |
| A. J. de Abreo Guimarães.     | 1 |
| A. Luiz de Araujo.            | 1 |
| A. Simão de Souza.            | 1 |
| A. de Castro Vianna.          | 1 |
| A. de Melo Pinto.             | 1 |
| A. J. de Caldas Junior.       | 1 |

|                              |   |
|------------------------------|---|
| A. J. de Benavente Belém.    | 1 |
| A. J. Gonçalves Branco.      | 1 |
| A. Pereira Cardozo.          | 1 |
| A. Jozé Espíndola.           | 1 |
| A. Jozé Lopes Alvito.        | 1 |
| A. da Silva Pereira.         | 1 |
| A. Alvez Monteiro.           | 1 |
| A. Machado da Cunha.         | 1 |
| A. Tavares Guerra.           | 1 |
| A. de Barros Falcão.         | 1 |
| A. J. Moreira Pinto.         | 1 |
| A. Joaquim Soares.           | 1 |
| A. Mendes de Carvalho.       | 1 |
| A. J. Pereira da Silva.      | 1 |
| A. de Almeida Feijó.         | 1 |
| A. Jozé da Costa.            | 1 |
| A. M. de Garfias Rozado.     | 1 |
| A. de Souza Loureiro.        | 1 |
| A. J. Galdino de Souza.      | 1 |
| A. Martins Lage.             | 2 |
| A. Jozé dos Santos.          | 1 |
| A. T. Carvalho Cunha.        | 1 |
| A. Ribeiro Fernandez Forbes. | 1 |
| A. Thimoteo da Costa.        | 1 |
| A. J. Vieira Ramalho.        | 1 |
| A. J. Ferreira Faria.        | 1 |
| A. de Miranda.               | 1 |
| A. Leite de Almeida.         | 1 |
| A. de Saldanha da Gama.      | 1 |
| A. da Cunha Barboza.         | 1 |
| A. Pereira Monteiro.         | 1 |
| A. Alves da Silva Pinto.     | 1 |
| A. J. dos Santos Barboza.    | 1 |
| A. J. Pinto Pereira Dotelho. | 1 |

|                                   |   |
|-----------------------------------|---|
| A. Roque de Figueiredo.           | 1 |
| A. Machado.                       | 1 |
| A. de Macedo Muniz.               | 1 |
| A. Achilli Adelfiano.             | 1 |
| A. Crispiano da Cunha.            | 1 |
| A. Pereira Gomes.                 | 1 |
| A. da Costa Cunha Lima.           | 1 |
| A. Coelho de Melo.                | 1 |
| A. Fernandes Lima.                | 1 |
| A. Dias Monteiro.                 | 1 |
| A. Gomes de Liery.                | 1 |
| A. Jozé de Castro.                | 1 |
| A. Joaquim Franco.                | 1 |
| A. Jozé Pinto.                    | 1 |
| A. Manuel Madeira.                |   |
| A. J. de Macedo Barroso.          | 1 |
| A. Alves Pereira Ribeiro e Cirne. | 1 |
| A. Bento de Vassimon.             | 1 |
| A. J. de Carvalho Siqueira.       | 1 |
| A. Jozé Tota.                     | 1 |
| A. de Araujo Gomes.               | 1 |
| A. Cypriano de Souza.             | 1 |
| A. Maria de Lima.                 | 1 |
| A. Esteves Chaves.                | 1 |
| A. Jozé de Araujo.                | 1 |
| A. J. Rodrigues da Silva.         | 1 |
| A. Jozé Peixoto.                  | 1 |
| A. Maria Backer.                  | 1 |
| A. Dias Ribeiro Gasparinho.       | 1 |
| A. J. Baptista Camacho.           | 1 |
| A. Augusto de Almeida.            | 1 |
| Barão da Saude.                   | 1 |
| Barão de Itapoã.                  | 1 |
| Barão de Trautenberg.             | 1 |

|                                       |   |
|---------------------------------------|---|
| Barão do Rio da Prata.                | 1 |
| B. Botelho de Sigueira.               | 1 |
| B. Pereira de Vasconcellos.           | 1 |
| B. Lobo de Souza.                     | 1 |
| B. Caetano d'Almeida.                 | 2 |
| B. Ferreira Maciel Pinheiro.          | 2 |
| B. Alvaro da Silva.                   | 1 |
| B. M. da Silva Abreo,                 | 1 |
| B. Antonio da Costa,                  | 1 |
| B. Jozé Pires.                        | 1 |
| B. J. Freitas Guimarães.              | 1 |
| B. Jozé de Araujo.                    | 1 |
| B. Pimenta d'Albuquerque.             | 1 |
| B. Wallentim.                         | 1 |
| B. J. da Cunha Gusmão e Vasconcellos. | 2 |
| Conde de Valença.                     | 1 |
| Conde de Lages.                       | 1 |
| Circulo do Commercio.                 | 1 |
| C. S. de Melo e Matos.                | 1 |
| C. Jacob de Niemeyer.                 | 2 |
| C. de Assis.                          | 1 |
| C. Lopes d'Arroxella.                 | 1 |
| C. F. de Brito e Victoria.            | 1 |
| C. de Souza Coelho.                   | 1 |
| C. Tenoria de Medeiros (Dona).        | 1 |
| C. Stolmes.                           | 1 |
| C. Narcizo Betancourt.                | 2 |
| C. Leite Pereira de Sá.               | 1 |
| C. C. Caldas d'Alvarenga.             | 1 |
| C. Jozé de Souza.                     | 1 |
| C. Cornaz.                            | 1 |
| C. C. M. de Brito.                    | 1 |
| C. J. Ferreira Alvim.                 | 1 |
| C. Luiz da Costa.                     | 1 |

|                                |   |
|--------------------------------|---|
| D. Duarte Silva.               | 2 |
| D. Antonio Feijó.              | 1 |
| D. Jozé Leopoldo.              | 2 |
| D. Stephan.                    | 1 |
| D. Gomes Pereira dos Santos.   | 1 |
| D. Jorge Torres.               | 1 |
| D. da Silva Tavares.           | 1 |
| D. Gomez Barrozo.              | 1 |
| D. Sigaud.                     | 2 |
| D. A. de Moraes Silva.         | 1 |
| E. Ferreira da Veiga.          | 2 |
| E. F. de Verna Magalhães.      | 2 |
| E. de Weyhe.                   | 1 |
| E. Leahy.                      | 1 |
| E. Duarte Silva.               | 1 |
| E. Antonio da Conceição.       | 1 |
| E. Brocardo de Matos.          | 1 |
| E. Emiliano de Medeiros.       | 1 |
| E. Aprigio da Viega.           | 1 |
| E. Jozé Pereira.               | 1 |
| F. de Lima e Silva.            | 1 |
| F. Xavier Rapozo.              | 1 |
| F. J. Neves Gonzaga.           | 1 |
| F. A. da Silva Betancourt.     | 1 |
| F. de Paula e Vasconcellos.    | 1 |
| F. do Rego Barros.             | 1 |
| F. J. Coelho Neto.             | 1 |
| F. de Paula e Souza.           | 1 |
| F. P. d'Almeida e Albuquerque. | 1 |
| F. Jozé de Guimarães.          | 2 |
| F. Cordeiro da Silva Torres.   | 1 |
| F. d'Araujo Pereira Couto.     | 1 |
| F. Jozé Pinto.                 | 1 |
| F. Firme Monteiro.             | 1 |

|   |   |
|---|---|
| F. Monteiro de Azevedo.                 | 2 |
| F. Carneiro de Magalhães Bastos.        | 2 |
| F. Xavier Pereira.                      | 2 |
| F. S. da Paz Furtado de Mendonça.       | 2 |
| F. de Assis Ribeiro.                    | 2 |
| F. B. Romeiro Junior.                   | 1 |
| F. Luiz e Souza.                        | 1 |
| F. Manuel Serpa.                        | 2 |
| F. Antonio dos Santos.                  | 1 |
| F. J. d'Araujo Jacobá.                  | 2 |
| F. Dias Cabral.                         | 1 |
| F. Lopes dos Santos.                    | 1 |
| F. de Assis Chagas.                     | 1 |
| F. de Paula Barros.                     | 1 |
| F. dos Santos Pinto.                    | 1 |
| Franc. Carneiro de Campos.              | 2 |
| Fred. Carneiro de Campos.               | 2 |
| E. Borges de Barros.                    | 1 |
| E. Luiz do Livramento.                  | 1 |
| E. Vieira de Castro.                    | 1 |
| F. de Paula Silveira.                   | 1 |
| F. d'Almeida Varella.                   | 1 |
| F. J. Damasceno Rozado.                 | 1 |
| E. Machado de Souza.                    | 1 |
| F. Rodriguez Silva.                     | 1 |
| F. d'Albuquerque Montenegro Cavalcanti. | 1 |
| F. A. da Gama Freitas.                  | 1 |
| F. Alves de Paula.                      | 1 |
| F. Antonio Pereira.                     | 1 |
| F. de Paula Ribeiro.                    | 1 |
| F. Tavares de Miranda.                  | 1 |
| F. Antonio Malheiro.                    | 1 |
| F. Jozé Ribeiro.                        | 1 |
| F. Eugenio Tavares.                     | 1 |

|                                  |   |
|----------------------------------|---|
| F. Ignacio do Valle.             | 1 |
| F. de Oliveira e Macedo.         | 2 |
| F. Xavier de Abreo.              | 2 |
| F. X. Monteiro da Franca.        | 1 |
| F. Jozé do Rozario.              | 1 |
| F. X. Monteiro da Franca Junior. | 1 |
| F. Augusto Neiva.                | 1 |
| F. Jozé Meira.                   | 1 |
| F. Antonio da Silva.             | 1 |
| F. Alves de Souza Carvalho.      | 1 |
| F. Xavier de Andrade.            | 1 |
| F. de Souza Maria.               | 1 |
| F. J. da Silva Guimarães.        | 1 |
| F. Thomaz Pinheiro.              | 1 |
| F. Pinto dos Reis Marcaranhas.   | 1 |
| F. Rodrigues Nunes.              | 1 |
| E. P. Pinto França.              | 1 |
| F. da Silva Leite.               | 1 |
| F. Vieira Fogaça Corte Real.     | 1 |
| F. de Paula Pacheco.             | 1 |
| F. J. da Silva Betancourt.       | 2 |
| F. Adrico Pereira.               | 1 |
| F. Ferreira de Assiz.            | 1 |
| F. Gomes de Araujo.              | 1 |
| F. B. Dias da Silva.             | 1 |
| F. de Paula e Silva.             | 1 |
| F. M. C. Magano.                 | 1 |
| F. Ferreira Ramos.               | 1 |
| F. Alvez Pereira Ribeiro Cirne.  | 2 |
| G. Cancio de Paula.              | 1 |
| G. G. Monteiro de Mendonça.      | 1 |
| G. Mestwerdt.                    | 1 |
| G. Bormann.                      | 1 |
| G. Suckow.                       | 1 |

|                                   |    |
|-----------------------------------|----|
| G. J. Nunes Furtado.              | 1  |
| G. Nunes de Melo.                 | 1  |
| G. Francisco de Miranda.          | 4  |
| Gueffier e Comp.                  | 10 |
| H. J. da Cunha Grugel do Amaral.  | 1  |
| H. J. de Barros Pain.             | 1  |
| H. H. Carneiro Leão.              | 1  |
| H. Haroczinsky.                   | 1  |
| H. Lackmann.                      | 1  |
| H. Etur.                          | 1  |
| H. de Barros Mafra.               | 1  |
| H. J. da Silva Passos.            | 1  |
| H. Antonio Pinto.                 | 1  |
| H. Terrisse.                      | 1  |
| I. d'Almeida Fortuna.             | 1  |
| I. Joaquim Passos.                | 1  |
| I. Pereira da Costa.              | 1  |
| I. Antonio Moreira.               | 1  |
| I. Ferreira Soares.               | 1  |
| I. F. de Paula Rodrigues.         | 1  |
| I. de S. Thereza Brito.           | 1  |
| I. Jozé Malta.                    | 1  |
| J. Alvez de Azevedo.              | 4  |
| J. Jozé de Carvalho.              | 1  |
| J. A. dos Santos Xavier.          | 1  |
| J. Martinz Lourenço Vianna.       | 1  |
| J. Lino Coutinho.                 | 1  |
| J. F. Alves Branco Muniz Barreto. | 1  |
| J. Jozé Justiniano.               | 2  |
| J. dos Santos Mendes.             | 2  |
| J. da Silva e Oliveira.           | 1  |
| J. A. de Freitas Dantas.          | 2  |
| J. B. de Araujo Barboza.          | 2  |
| J. Marques Baptista Leão.         | 1  |

|                               |   |
|-------------------------------|---|
| J. F. de Figueiredo Rocha.    | 1 |
| J. M. da Silva Betancourt.    | 1 |
| J. J. da Silva Lisboa.        | 1 |
| J. Duarte Nunes.              | 1 |
| J. da Costa Carvalho.         | 4 |
| Marcelino de Brito.           | 1 |
| Vieira Souto.                 | 1 |
| Gonçalves Ledo.               | 1 |
| J. de Oliveira Alvares.       | 2 |
| J. Custodio Dias.             | 2 |
| J. A. da Silva Maia.          | 1 |
| J. Rebelo de Souza Pereira.   | 1 |
| J. B. Leite Ferreira de Melo. | 1 |
| J. Fernandes Vasconcellos.    | 1 |
| J. Clemente Pereira.          | 1 |
| J. M. Carneiro da Cunha.      | 1 |
| J. Ribeiro Soares da Rocha.   | 1 |
| J. Correa Pacheco.            | 1 |
| J. Antonio de Lemos.          | 1 |
| J. J. Lopes Mendes Ribeiro.   | 1 |
| J. C. de Miranda Ribeiro.     | 1 |
| J. Martiniano de Alencar.     | 1 |
| J. A. dos Santos Seguro.      | 1 |
| J. Vicente Gomes.             | 2 |
| J. Joaquim Velho.             | 1 |
| J. Antonio de Andrade.        | 1 |
| J. Antonio Castrioto.         | 1 |
| J. Teixeira de Azevedo Lira.  | 1 |
| J. Maria Mascaranhas.         | 1 |
| J. F. Gomes de S. Anna.       | 2 |
| J. A. Pereira de Souza.       | 1 |
| J. Dias da Silva Guimarães.   | 1 |
| J. da Costa Silva.            | 1 |
| J. F. de Souza Fotelho.       | 2 |

|                                  |   |
|----------------------------------|---|
| J. E. dos Santos Tourinho.       | 1 |
| J. Rebelo d'Almeida.             | 1 |
| J. de Melo e Vasconcellos.       | 1 |
| J. Domingues de Carvalho.        | 1 |
| J. Vicente de Araujo.            | 1 |
| J. Joaquim Ribeiro.              | 1 |
| J. Bernardo de Arroxella.        | 1 |
| J. Baptista de Araujo.           | 1 |
| J. Fernandes de Oliveira Santos. | 1 |
| J. E. Pereira Collaço Amado.     | 1 |
| J. A. Pereira da Silva.          | 1 |
| J. Jozé Damasceno.               | 1 |
| J. Jozé da Silva.                | 1 |
| J. Gonçalves Vasa.               | 1 |
| J. A. Barros Lisboa.             | 1 |
| J. D. Alexandre Oliveira.        | 1 |
| J. Joaquim Firmino.              | 1 |
| J. Machado da Cunha.             | 1 |
| J. Ferreira Chaves.              | 1 |
| J. Antonio Vieira.               | 1 |
| J. de Lima Brito.                | 1 |
| J. Gomes de Souza.               | 1 |
| J. Joaquim de Souza.             | 1 |
| J. Bento Leitão.                 | 1 |
| J. d'Amorim Lima.                | 1 |
| J. Teixeira Barboza.             | 1 |
| J. I. de Carvalho Mendonça.      | 1 |
| J. Baptista d'Alencastro.        | 1 |
| J. Luiz Barboza.                 | 1 |
| J. de Oliveira e Silva.          | 1 |
| J. Xavier Garcia d'Almeida.      | 1 |
| J. Teixeira da Matta Bacellár.   | 1 |
| J. Ignacio Borges.               | 1 |
| J. C. Ferreira de Aguiár.        | 1 |

|                                 |    |
|---------------------------------|----|
| J. Furtado de Mendonça.         | 1  |
| J. Leite Pacheco.               | 1  |
| J. F. de Souza Coutinho.        | 1  |
| J. Moreira da Silva.            | 1  |
| J. Ignacio da Silveira.         | 1  |
| J. I. de Macedo Campos.         | 1  |
| J. da Costa Correa.             | 1  |
| J. Bozê Coelho.                 | 1  |
| J. da Costa Pereira.            | 1  |
| J. Caetano da Silva.            | 1  |
| J. da Cunha Lobo.               | 1  |
| J. Cardozo Vieira.              | 1  |
| J. Maria Pinto.                 | 1  |
| J. Marques Lisboa.              | 1  |
| J. Prestes Barreto da Fontoura. | 1  |
| J. L. de Lima junior.           | 1  |
| J. Antonio de Medeiros.         | 1  |
| Joaq. F. de Souza Coutinho.     | 1  |
| J. A. Rodrigues Pereira.        | 1  |
| J. Antonio de Lima.             | 1  |
| J. Luiz do Livramento.          | 1  |
| J. H. de Souza Medeiros.        | 1  |
| J. da Costa Bastos.             | 1  |
| J. Gonçalves da Silva Peixoto.  | 1  |
| J. A. da Silva Monteiro.        | 1  |
| J. de S. Anna Campos.           | 1  |
| J. F. de Assis Passos.          | 1  |
| J. Tiberio Capistrano.          | 1  |
| J. Feliciano de Proença.        | 1  |
| J. Pedro da Veiga.              | 10 |
| J. Fernandes da Torre.          | 1  |
| J. Joaquim Borges.              | 1  |
| J. Domingues Mancorvo.          | 2  |
| J. Dias Camargo.                | 1  |

|                               |   |
|-------------------------------|---|
| J. Jozé de Carvalho.          | 1 |
| J. Silveira do Pillár.        | 1 |
| J. Joaquim de Faria.          | 1 |
| J. Miller.                    | 2 |
| J. J. de Lima e Silva.        | 1 |
| J. A. Diniz de Moura.         | 1 |
| J. de Santiago Mendonça.      | 1 |
| J. de Saules.                 | 1 |
| J. de Miranda Ribeiro.        | 1 |
| J. Baptista Marcello.         | 1 |
| J. Maria de Lacerda.          | 1 |
| J. Vieira de Castro.          | 1 |
| J. Luiz Torres.               | 1 |
| J. Coelho Guimarães.          | 3 |
| J. L. Bárros Figueiredo.      | 2 |
| J. J. Gonçalves Vianna.       | 1 |
| J. Francisco de Bellegarde.   | 2 |
| J. Americo.                   | 1 |
| J. Julio da Resurreição.      | 1 |
| J. Jozé de Araujo.            | 1 |
| J. Ricardo.                   | 1 |
| J. Estevão de Siqueira.       | 1 |
| J. R. da Silva Marques.       | 1 |
| J. Machado de Lima.           | 1 |
| J. Antonio Xavier.            | 1 |
| J. Antonio Guimarães.         | 1 |
| J. Joaquim Dias.              | 1 |
| J. Gonçalves dos Santos Lima. | 1 |
| J. de Saldanha da Gama.       | 4 |
| J. M. Correa de Sá.           | 4 |
| J. de Assis Mascaranhas.      | 2 |
| J. Pinto de Miranda.          | 4 |
| J. M. da Silveira Sampaio.    | 1 |
| J. Joaquim da Rocha.          | 2 |

|                                 |   |
|---------------------------------|---|
| J. Caetano de Barros.           | 1 |
| J. V. de Amorim Bezerra.        | 1 |
| J. da Silveira Sampaio.         | 1 |
| J. Alvez Massa.                 | 1 |
| J. Ribeiro dos Santos Monteiro. | 1 |
| J. Pereira da Silva Vidal.      | 1 |
| J. J. Borges Monteiro.          | 1 |
| J. J. Luiz de Souza.            | 1 |
| J. Baptista Avondano.           | 1 |
| J. F. de Seixas Machado.        | 1 |
| J. Joaquim da Silva.            | 1 |
| J. F. Xavier de Caldas.         | 1 |
| J. Francisco de Ataíde.         | 1 |
| J. Anténio Baptista.            | 1 |
| J. Justiniano da Silva.         | 1 |
| J. Jozé da Silva.               | 1 |
| J. Francisco Barreto.           | 1 |
| J. J. Innocencio Pogge.         | 1 |
| J. Antonio Gonçalves.           | 2 |
| J. Alves Sanches Massa.         | 1 |
| J. Maria Correa.                | 1 |
| J. L. de Souza Rangel.          | 1 |
| J. Xavier Vidal.                | 1 |
| J. Nunes Pereira.               | 1 |
| J. da Encarnação.               | 1 |
| J. Napomuceno Borges.           | 1 |
| J. I. Ponce de Lion.            | 1 |
| J. Sabino Monteiro.             | 1 |
| J. Gonçalves de Medeiros.       | 1 |
| J. Rodriguez Gonçalves Vianna.  | 1 |
| J. A. Lopes da Silveira.        | 2 |
| J. L. Pereira Lima.             | 1 |
| J. Suterô da Roza.              | 1 |
| J. Jozé da Veiga.               | 1 |

|                                    |   |
|------------------------------------|---|
| J. Ventura Rodrigues.              | 2 |
| J. Maximo do Prado.                | 1 |
| J. Rodrigues Silva.                | 1 |
| J. Jozé de Faria.                  | 1 |
| J. Pinto Neto dos Reis.            | 1 |
| J. B. de Andrade e Almada.         | 1 |
| J. F. de Azevedo Lima.             | 1 |
| J. B. de Souza Cabral.             | 1 |
| J. Martinz Pinheiro.               | 1 |
| J. Pereira da Silva Porto.         | 1 |
| J. Claudio de Melo.                | 2 |
| J. Alves Branco.                   | 1 |
| J. Placido de Betancourt.          | 1 |
| J. Baptista de Souza.              | 1 |
| J. C. de Carvalho Salzedas.        | 2 |
| J. J. Gomes da Silva Castro.       | 1 |
| J. Fernandes da Cunha Pereira.     | 1 |
| J. Jozé Francisco.                 | 1 |
| J. Leite Guimarães.                | 1 |
| J. Monteiro de Figueiredo Graveto. | 1 |
| J. Domingues Valiengo.             | 1 |
| J. Ferreira Tinoco.                | 1 |
| J. J. Francisco da Cruz.           | 1 |
| J. Francisco Vianna.               | 2 |
| J. Gomes Sobral.                   | 2 |
| J. F. da Cruz Peixoto.             | 3 |
| J. A. da Silva Costa.              | 1 |
| J. Baptista Coqueiro.              | 1 |
| J. Jozé Espinola.                  | 1 |
| J. J. Pereira de Carvalho.         | 1 |
| J. Pinto Martinz.                  | 1 |
| J. Manuel do Rosario.              | 1 |
| J. Joaquim dos Reis.               | 2 |
| J. da Costa Matos.                 | 1 |

|   |    |
|---|----|
| J. Layola da Ronda.                                   | 14 |
| J. Gaudic Ley.  | 1  |
| J. J. de Melo Torres.                                 | 1  |
| J. B. Froes Silva.                                    | 2  |
| J. Christiano Silva.                                  | 1  |
| J. Jozé Lousada.                                      | 1  |
| J. Napomuceno de Assia.                               | 2  |
| J. Gomes de Araujo.                                   | 1  |
| J. Bento da Sá.                                       | 1  |
| J. Pessanha.  | 1  |
| J. Manuel Ferreira.                                   | 1  |
| J. J. dos Reis.                                       | 1  |
| J. de Victoria Soares d'Andrea.                       | 1  |
| J. Hypolito de Araujo.                                | 1  |
| Joly e Comp.  | 25 |
| J. D. Esteive da Silva.                               | 1  |
| J. X. Garcia de Almeida.                              | 1  |
| J. R. de Abreo Lima.                                  | 1  |
| J. Joaquim da Fonseca.                                | 1  |
| J. C. de Oliveira Guimarães.                          | 1  |
| J. P. Pereira Pacheco.                                | 1  |
| J. Soares de Lima e Mota.                             | 1  |
| J. Duarte do Amaral.                                  | 2  |
| J. J. de Figueiredo e Vasconcellos.                   | 1  |
| J. Marques de Gouvea.                                 | 1  |
| J. Baptista Cosmelli.                                 | 1  |
| J. M. Vieira de Souza Pereira.                        | 1  |
| J. Jozé Portugal.                                     | 1  |
| J. Tiburcio Pamplona.                                 | 4  |
| J. Rodrigues de Oliveira, pela Cidade de Portalègre.  | 80 |
| J. G. Borges da Silva.                                | 1  |
| J. J. d'Oliveira Guimarães, pela Villa do Rio Grande. | 38 |
| J. Pinto Reis.  | 1  |
| L. A. Muniz dos Santos Lobo.                          | 1  |

|  |   |
|--|---|
| L. F. de Holanda Cavalcanti.             | 1 |
| L. de Souza Godinho.                     | 1 |
| L. Jozé de Lima.                         | 1 |
| L. A. Alvez Monteiro.                    | 1 |
| L. C. Cardozo Cajueiro.                  | 1 |
| L. Jozé de Oliveira.                     | 1 |
| L. J. Duque Estrada Furtado de Mendonça. | 1 |
| L. M. de Jezus e Almeida.                | 1 |
| L. Eloy de Medeiros.                     | 1 |
| L. M. Alvez de Almeida.                  | 1 |
| L. Jozé da Costa.                        | 1 |
| L. de Menezes Vasconcellos Drumond.      | 1 |
| L. Mendes Ribeiro.                       | 1 |
| L. J. de Souza.                          | 1 |
| L. A. do Rego Faria.                     | 1 |
| L. Felix de Vasconcellos.                | 1 |
| L. Vicente Borge.                        | 1 |
| L. Manuel de Lima.                       | 1 |
| L. Antonio de Siqueira.                  | 1 |
| L. de Matos Pimenta.                     | 2 |
| L. J. da Rocha.                          | 1 |
| L. Antonio de Carvalho.                  | 1 |
| L. J. C. Pereira do Lago.                | 1 |
| L. Manuel de Carvalho.                   | 1 |
| Marquez de Caravellas.                   | 1 |
| Marquez de S. João da Palma.             | 2 |
| Marquez de Baependy.                     | 1 |
| Marquez de Cantagalo.                    | 1 |
| M. de Azevedo Marques.                   | 1 |
| M. de Frias e Vasconcellos.              | 1 |
| M. Maria do Amatal.                      | 1 |
| M. F. Ribeiro de Andrada.                | 1 |
| M. Odorico Mendes.                       | 1 |
| M. J. de Araujo Franco.                  | 2 |

|                                   |   |
|-----------------------------------|---|
| M. do Nascimento Castro e Silva.  | 1 |
| M. Pacheco Pimental.              | 1 |
| M. Zeferino dos Santos.           | 1 |
| M. dos Santos Martinz Vellasques. | 1 |
| M. A. Henriques Tota.             | 1 |
| M. Manço Ferreira de Mesquita.    | 1 |
| M. Mendes da Fonceca.             | 1 |
| M. Vellozo da Silveira Nobrega.   | 1 |
| M. Messias de Leão.               | 1 |
| M. Rodrigues Mocha Portella.      | 1 |
| M. J. Rangel.                     | 1 |
| M. Leão Saraiva.                  | 1 |
| M. Tavares Bastos.                | 1 |
| M. do Nascimento Pontes.          | 1 |
| M. do Rozario Tavares.            | 1 |
| M. Ignacio do Rego.               | 1 |
| M. Gomes de Amorim.               | 1 |
| M. Francisco Lopes.               | 1 |
| M. Coelho Moreira.                | 1 |
| M. Archanjo de Melo.              | 1 |
| M. Apolinario de Araujo.          | 1 |
| M. Jozé da Cunha.                 | 1 |
| M. I. de Carvalho e Mendonça.     | 1 |
| M. Ferreira de Andrade.           | 1 |
| M. Antonio Bricio.                | 1 |
| M. C. de Almeida e Albuquerque.   | 1 |
| M. A. Monteiro de Barros.         | 1 |
| M. Carneiro de Campos.            | 1 |
| M. de Souza Melo e Alvim.         | 1 |
| M. Pereira de Aranjó Barreto.     | 1 |
| M. Alves de Toledo.               | 1 |
| M. A. da Silva Mafra.             | 1 |
| M. Jozé de Melo.                  | 1 |
| M. Vicente de Sampaio.            | 1 |

|                                  |   |
|----------------------------------|---|
| M. Antonio da Silva.             | 1 |
| M. Cypriano de Freitas.          | 1 |
| M. Coelho da Silva.              | 1 |
| M. Rodrigues de Amorim.          | 1 |
| M. Jozé de Campos.               | 1 |
| M. Moreira Lirio.                | 1 |
| M. F. Corrêa Junior.             | 1 |
| M. Antonio Pereira.              | 1 |
| M. J. da Cunha Betancourt.       | 1 |
| M. Pease.                        | 1 |
| M. Jozé Ancelmo.                 | 1 |
| M. J. Alves de Miranda.          | 1 |
| M. Freire de Andrade.            | 1 |
| M. Tavares da Silva Coutinho.    | 1 |
| M. Rodrigues dos Santos.         | 1 |
| M. João Pinheiro.                | 1 |
| M. da Costa Franco Brasileiro.   | 1 |
| M. Joaquim de Almeida.           | 1 |
| M. J. Pereira da Silva.          | 1 |
| M. do Montecarmello Brayner.     | 1 |
| M. Pereira de Araujo.            | 1 |
| M. da Costa Agra.                | 1 |
| M. da Costa Ramos.               | 1 |
| M. Joaquim da Gama.              | 1 |
| M. Rodrigues de Paiva.           | 1 |
| M. Garcia do Amaral.             | 1 |
| M. da Costa Lima.                | 1 |
| M. Pinto Neto Cruz.              | 1 |
| M. J. Pereira Baptista.          | 1 |
| M. de Brito Coutinho.            | 1 |
| M. Miguel Boom.                  | 1 |
| M. Jozé Machado.                 | 1 |
| M. de Souza Brito Correa Caldas. | 1 |
| M. Pereira de Carvalho.          | 1 |

|                                |    |
|--------------------------------|----|
| M. Antonio Gonçalves.          | 1  |
| M. J. Pereira Basto.           | 1  |
| M. Francisco de Carvalho.      | 3  |
| M. Jannario Cordeiro.          | 1  |
| M. Joaquim Pires.              | 1  |
| M. Gomes Barroso.              | 1  |
| M. A. Ribeiro de Vasconcellos. | 1  |
| M. Rodrigues Candido Peixoto.  | 1  |
| M. Joaquim Pardal.             | 1  |
| M. Gomes de Andrade.           | 1  |
| M. A. A. C. Montaury.          | 1  |
| M. Joaquim de Siqueira.        | 1  |
| M. Francisco Barbosa.          | 1  |
| M. Cypriano de Freitas.        | 1  |
| M. Archaujo Pereira.           | 1  |
| N. Tolentino de Vasconcellos.  | 1  |
| N. Gomes da Silva e Souza.     | 1  |
| O. Saraiva de Carvalho.        | 1  |
| P. Antonio da Costa.           | 1  |
| P. J. de Almeida e Silva.      | 1  |
| P. J. da Costa Barros.         | 1  |
| P. Francisco da Cunha.         | 1  |
| P. A. de Sepulveda Everard.    | 1  |
| P. C. Rolim Filho.             | 2  |
| P. Antonio Monhos.             | 1  |
| P. do Amaral e Silva.          | 1  |
| P. Barbosa da Silva.           | 2  |
| P. Coelho d'Alirya.            | 1  |
| P. M. de Azevedo Soute.        | 1  |
| P. Diniz.                      | 1  |
| P. H. de Oliveira Mascaranhas. | 1  |
| Q. Ramos Zotto.                | 4  |
| Religiosos Benedictinos.       | 12 |
| Religiosos Carmelitas.         | 4  |

|                                |   |
|--------------------------------|---|
| R. J. da Cunha Mattos.         | 1 |
| R. Tobias d'Aguiar.            | 1 |
| R. Mendes de Carvalho.         | 1 |
| R. Roseis.                     | 1 |
| R. Filippe Lobato.             | 1 |
| S. Jozé Maciel.                | 1 |
| S. J. A. Pereira do Lago.      | 1 |
| S. Ferreira Barboza.           | 1 |
| S. Jozé de Abreo.              | 1 |
| S. F. de Oliveira Chagas.      | 1 |
| S. J. de Souza Lima.           | 1 |
| S. Navarro de Andrade.         | 1 |
| S. Jozé Henriques.             | 1 |
| S. da Costa Cirne.             | 1 |
| S. Jozé de Souza.              | 1 |
| S. Gonçalves Barrozo.          | 1 |
| S. Domingues Coelho.           | 1 |
| S. M. P. de Lacerda.           | 1 |
| S. J. da Silva Corado.         | 1 |
| S. Tertuliano Castelbranco.    | 1 |
| T. de Mello.                   | 1 |
| T. da França Xavier Brun.      | 1 |
| T. J. Dantas Correa.           | 4 |
| T. Correa Accioli.             | 1 |
| T. de Aquino de Las Casas.     | 1 |
| T. Gomes de Azevedo.           | 1 |
| T. A. Gonçalves de Medeiros.   | 2 |
| T. S. Pereira do Lago.         | 1 |
| Visconde da Praia Grande.      | 1 |
| Visconde de Caethé.            | 1 |
| Visconde de Congonhas.         | 1 |
| V. Delgado Freire.             | 1 |
| V. Ferreira de Castro e Silva. | 1 |
| V. Henriques de Rezende.       | 1 |

|                                 |   |
|---------------------------------|---|
| V. J. Marinho Pereira Palhares. | 1 |
| V. Henrique de Miranda.         | 1 |
| V. P. de Oliveira Villas Boas.  | 1 |
| V. J. Gomes Carmillo.           | 1 |
| V. do Rego Toscano Barreto.     | 1 |
| V. Thomaz dos Santos.           | 1 |
| V. Marques Lisboa.              | 1 |
| V. Leonel Victor.               | 4 |
| V. Antonio da Costa.            | 2 |
| Z. Pimentel Moreira Freire.     | 1 |

FIM DA LISTA.







254 卜卜. 74 22.

14.

LIBRARY OF CONGRESS



0 015 920 731 6